UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA

LINHA DE PESQUISA: MÍDIA E IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS

QUE FUTEBOL É ESSE?

UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL FEMININO NO SITE GLOBOESPORTE.COM

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Lucas Brum Corrêa

Santa Maria, RS, Brasil

2018

QUE FUTEBOL É ESSE?

UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL FEMININO NO SITE GLOBOESPORTE.COM

Lucas Brum Corrêa

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa de Mídia e Identidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**.

.

Orientador: Flavi Ferreira Lisbôa Filho

Santa Maria, RS, Brasil

2018

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado

QUE FUTEBOL É ESSE?

UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL FEMININO NO SITE GLOBOESPORTE.COM

elaborada por

Lucas Brum Corrêa

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:

_____
Flavi Ferreira Lisbôa Filho, Dr. (UFSM)
Presidente/orientador

_____
Ana Luiza Coiro Moraes, Dra. (Faculdade Casper Líbero)

_____
Marli Hatje Hammes, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 2018.

RESUMO

Qualificação de Dissertação de Mestrado

Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Universidade Federal de Santa Maria

QUE FUTEBOL É ESSE?

UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL FEMININO NO SITE GLOBOESPORTE.COM

Autor: Lucas Brum Corrêa
Orientador: Flavi Ferreira Lisbôa Filho
Santa Maria, 29 de março de 2018

A presente pesquisa tem como intuito analisar a forma como ocorrem as representações do futebol feminino no site globoesporte.com. Trabalhou-se principalmente com autores dos Estudos Culturais, um movimento social, político e intelectual preocupado com que os processos culturais aconteçam de modo justo e igualitário na sociedade, a partir de uma concepção de cultura complexa e ativa. Os objetivos específicos que nortearam este estudo foram: problematizar reflexões sobre o recorte de gênero no futebol brasileiro; verificar como as temáticas referentes ao futebol feminino são posicionadas no site de notícias pesquisado; perceber como se dá a mediação das representações do futebol feminino e os processos de inclusão e exclusão. Para cumprir tais tarefas utilizou-se a metodologia de análise cultural, associada também a uma observação on-line qualitativa, a partir do desenvolvimento de um percurso próprio de análise. A análise da cultura se deu em três diferentes dimensões: social, documental e institucional, e foi concluída na esfera da mediação, instância que articula as três dimensões que auxiliam a compor um panorama das representações midiáticas do futebol feminino. Foi possível perceber que os processos de construção das representações se dão conectados a um contexto social mais amplo e são mediados por diversos elementos. Identificou-se representações com vestígios de silenciamento, inclusão, preconceito de gênero e indiferença no que se refere às representações do futebol feminino no site analisado.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Futebol; Gênero; Mediação; Representações.

ABSTRACT

Qualificação de Dissertação de Mestrado

Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Universidade Federal de Santa Maria

WHAT SOCCER IS THAT?

AN ANALYSIS OF THE REPRESENTATIONS OF FEMALE SOCCER ON THE GLOBOESPORTE.COM WEBSITE

Author: Lucas Brum Corrêa
Advisorr: Flavi Ferreira Lisbôa Filho
Santa Maria, March 29th, 2018.

The present work aims to analyze the way in which representations of women 's football take place on globoesporte.com. We worked mainly with authors of Cultural Studies, a social, political and intellectual movement concerned that cultural processes happen in a fair and egalitarian way in society, from a conception of complex and active culture. We have specific objectives that guide this research: to problematize reflections about the gender cut in Brazilian soccer; to verify how the themes related to women's football are positioned on the news site searched; To understand how the mediation of representations of women's football and the processes of inclusion and exclusion take place. To fulfill these tasks we use the methodology of cultural analysis, also associated to a qualitative online observation, from the development of a proper course of analysis. The analysis of culture takes place through three different dimensions: social, documentary and institutional, and is concluded in the sphere of mediation, an instance that articulates the three dimensions that help to compose a portrait of the media representations of women's football. It was possible to perceive that the processes of construction of the representations are connected to a wider social context and are mediated by several elements. Representations with traces of silence, inclusion, gender bias and indifference were identified.

Key-Words: Cultural Studies; Genre; Mediation; Representations; Soccer.

AGRADECIMENTOS

As conquistas acadêmicas, titulações, diplomas, etc; de forma geral são conquistas nominais de um indivíduo, entretanto, são inúmeras as pessoas importantes que nos acompanham em uma caminhada tão complexa quanto um mestrado, por exemplo, sem as quais jamais seria possível alcançar os objetivos individuais. A gratidão é um sentimento que enobrece.

Agradeço primordialmente aos meus pais, Sérgio e Cíntia, pelo amor recebido durante toda a vida, pelo suporte de todas as formas imagináveis, e por acreditarem que sou capaz de fazer qualquer coisa, sem nunca precisar deixar de ser quem eu sou. Sou muito grato ao meu irmão e companheiro de todas as horas, Thomaz, e a todos os meus familiares, que são os pilares da minha vida.

Impossível citar todos os meus amigos, que são fundamentais nas horas boas e principalmente nos momentos difíceis, sem amigos eu nada seria. Mas faço questão de destacar aqui Leonardo, Lucas, Diozer e Bruna, que nesse período do mestrado foram muitas vezes família também, não me deixando cair mesmo quando o mundo parecia desabar.

Obviamente sou mais do que grato ao meu orientador, Flavi Ferreira Lisboa Filho, pela confiança, paciência e todo conhecimento oferecido desde os tempos de graduação. Agradeço também a banca examinadora pela atenção, disponibilidade e contribuições, a todos os componentes da FACOS e a coordenação da Pós-Graduação em Comunicação, pelo auxílio eficiente sempre que necessário.

Por fim, agradeço muito a Universidade Federal de Santa Maria, local onde me sinto e sempre me sentirei em casa.

“E justamente o conjunto de normas que permite juntar, como podemos muito bem observar vendo um jogo de futebol, a ação com o pensamento, o desejo com o conceito, o aqui e agora com o passado e, às vezes, com a esperança do futuro.”

(Roberto da Matta, O Universo do Futebol)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Circuito da Cultura, segundo du Gay et al (1997)----------**68**
FIGURA 2: Análise Cultural-Midiática das representações do futebol feminino ---------- **69**
FIGURA 3: Atalhos do futebol no siteglobo esporte.com ----------**88**
FIGURA 4: Página do Futebol Feminino no globoesporte.com ----------**89**
FIGURA 5: Notícia 01----------**90**
FIGURA 6: Notícia 02----------**91**
FIGURA 7: Notícia 03----------**93**
FIGURA 8: Notícia 04----------**94**
FIGURA 9: Notícia 05----------**96**
FIGURA 10: Notícia 06----------**97**
FIGURA 11: Notícia 07----------**99**
FIGURA 12: Notícia 08----------**100**
FIGURA 13: Notícia 09----------**101**
FIGURA 14: Notícia 10----------**102**
FIGURA 15: Notícia 11----------**104**
FIGURA 16: Notícia 12----------**105**
FIGURA 17: Notícia 13----------**107**
FIGURA 18: Notícia 14----------**108**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ----------10

1. ESTUDOS CULTURAIS, GÊNERO E O FUTEBOL BRASILEIRO----------20
1.1. Introdução aos Estudos Culturais e a pauta feminista----------20
1.2. Articulando conceitos: ideologia, hegemonia, regulação e mediação ------27
1.3. Futebol brasileiro: fenômeno midiático e sociocultural----------37

2. REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS E O FUTEBOL FEMININO----------43
2.1. Representações midiáticas das minorias na sociedade contemporânea--43
2.2. Futebol feminino e historicidade----------53
2.3. A imprensa futebolística brasileira e a questão de gênero----------58

3. METODOLOGIA----------63
3.1. Análise cultural: cultura registrada e cultura vivida----------64
3.2. Observação On-line Qualitativa----------66
3.3. Apresentação do diagrama autoral de análise----------67
3.4. Dimensões de Análise----------71

4. ANÁLISE CULTURAL-MIDIÁTICA----------76
4.1. Dimensão Institucional----------77
4.2. Dimensão Social----------82
4.3. Dimensão Documental----------86
4.3.1. Futebol feminino no website----------87
4.3.2. Notícias----------89
4.4. Mediação----------110

CONSIDERAÇÕES FINAIS----------115

REFERÊNCIAS----------118

INTRODUÇÃO

Os Estudos Culturais são uma corrente intelectual composta por autores preocupados com que os processos culturais ocorram de maneira democrática e justa em todas as esferas da sociedade, considerando-se todos os contextos sociais que a compõem. Esta perspectiva será a principal base teórico-metodológica deste trabalho, o que exige uma compreensão abrangente do termo “cultura”, que supere a ideia simplista e cotidiana de que a palavra está ligada apenas aos costumes e às tradições de um povo. Segundo Hall (1997), toda ação social é “cultural”, e as práticas sociais expressam um significado. Quando aceitamos que toda ação social é uma ação cultural, concordamos também que a cultura está presente em qualquer atividade que realizamos, desde os mais simples atos até os mais complexos.

Sendo assim, em todos os momentos, produz-se cultura e sofre-se a influência da mesma. Como a cultura nos acompanha permanentemente, é essencial refletir a respeito da maneira como esses processos ocorrem, de que forma a cultura é propagada para as populações e quais consequências esses sistemas provocam em nossas vidas. É neste momento que a reflexão atinge um ponto de discussão primordial neste estudo, que está conectado aos hábitos culturais da sociedade contemporânea brasileira: o futebol. Neste projeto trataremos mais especificamente do futebol feminino e suas relações com a esfera cultural e midiática.

Mais do que um jogo, o futebol é um fenômeno social e histórico complexo. Esporte mais popular do Brasil e do mundo, assume um papel que supera apenas o desportivo, se inserindo no contexto cultural das sociedades, sendo capaz de alterar a rotina de um país inteiro e ser uma ferramenta comercial e de entretenimento. Contratos milionários, patrocinadores, venda de material esportivo, direitos de imagem, marketing, propaganda, renda com ingressos, são algumas das formas em que o futebol se posiciona também no mercado econômico.

Em um país repleto de problemas sociais como o Brasil, a paixão pelo futebol pode ser considerada uma “válvula de escape” para as dificuldades do dia a dia de grande parcela da população. O futebol é ou já foi praticado pela maior parte do povo brasileiro, é muito comum que as crianças joguem desde

muito novas, em escolinhas de futebol organizadas, mas principalmente em “campinhos” improvisados em ruas e praças. Talvez seja um esporte tão popular porque não demanda grande infraestrutura para a sua prática: havendo uma esfera, seja ela de couro, tecido ou plástico, as balizas podem ser simuladas até mesmo por um par de chinelos.

Contudo, principalmente no Brasil, este esporte aparentemente abrangente e de fácil acesso, ainda possui diversos aspectos a serem aprimorados no que diz respeito ao seu potencial de inclusão social. Um deles é a questão de gênero: afirmar que o ambiente do futebol é majoritariamente masculino e que o cenário, de modo geral, é machista, está longe de ser um absurdo. Apenas um exemplo: no ano de 1908, em Londres, o futebol passou a ser considerado oficialmente um esporte Olímpico, entretanto, o torneio feminino de futebol passou a fazer parte da agenda olímpica apenas nos Jogos de Atlanta em 1996. Os responsáveis pela administração desse esporte alocam, historicamente, as mulheres em segundo plano, no banco de reservas do contexto futebolístico. É evidente que o incentivo financeiro também apresenta disparidades gritantes na comparação entre homens e mulheres da modalidade. Se ressaltados alguns feitos históricos de brasileiras jogadoras de futebol, percebe-se que uma possível justificativa para uma atenção menor despendida a elas não encontra sustentação no argumento do baixo desempenho, por exemplo, a atleta Formiga é a brasileira com mais participações em Jogos Olímpicos em toda a história, independentemente de modalidade ou gênero, são seis no total. Já a atleta Marta supera até mesmo Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, no posto de maior artilheira da seleção brasileira de futebol em todos os tempos. Esses exemplos demonstram que o futebol feminino no Brasil possui relevância esportiva com resultados expressivos que podem ser abordados e representados nos meios midiáticos.

Neste contexto, o conceito de representação será fundamental para a elucidação das discussões propostas pelo trabalho. Segundo Jodelet (1993), construímos representações porque necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca, e precisamos nos ajustar e resolver problemas que ele apresenta, pelo fato de compartilharmos esse mundo com outros seres. Ainda, as representações sociais são vitais para a interpretação da vida cotidiana, pois nos guiam no momento de nomear e definir diferentes aspectos

da realidade, de modo que possamos assumir uma posição a respeito de algo e defendê-la se necessário.

A ideia de realizar uma crítica social através do conhecimento disponibilizado pelos Estudos Culturais encontrou no futebol feminino um elemento suficientemente atraente para suportar tal tarefa. Não pretendemos de forma alguma ignorar a existência de outras inúmeras situações problemáticas com relação ao futebol no contexto social brasileiro como um todo, porém, o recorte minoritário escolhido para a realização deste estudo é a questão de gênero, do futebol feminino na mídia. Fica evidenciada a pertinência da inserção do projeto na área de Comunicação Midiática e na linha de Mídia e Identidades Contemporâneas, justamente pelo tema e objeto do projeto, que envolvem diretamente a comunicação midiática e a construção de identidades através de representações sociais e culturais. Além de todo o cenário apresentado anteriormente, o projeto também se justifica pela relevância social de sua discussão, que possibilita reflexões para muito além do meio acadêmico. A repercussão gerada pelas redes sociais e discussões sobre o tema durante os Jogos Olímpicos do Rio em 2016 demonstra que se trata de um debate que desperta interesse e origina diálogo entre diversos sujeitos, dos mais diversificados contextos culturais e sociais. A emergência em discutir o tema e promover mudanças significativas na sociedade contemporânea, também demonstra a importância de investigação, principalmente pelo papel cultural do futebol na sociedade brasileira e pelo compromisso social que deve ser assumido por um comunicador. O objeto pode apontar a origem de diversos obstáculos que estão presentes não só no meio esportivo, mas também nos meios político, econômico e cultural dos nossos modelos de organização social.

A opção por trabalhar com o site globoesporte.com possui razões importantes. O fato de o objeto ser um produto do Grupo Globo, um dos maiores conglomerados de mídia do planeta, aloca ao site um status de referência na área e dá suposta credibilidade às informações. Por outro lado, o tamanho do alcance da emissora também desperta o interesse deste trabalho e dos Estudos Culturais, pelo viés da possibilidade da consolidação de monopólios midiáticos hegemônicos, principalmente quando não raramente envolvem-se neste cenário, contextos ideológicos, políticos e econômicos.

O trabalho se justifica também pelo gosto pessoal do pesquisador. Por possuir uma trajetória particular fortemente relacionada ao esporte, principalmente ao futebol, - tanto como atleta quanto torcedor, telespectador e consumidor (inclusive assistindo *in loco* a eventos como a Copa do Mundo de futebol masculino de 2014 e uma partida da seleção brasileira de futebol feminino nos Jogos Olímpicos de 2016) – a pesquisa desperta o interesse do autor e sua temática o instiga, fator indispensável na construção desta pesquisa. É válido ainda ressaltar, que o autor faz parte da audiência do site de notícias selecionado, e como Comunicador Social, interessa ao pesquisador ampliar seu conhecimento com relação ao objeto e às possíveis intenções que compõem a produção das notícias e estrutura do mesmo. Para cumprir essas e as demais metas do estudo, é necessário mapear outras pesquisas de temática semelhante.

Realizar a pesquisa do estado da arte é uma experiência importante na construção do projeto. Lidar com as limitações específicas de cada plataforma de pesquisa é um desafio a ser enfrentado. Utilizamos os seguintes bancos de dados, numa temporalidade que levou em conta os trabalhos realizados na última década: acervo de teses e dissertações IBICT, banco de teses e dissertações CAPES, banco de Teses e dissertações UFRGS, banco de teses e dissertações USP e website da COMPOS. A pesquisa foi feita a partir da combinação de eixos de palavras-chave como “Estudos Culturais”, “Comunicação/Mídia”, “Representação”, “Esporte/Futebol” e “Gênero/Feminino”. Pudemos detectar a necessidade em aprofundar as pesquisas no assunto, além de observar diversos conceitos e enfoques metodológicos importantes e úteis para a construção deste estudo. Percebeu-se que apesar de existir uma quantidade elevada de trabalhos que tratam sobre o tema do futebol e da sua relação com a esfera midiática, são reduzidos os que trabalham com o recorte do futebol feminino. Trazemos a seguir breves relatos sobre as pesquisas que consideramos mais relevantes e de alguma forma alinhados com as inquietações deste trabalho.

Destacamos aqui a tese “Femininos e Masculinos no Futebol Brasileiro”, de Jorge Dorfman Knijnik, do ano de 2006, pesquisa orientada pelo Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos, da USP. O trabalho se propõe a estudar as relações de gênero no futebol, a partir das representações sociais das

futebolistas que disputaram o Campeonato Paulista Feminino de Futebol de 2004. A pesquisa, da área da Psicologia Social, utiliza a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, que analisou entrevistas estruturadas com 33 atletas, empregando um referencial teórico baseado em teorias sobre identidade de gênero e direitos humanos. Constatou-se que o preconceito é aquilo que mais baliza a vida esportiva e a carreira destas jogadoras, influenciando em seu desenvolvimento esportivo, e até mesmo afastando atletas do esporte.

É extremamente válido trazermos aqui também a dissertação de Lauren Santos Steffen, “Relações e tensões em campo: tipificações e cultura vivida na série especial do Jornal Nacional com os jogadores da seleção brasileira”, orientada pelo Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho, do ano de 2016, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Essa dissertação foi realizada por uma aluna componente do mesmo grupo de pesquisa no qual se insere o presente trabalho e possui o mesmo orientador. A proposta do trabalho é realizar, pela perspectiva dos Estudos Culturais, uma análise cultural-midiática das tipificações construídas pela série especial do Jornal Nacional com jogadores da seleção brasileira de futebol masculino, em contraposição com elementos da cultura vivida, a partir do conceito de Raymond Williams (1979). O trabalho apresenta grande contribuição metodológica ao desenvolver um diagrama próprio de análise, que leva em conta a economia, a política, a sociedade e o telejornalismo esportivo, inseridos no meio social no formato de práticas materiais. Com o intuito de apontar as tipificações construídas nas histórias de vidas de três jogadores selecionados, a autora realizou uma análise textual. A partir da análise a autora determina três categorias de tipificações diferentes de jogadores representadas na série. A autora conclui também que na tentativa de demonstrar o protagonismo dos jogadores de futebol, alocando-os como personagens principais, a série realiza apenas uma estratégia mercadológica, buscando ganhar audiência por meio de uma representação ilusória e homogênea. Esse protagonismo ilusório é problemático, na medida em que disfarça diversas situações precárias, ao passar a ideia de que se valoriza e representa a totalidade dos jogadores de futebol, sem considerar a diversidade e a pluralidade de suas histórias de vida.

Ainda, outro trabalho que consideramos relevante ressaltar, é a dissertação “Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação”, da História Social da USP (2015), pela autora Giovana Capucim e Silva e sob orientação do Prof. Dr. Flavio de Campos. A pesquisa analisa os discursos da imprensa paulista acerca do futebol praticado por mulheres durante o período da ditadura civil militar, época na qual a modalidade era proibida no Brasil (1965-1983). Para a análise de discurso, utilizaram-se cinco periódicos – O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Placar, A Gazeta Esportiva e A Gazeta Esportiva Ilustrada – para identificar de que formas o futebol feminino era retratado – ou silenciado - na imprensa. A autora aponta que a proibição do futebol feminino, não era totalmente rígida e definitiva, e durante aquele espaço de tempo, a visibilidade dos jogos na imprensa e as justificativas para a sua proibição se transformaram, assim como os critérios sobre para quais futebóis e para quais mulheres se deveria fazer “vista grossa” à sua aplicação. Essas modificações estavam diretamente relacionadas às mudanças nas visões hegemônicas sobre o que se considerava o ideal do “ser mulher”, muitas das quais relacionadas ao contexto político vivido pelo país.

Encontramos também a dissertação de Renato Machado Saldanha, intitulada “Placar e a produção de uma representação de futebol moderno”, de 2009, trabalho da Antropologia Social, orientado pela Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner, da UFRGS. Essa dissertação, a partir do aporte teórico dos Estudos Culturais, trata das representações produzidas e veiculadas pela mídia sobre o futebol na Revista Placar, da editora Abril. O estudo concentra-se nas edições publicadas entre abril de 1995 e março de 1999, e a análise cultural desse material permite ao autor afirmar que, a representação de futebol moderno produzida pela revista naquele momento gira em torno de três eixos principais: 1) a gestão moderna: onde valores empresariais são incorporados e o futebol é administrado como um negócio que objetiva, direta ou indiretamente, ao lucro financeiro; 2) o torcedor moderno: entendido como um consumidor, distanciado no estádio de seus pares e da própria partida, e com sua relação com o clube dessacralizada; e, 3) o jogador moderno: pensado e produzido cientificamente, e preocupado em vender bem sua imagem. Por fim,

o autor finaliza realizando uma reflexão sobre os pontos de articulação entre os três eixos.

A dificuldade capital a ser enfrentada pelo presente estudo permeia o fato de o que o ambiente do futebol é majoritariamente masculino. Esta pesquisa se trata de uma crítica social, pautada também por questões de minorias sociais e manutenção de posições de poder. É necessário, de forma justa e igualitária, ampliar os debates sobre a temática e trazer questões emergentes para serem analisadas. As jogadoras e os jogadores de futebol carregam consigo o imaginário da população brasileira, e em um contexto de baixo nível de consciência social é preciso buscar uma compreensão completa e ampla dos problemas. Com base nas diferentes inquietações já levantadas, pudemos culminar o problema que norteará a pesquisa na seguinte questão: “Como são produzidas e mediadas as representações do futebol feminino no site de notícias globoesporte.com?”

A finalidade principal desta pesquisa é analisar a forma como ocorrem as representações do futebol feminino no site de notícias globoesporte.com. Para atingir este objetivo geral, será necessário alcançar outros, mais específicos, que proporcionem uma leitura completa à proposta de análise, são eles: problematizar reflexões sobre o recorte de gênero no futebol brasileiro; verificar como as temáticas referentes ao futebol feminino são posicionadas no site de notícias pesquisado; perceber como se dá a mediação das representações do futebol feminino e os processos de inclusão e exclusão.

Abordamos frequentemente a preocupação com a desigualdade de gênero no futebol brasileiro e em suas representações devido a diversos fatores, como por exemplo, o fato de trabalhos selecionados pelo estado da arte constatarem essa desigualdade e apontarem que a sequência dos avanços da temática devem ir à direção de investigar as possíveis motivações para que isto ocorra. Soma-se uma reflexão bastante simples já naturalizada em nossa sociedade, meios midiáticos e até mesmo – vide estado da arte – no meio acadêmico: quando utilizados os termos “seleção brasileira de futebol”, ou “seleção brasileira”, ou simplesmente “seleção”, subentende-se que se fala sobre a seleção brasileira masculina de futebol. Já a feminina precisa ser nomeada como feminina. Outra circunstância que deve ser ressaltada diz respeito ao site globoesporte.com, pois não existe um atalho para que se

acesse a página “Futebol Feminino” no site, a página existe, porém só é possível identificá-la realizando uma busca em sites de pesquisa. O futebol masculino por sua vez, tem todo o tipo de conexão e atalhos já diretamente na primeira página do site, em que se acessam as páginas detalhadas de qualquer equipe brasileira, ou campeonato de futebol masculino do mundo com extrema facilidade. Estes elementos serão mais bem especificados e ilustrados ao longo do trabalho.

O trabalho será estruturado em dois capítulos teóricos, seguidos de um metodológico e de outro de análise, com as considerações finais posteriormente. O primeiro capítulo teórico demonstrará a importância dos Estudos Culturais para o trabalho, aproximando também a pauta feminista e o futebol brasileiro, sendo dividido em três subcapítulos. No primeiro tópico deste capítulo realizaremos uma exposição do histórico e das motivações dos Estudos Culturais, campo teórico que nos servirá como base durante todo o trabalho, apresentando também a pauta feminista. Buscaremos esclarecer como a influência dos contextos sociais e político são decisivos numa concepção de cultura ampla e plural. Abordaremos no segundo subcapítulo os conceitos de hegemonia, ideologia, regulação cultural e mediação com base no conhecimento provido pelos pesquisadores da área. No terceiro tópico do capítulo discutiremos as relações entre futebol, sociedade e a esfera midiática, com foco principal no cenário brasileiro contemporâneo. Serão abordados os papéis sociais do futebol brasileiro e a capacidade da mídia estar fortemente vinculada com a constituição de uma visão de mundo.

O segundo capítulo teórico desta dissertação será igualmente dividido em três tópicos e introduzirá o conceito de representação, trabalhando sua conexão fundamental com a esfera midiática e com o futebol feminino, a partir também de uma retomada histórica da modalidade. No primeiro subcapítulo, apresentaremos o conceito de representação, a partir da perspectiva da representação social do outro e das minorias, discutindo a relevância da mídia na construção de representações sociais, para posteriormente trabalharmos com a ideia de representação midiática. No segundo trecho do capítulo abordaremos a história do futebol feminino e os desdobramentos que nos trazem à conjuntura atual. No terceiro tópico será inserida também nesse debate a questão de gênero conectada ao âmbito esportivo e à imprensa

brasileira, trazendo à baila os valores culturais e sociais envolvidos nesse contexto, já visando uma aproximação com o objeto de análise.

No capítulo do processo metodológico, iniciaremos com base na obra de Raymond Williams (1995), apresentando a definição de análise cultural, que no caso do presente estudo se tratará de uma análise cultural-midiática, por trabalharmos diretamente com a esfera midiática. Buscamos desenvolver um percurso próprio de análise, ilustrado por uma figura metodológica, que expressa as três dimensões de análise do trabalho: Social, Documental e Institucional. A conexão fundamental entre as três dimensões, que se relacionam de modo circular e constante, se dá a partir da perspectiva da "mediação", conceito central no diagrama, que será explorado a partir de Williams (1979). Ainda pelo viés de Williams (2003), apresentaremos a perspectiva do materialismo cultural e conceitos de cultura vivida e cultura registrada. A cultura vivida servirá para constatar o local que o futebol feminino ocupa na sociedade, e a cultura registrada será viabilizada pela pesquisa on-line qualitativa, a partir da obra de Telma Johnson (2010). Serão conceitos importantes também, principalmente inseridos na Dimensão Institucional da análise, os de "regulação da cultura", segundo Hall (1997), e os de "ideologia" e "hegemonia" a partir de Williams (1979).

No último capítulo se dará a análise cultural-midiática. É possível alegar que o que percebemos sobre o futebol feminino se dá a partir daquilo que vemos nos meios de comunicação, daquilo que experienciamos e vivemos e daquilo que regula o dia a dia do futebol. Desta forma, a análise será dividida em três dimensões culturais: Social, Documental e Institucional. Dar-se-á conta da Dimensão Social por meio da cultura vivida, trazendo dados contextuais. O mapeamento das notícias selecionadas para a observação on-line será encarado como o espaço de escrituração Documental desta cultura registrada, criando novamente conexões com os Estudos Culturais. Já a Dimensão Institucional abrangerá o que regula o futebol feminino, como as posições hegemônicas de lugar de fala e as legislações que governam a modalidade. Para concluir a análise, faremos o fechamento a partir da perspectiva de "mediação", segundo Williams (1979). Ponderar este percurso pelo viés da mediação nos permitirá visualizar um elo que articula as três dimensões de cultura constantemente, possibilitando um exame abrangente destes contextos.

A pesquisa será concluída com as considerações finais do autor, seguidas das referências bibliográficas.

1. ESTUDOS CULTURAIS, GÊNERO E O FUTEBOL BRASILEIRO

O primeiro capítulo teórico demonstrará a importância dos Estudos Culturais para o trabalho, aproximando também a pauta feminista e o futebol brasileiro, sendo dividido em três subcapítulos. No primeiro deles realizaremos uma apresentação do histórico e das motivações dos Estudos Culturais, campo teórico que nos servirá como base durante todo o trabalho, trazendo também a história do feminismo dentro do movimento. Abordaremos no segundo subcapítulo os conceitos de hegemonia, ideologia, regulação cultural e mediação com base no conhecimento provido pelos pesquisadores da área. No terceiro tópico do capítulo discutiremos as relações entre futebol, sociedade e a esfera midiática, com foco principal no cenário brasileiro contemporâneo. Serão abordados os papéis sociais do futebol brasileiro e a capacidade da mídia estar fortemente vinculada com a constituição de uma visão de mundo.

1.1. Introdução aos Estudos Culturais e a pauta feminista

Situado em um contexto britânico pós-guerra, em um país de práticas e valores morais que privilegiavam amplamente conceitos elitistas, ganhou força, principalmente a partir dos anos 1960, um movimento político, social e intelectual que visava desconstruir a concepção de cultura que se tinha até aquele momento. Segundo Escosteguy (2010), os primeiros pesquisadores dos Estudos Culturais concentraram seus esforços iniciais na missão de derrubar as noções aristocráticas que permeavam o âmbito cultural e a sociedade britânica da época. Eles propunham que a investigação das formações sociais e culturais fosse realizada de maneira mais inclusiva, destacando todas as variáveis de contextos culturais existentes no corpo social.

No entendimento de um dos principais autores desse campo de estudos, Raymond Williams (1979), é necessário respeitar cada contexto histórico específico, antes de se fixar uma definição para o termo “cultura”. Ele analisa

as mudanças que o conceito foi sofrendo com o passar do tempo, resgatando significados desde quando “cultura” tinha relação com “cultivo”, até o momento, principalmente a partir do século XVI, em que as noções acerca da palavra tornaram-se mais abrangentes, passando a referir-se também ao conhecimento erudito. No decorrer da história, o termo compreendeu também significações relacionadas a mudanças e progressos sociais, valores familiares, artes, religião e costumes de uma maneira geral. Williams (1979) crê que a concepção de cultura não pode ser examinada separadamente de outros conceitos, como ideologia e linguagem.

Segundo Escosteguy (2010), as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como sua relação com a sociedade e as mudanças sociais compõem o eixo principal de pesquisa dos Estudos Culturais. Dessa forma, torna-se inegável a relevância de um campo de estudos tão amplo e abrangente e a aplicação de suas análises na sociedade contemporânea.

Um marco de destaque na história dos Estudos Culturais foi a inauguração do CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studies) da Universidade de Birmingham, em 1964. Tratava-se de um centro de estudos que buscava discutir e teorizar a respeito das formas, práticas, instituições culturais e suas interações com a sociedade e as mudanças sociais. O projeto de Hoggart, primeiro diretor do Centro, tinha o objetivo de criar contrapontos à elitista escola de pensamento cultural inglesa e os variados tipos de restrições impostas às camadas populares e minorias que estavam implícitas a esse pensamento. De acordo com Schulman (2010, p.178), “a ênfase de Marx nas relações de classe era plenamente compatível com o foco do Centro na cultura popular, concebida como um reflexo da luta implícita da classe operária por sua auto-expressão”.

O surgimento do Centro perturbou alguns setores da tradição acadêmica britânica da época que desgostavam de estudos que ultrapassavam os limites do controle científico “apropriado”. Isso significava uma tentativa de imposição de limites ao campo de estudo e de luta dos Estudos Culturais, para evitar que o mesmo chegasse a uma crítica social profunda a ponto de propor soluções que pudessem modificar de fato a maneira como as hierarquias da sociedade estavam estruturadas. Porém, Schulman (2010) lembra que os Estudos

Culturais fazem questão e orgulham-se de não ter nenhuma doutrina ou metodologia “aprovada pela casa”, sendo concebidos como um modo de análise variável, flexível e crítico. Desta forma, os Estudos Culturais não conformam uma ‘disciplina’, e sim uma área onde distintas disciplinas se relacionam, mirando a análise de aspectos culturais e sociais.

É, portanto, um campo de estudo extremamente complexo, em que se faz ausente uma definição rígida e as habituais limitações de disciplinas mais ortodoxas. Por se valer predominantemente de conceitos marxistas, a fuga de teorias inflexíveis acompanha toda a trajetória dos Estudos Culturais, tornando essa tentativa de afastamento de um aparente determinismo um enorme paradoxo, motivo de intermináveis debates entre conhecedores da área. Schulman (2010, p.181) afirma que:

> Assinalar a diversidade do CCCS não significa dizer que as pessoas de fora não o viam, ao menos às vezes, como uma perspectiva unificada, quase monolítica, que depende de um grupo de conceitos e termos altamente especializados que podem ser relativamente opacos para usuários comuns da língua inglesa. É interessante observar que, como um projeto intelectual, os Estudos Culturais são, em geral, definidos em termos daquilo que negam ou daquilo com o qual rompem.

Segundo Johnson (2010a, p.10), “a codificação de métodos ou de conhecimento vai contra algumas das principais características dos Estudos Culturais”. Contra, por exemplo, à sua abertura e versatilidade teórica, seu espírito reflexivo e, especialmente, a importância de receber críticas. É interessante, neste contexto, analisar a palavra “crítica” num sentido amplo, não necessariamente negativo, que legitima o citado espírito reflexivo e aberto do campo, na medida em que não haveria lógica num movimento que “hasteasse a bandeira” da versatilidade e não estivesse disposto a assumir suas imperfeições, corrigindo-as e atualizando-se com o passar do tempo e o surgimento de novas problemáticas. Sobre o termo cultura, Johnson (2010a, p.24) diz tratar-se de uma ilusão racionalista pensar que os autores dos Estudos Culturais pudessem dizer: “de agora em diante esse termo significará...” e esperar que toda uma história de conotações se colocasse obedientemente em fila assumindo aquela única definição. Ter esta conclusão

em vista não significa ignorar as contribuições do Centro e de seus adjuntos na idealização do termo, mas sim admitir que essa seja uma questão subjetiva, na qual os Estudos auxiliam a construir e dar aporte a distintas interpretações.

As relações de classe e suas decorrências estão intimamente conectadas com os objetos de análise dos Estudos Culturais, assim como guiaram boa parte do trabalho de Marx. Johnson (2010a, p.13) também cita as três principais premissas de Marx que influenciam os Estudos Culturais:

> 1. Os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais. 2. Cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. 3. Cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e lutas sociais.

É impossível distanciar os Estudos Culturais das questões governamentais. Desde o seu surgimento até o momento presente, as pautas e as críticas do movimento sempre foram prioritariamente políticas. A busca por mudanças no modo como o Estado age com relação ao acesso aos bens culturais e também no modo como o sistema político funciona como um todo está intrínseco na origem de qualquer pesquisa dos autores dos Estudos Culturais. Segundo Escosteguy (2010, p.141),

> A proposta original dos Estudos Culturais é considerada por alguns como mais política do que analítica. Embora sustentasse um marco teórico específico – amparado principalmente no marxismo – a história deste campo de estudos está entrelaçada com a trajetória da New Left, de alguns movimentos sociais (Workers Educational Association, Campain for Nuclear Disarmament) e de publicações (entre elas a New Left Review) que surgiram em torno de respostas políticas à esquerda.

Mais tarde, os Estudos Culturais transformaram-se em importante suporte intelectual que embasava uma militância que buscava significativas mudanças sociais. A “New Left” foi o principal movimento político fortemente associado aos Estudos Culturais. A revista New Left Review era contra o monopólio da BBC e a favor da inclusão de programas sobre esporte, comédia,

jazz, música popular e jogos. Projetos semelhantes condenaram o significado social do escotismo, considerado machista e conservador, e analisaram também a cobertura dos esportes na televisão, os hippies e o reggae. Schulman (2010, p.186) lembra que: “A Nova Esquerda foi um movimento político fortemente socialista, anti-imperialista e antirracista, favorável à nacionalização das principais indústrias e da abolição do privilégio econômico e social.” A Nova Esquerda ainda estava por trás dos esforços em favor do desarmamento nuclear e do enriquecimento da vida social e cultural das classes operárias da época dos anos 1960.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria permitiu que regimes capitalistas criassem uma identificação negativa do socialismo com a política da URSS de Stalin, e a relativa riqueza da classe operária no pós-guerra levou a um enfraquecimento do Partido Trabalhista na Inglaterra. A não emergência de um movimento revolucionário privou a esquerda de conceitos e apoio para analisar sua própria sociedade e alcançar condição de mudá-la. Em 1964, não coincidentemente no mesmo ano em que CCCS foi fundado, o Partido Trabalhista voltou ao poder.

A New Left e os autores dos Estudos Culturais passaram a incluir em seus questionamentos e pesquisas, situações ligadas ao feminismo e o antirracismo. Johnson (2010a) diz que, embora essas preocupações tenham surgido um pouco depois, as questões de raça e gênero não foram desvios nas ideias iniciais dos Estudos, e sim permitiram que a Nova Esquerda fosse de fato “New”. Os Estudos Culturais são, portanto, uma importante ferramenta política e transformadora, capaz de se atualizar e agregar novas discussões que estejam em sintonia com a sua filosofia e a luta do movimento. É válido ressaltar que o uso do termo “raça” neste trabalho tem conotação política para aludir ao preconceito e marcar uma posição, pois cremos que a raça é uma só, a humana. As diferenças que temos são étnicas, de classe, de orientação sexual, de religião, de idade, etc.

Freire Filho (2005, p.21) lembra que a partir do final dos anos 1950, a sociologia cultural passou a preocupar-se com a análise das mulheres na mídia, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra:

> Tanto a condenação silenciosa como a estigmatização ostensiva influenciariam, por sua vez, as definições e os parâmetros de feminilidade, domesticidade e beleza por meio das quais as mulheres passavam a avaliar a si mesmas, aos seus relacionamentos, às suas necessidades e aspirações.

Freire Filho (2005, p.21) afirma ainda que a crítica midiática feminista, a partir dos anos 1970, buscou documentar de modo sistemático os “papéis sexuais” e os comportamentos e valores tidos como aceitáveis e apropriados para mulheres e homens, detectando também a presença majoritária de jornalistas do sexo masculino:

> A presença predominante, no campo da produção jornalística e televisa, de executivos e funcionários do sexo masculino (cuja socialização de gênero os levaria a reproduzir os valores dominantes da sociedade) foi apontada, por algumas autoras, como a razão fundamental para as distorções no plano do conteúdo.

Para Escosteguy (2016), o feminismo foi apontando por Stuart Hall, então diretor do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, como uma ”interrupção” no caminho dos Estudos Culturais, causando um “ruído teórico” no final dos anos 1970. Segundo Escoteguy (2016), tal afirmação vem sendo veementemente criticada ao longo do tempo por intelectuais como Skeggs e Brundson, associada a um ato invasivo que preenchia o feminismo de negatividade à primeira vista. Entretanto, é possível encarar a “interrupção” mencionada por Hall como o despertar para um movimento contra-hegemônico, questionador e provocativo para variações no que vinha sendo feito até então. Um “ruído teórico” inovador para o período em termos de propagação de conhecimento dentro de um movimento intelectual que se dizia igualitário e abrangente, que possuía o objetivo de romper com o que era dominante na sociedade da época, ascendendo o debate em torno da questão de gênero.

De acordo com Escosteguy (2016, p.63),

> No âmbito da prática política feminista, reivindicava-se a ocupação de espaços por estudantes mulheres e o reconhecimento de sua importância; no debate teórico, emergia o esforço de feministas – entre elas Angela McRobbie, a própira Charlotte Brundson, Dorothy Hobson, entre outras – para inserir na discussão da época, centrada

> especialmente em torno do marxismo e da problemática de classe, a dimensão de gênero.

Segundo Escosteguy (2016), em outro momento inclusive, Hall menciona em novo depoimento perceber a importância do feminismo, e conta como ele e Michael Green convidaram algumas intelectuais feministas a projetar questões de gênero, já que os Estudos Culturais estavam “sensíveis” às problemáticas. Após essa espécie de reconfiguração no pensamento do então diretor do CCCS, que reconheceu como positiva a eclosão do feminismo para uma atualização na agenda dos Estudos Culturais, percebendo uma emergência em estreitar os vínculos entre os dois movimentos e amenizar o confronto interno com as feministas, a crítica feminina causava então impacto nos Estudos Culturais, ainda que tivesse entrado na pauta do campo pela “porta dos fundos”.

Escosteguy (2016, p.65) comenta que,

> No Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, uma das primeiras produções que vai revelar uma ligação com a crítica feminista é o artigo “Images of Women in the Media” (1974 apud Escosteguy, 1998), em que se teoriza fundamentalmente a subordinação das mulheres ao sistema capitalista.

Segundo Escosteguy (2016), os estudos do período em que o feminismo iniciou a ser pauta dos Estudos Culturais transpassavam uma equivalência entre feminismo e mulheres, significando que todas as mulheres sofriam com o patriarcado e, dessa forma, dividiam experiências em comum, numa espécie de condição de ser mulher. Essas análises focalizavam os pontos em que os discursos midiáticos dominantes reforçavam a visão machista da sociedade e os papéis tradicionais exercidos a partir dos gêneros. Essa ideia passou a avançar por meados dos anos 1980, com a quebra de um discurso universal de irmandade em torno das mulheres e a não aceitação de uma condição de ser mulher simplesmente por uma ideia de “igualdade”. Passa-se a prestar atenção então, nas diferenças entre as identidades femininas, que não necessariamente eram semelhantes num discurso único. Escosteguy (2016) afirma que, a partir desse momento, a agenda da crítica feminista contra a mídia também avançou, abrangendo, por exemplo, o pressuposto interesse das mulheres pela ficção romântica, novelas e melodrama; eram, entretanto vistas

como estruturas que atendiam prioritariamente a um público-alvo feminino, podendo ser compreendidas como fontes de ideologia ou resistência. A crítica feminista convergia então, na desmontagem da crença de uma identidade fixa e estável de sujeito.

Ao analisar uma perspectiva para o futuro dos estudos feministas e do movimento, reconhecendo que as lutas por justiça social devem ser um esforço contínuo, Escosteguy (2016, p.74) afirma:

> Mesmo assim, a retomada tanto do movimento feminista – principalmente pela juventude, mediante novas práticas de ativismo político na blogosfera – quanto o renovado interesse por temas associados à diversidade teórica que marca o feminismo contemporâneo na academia, cá e lá, são indícios esperançosos de que o ruído teórico causado pelo feminismo no âmbito dos estudos culturais e, em especial, na crítica de mídia tem muito a repercutir.

São principalmente elementos ideológicos hegemônicos que regulam o processo de mediação causado pelos ruídos que o feminismo provoca na sociedade contemporânea a partir dos meios midiáticos e os significados que se dão a partir desses procedimentos. No subcapítulo seguinte traremos conceitos fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, que darão suporte teórico-metodológico ao trabalho ao serem articulados posteriormente também na metodologia da pesquisa.

1.2. Ideologia, Hegemonia, Regulação e Mediação

Segundo Williams (1979), uma consequência das interpretações da fórmula marxista de infraestrutura-superestrutura foi uma espécie de metáfora do “reflexo”. Numa perspectiva em que a arte e o pensamento refletiriam o mundo real. O materialismo, entretanto se coloca como um desafio a este modelo “objeto-reflexo”, por conhecer a “infraestrutura” como um processo ativo. Para Williams (1979, p.98),

> Se o mundo real é material, pode realmente ser visto em suas formas constitutivas, mas estas não serão metafísicas, e o reflexo será necessariamente uma realidade material. Isso pode levar ao conceito de reflexo “falso” ou “deformado”, no qual alguma coisa (metafísica, “ideologia”) impede o verdadeiro reflexo. Da mesma forma, a “mente do artista” pode ser considerada como materialmente condicionada; seu reflexo não é, então, independente, mas em si mesmo uma função material.

Em um espaço temporal contemporâneo, é possível pensarmos nos meios midiáticos e na imprensa como elementos que assim como a arte, dizem respeito à construção de significados a partir do mundo real. Igualmente, é coerente afirmar que a mente do jornalista, ou do produtor de qualquer conteúdo, assim como a do artista, pode ser considerada materialmente condicionada a um tipo de ideologia. A arte, sendo encarada como reflexo da realidade foi capaz de proporcionar deformações no processo social material, e segundo Williams (1979, p.100), deixando de ser arte, e sim ideologia conservadora e elitista. O autor acrescenta: “Foram então possíveis ampliações precipitadas para novas distinções categóricas: não arte progressista, mas arte reacionária; não arte socialista, mas arte burguesa ou capitalista; não arte, mas cultura de massa; [...]”.

É pela alienação do processo material como reflexo, que esta forma de pensar foi desafiada por uma ideia de “mediação”. Segundo Williams (1979, p.101),

> “Mediação” pretendia descrever um processo ativo. Seu senso predominante geral foi um ato de intercessão, reconciliação ou interpretação entre adversários ou estranhos. Na filosofia idealista geral havia sido um conceito de reconciliação entre opostos, dentro de uma totalidade.

Para Silverstone (2011), devemos pensar na mídia como um processo de mediação, percebendo que a mídia vai além do contato entre os textos midiáticos e seus espectadores ou leitores, numa atividade contínua de conexão, circulação e transformação de significados. O autor destaca que a mediação nunca é completa, talvez nunca sendo totalmente satisfatória, pois pode ser contestada sempre, devido ao seu caráter dinâmico. Silverstone (2011, p.37) ainda afirma,

> A mediação envolve o trabalho de instituições, grupos e tecnologias. Ela não começa nem termina com um texto singular. Suas pretensões de fechamento, o produto das ideologias e narrativas de notícias, por exemplo, são comprometidas, no ponto da transmissão, pela certeza de que a próxima comunicação, o próximo boletim, a próxima história, o comentário ou a interrogação por vir levarão as coisas e os significados adiante e para outro lugar.

Williams (1979, p.101) nos diz: “A mediação está no processo em si, não em alguma coisa entre o objeto e aquilo a que é levado”. Desta forma, a mediação pode ser encarada como um processo positivo na realidade social, e não um processo que oferece disfarce a esta realidade. O autor ainda afirma que por se tratar de um processo ativo e substancial, a mediação se distancia da possibilidade de um conceito alienado.

Ainda ventilando o conceito de mediação, Williams (1979, p.102) discorre,

> Em seu desenvolvimento moderno, aborda o senso da consciência constitutiva inerente e é, de qualquer modo, importante como alternativa ao simples reducionismo, no qual cada ato real ou obra é metodicamente retransformado numa suposta categoria primária, habitualmente especificada (autoespecificada) como “realidade concreta”.

Martín-Barbero (1987), coloca que o campo das mediações é formado pelos dispositivos pelos quais a hegemonia modifica internamente o sentido de vida, valores e trabalho dentro de uma sociedade. Trata-se de um processo relevante no funcionamento da dinâmica social de comunidades e do relacionamento de pessoas que coexistem em suas diferenças, porém, sofrendo influência significativa dos significados produzidos pelas mediações que alcançam a cultura de uma forma constante, uma atividade que pode tender a intencionar com que os indivíduos pensem e encarem os modos de vida de maneira similar, a partir da norma hegemônica.

É notória a contribuição do pensamento marxista sobre cultura, literatura e as ideias, apesar de o conceito de “ideologia” não ter se originado no marxismo e não se limitar a ele. Na época da Revolução Francesa, o conceito de ideologia começou a ser utilizado com o significado de “estudo das ideias”,

estudo que visava fundamentar o modo particular de pensar dos seres humanos. Muito tempo depois, os estudos de Marx e Engels (1993) sobre ideologia, igualmente visavam identificar uma explicação para o surgimento das ideias e da consciência, mas buscavam compreender a origem social dessas ideias. Ao entender que as relações sociais são os principais fatores na construção do pensamento humano, entende-se, consequentemente, que não há consciência livre do espaço social onde está inserida. No sistema econômico capitalista, portanto, as relações compõem a ideologia de uma sociedade está diretamente ligada à produção de bens e mercadorias.

Segundo Hall (2010, p.19),

> As ações humanas são guiadas por normas no sentido de que, quando fazemos alguma coisa, temos de ser capazes de prever seus fins ou propósitos, de modo a alcançá-los. E o nosso modo de fazer isto é guiado inconscientemente pela nossa compreensão de “como tais coisas são normalmente feitas em nossa cultura”.

De acordo com Williams (1979), o conceito de ideologia não se limita aos estudos marxistas, tendo surgido no final do século XVIII na obra do filósofo Destutt de Tracy. A intenção de Tracy era que a ideologia fosse uma “ciência das ideias”, avaliava-se a necessidade de compreender a dinâmica das ideias em seu estado cotidiano, em suas condições empíricas de existência. O plano era que esta nova concepção escapasse a ordem “idealista” que imperava na filosofia. Porém, ao buscar ser uma vertente das ciências empíricas, limitou-se a compreender as ideias como um conjunto de signos deformados, sem reconhecer as condições materiais de existência como determinante na construção dessas ideias. Dessa forma, formava-se um agrupamento de conhecimento, mas que desconsiderava a dimensão social, dissociando o homem de sua realidade.

Os primeiros estudos marxistas, no século XIX, estabeleceram uma teoria capaz de ampliar a definição de ideologia, utilizando-a como uma ferramenta teórica de análise do fenômeno da relação entre a produção de bens materiais e o corpo de saberes e costumes de uma sociedade específica, consequentemente das relações de classe. Esta visão propõe que as ideologias de um grupo social são provenientes da produção de bens e de

como o contexto histórico se apresenta por meio destes amontoados de idealizações que fragmentam as classes sociais e suas disputas.

Williams (1979), porém, afirma que enxergar a ideologia como ausente de independência ou privada de realidade é um erro. Ele detecta que os produtos culturais possuem lógica própria, que pode fazer florescer a compreensão dos sujeitos e não são apenas espectros do âmbito que os produz. O autor analisa a apreensão das condições reais de existência no plano cultural e como ela posiciona a interação das populações com a produção material e as condições de classe.

Ao reconhecer a totalidade do sistema, o conceito de “hegemonia” agrega e ultrapassa a concepção de “ideologia”. A definição mais tradicional de hegemonia diz respeito a poder e domínio político. O marxismo estendeu esse significado para as relações entre as classes sociais, onde há uma classe dominante. Williams (1979) relata que os estudos de Gramsci elaboraram uma distinção entre os eixos de domínio e hegemonia, em que o “domínio” está ligado diretamente à coação política em tempos de crise, e a “hegemonia” é compreendida de acordo com as forças sociais e culturais ativas. Segundo Williams (1979, p. 110)

> [...] a “hegemonia” vai além da “cultura”, como antes a definimos, em sua insistência de relacionar “todo o processo social” com distribuições específicas de poder e influência. Dizer que os “homens” definem e modelam suas vidas só é verdade como abstração. Em toda sociedade concreta há desigualdades específicas nos meios e, portanto, na capacidade de realizar esse processo. Numa sociedade de classe, há principalmente as desigualdades entre as classes.

A ideia marxista de que uma classe dominante controla uma classe subordinada é aplicada de maneira abstrata à consciência real das classes. Williams (1979, p.112) diz que:

> Uma classe dominante “tem” essa ideologia de formas relativamente puras e simples. Uma classe subordinada tem, numa versão, *apenas* essa ideologia como sua consciência (já que a produção de todas as ideias está, por definição axiomática, nas mãos daqueles que controlam os meios primários de produção) ou, em outra versão, impõe essa ideologia à sua consciência, distinta sob outros aspectos,

> que tem de lutar para manter ou desenvolver contra a “ideologia da classe dominante”.

Segundo Freire Filho (2005) a batalha pela hegemonia entre grupos sociais dominantes e subordinados geram consequências concretas quanto a distribuição financeira, status e oportunidades de educação. O que os indivíduos concebem como valores e interesses, a avaliação que fazem de si mesmos, possui interferência decisiva do crescente fluxo midiático, até mesmo no que diz respeito à quais direitos como cidadãos deixam de pleitear junto à esfera política. Tornando a questão pessoal, política.

Outro conceito fundamental que agregamos à discussão neste momento do trabalho é o de regulação. Não se pode ignorar que, na sociedade contemporânea, a esfera midiática é composta basicamente por empresas que visam lucro financeiro, e no caso do objeto desta pesquisa, a produtora de conteúdo trata-se de um dos maiores conglomerados midiáticos do planeta. Deste modo, a mídia insere-se num contexto amplo e entrelaçado, necessitando atender às demandas do mercado e aos seus próprios interesses, influenciando assim, de alguma forma, a interpretação dos fenômenos sociais e culturais, a partir de seu viés e preocupações particulares. É a partir deste cenário que inserimos aqui o conceito de regulação.

Segundo Hall (1997) é plausível afirmar que a cultura pode ser moldada e regulada por diferentes fatores e interesses. Constatando-se que os hábitos culturais de uma sociedade estão sujeitos à influência de uma série de desejos de indivíduos situados em posições de poder, e não havendo qualquer garantia de que essas intenções estejam isentas de ganância e egoísmo, é recomendável que reflitamos sobre alguns pontos: como é possível garantir que o acesso aos bens culturais se dê de maneira democrática e igualitária, sem que uma cultura hegemônica e pré-determinada seja imposta, oprimindo e manipulando minorias e ideologias alternativas em todas as esferas e práticas sociais? E ainda: como as minorias podem estabelecer espaços de resistência dentro do sistema, negociando com a cultura hegemônica e lutando pelo seu espaço?

Hall (1997, p.14) demonstra sua preocupação com a regulação da cultura e abre questionamentos para importantes reflexões: “Como a esfera cultural é controlada e regulada? Quais destas questões de regulação cultural têm a possibilidade de se destacar como marcos de mudança, ruptura e debate no próximo século?”. Stuart Hall (1997, p.14) acrescenta:

> Qual é a relação que existe *entre* a “cultura” e outras forças que exercem um poder determinante de controle, de modelagem sobre a cultura? A princípio, é a política, a economia, o Estado, ou o mercado o fator *mais* determinante em relação à cultura? É o Estado que, através de suas políticas legislativas, determina a configuração da cultura? Ou são os interesses econômicos ou as forças de mercado com a sua “mão oculta” que estão de fato determinando os padrões de mudança cultural?

A perspectiva teórica dos Estudos Culturais debate constantemente inquietações com a forma como as significações podem ser alvo de controle e dominação na sociedade. Segundo Hall (1997, p.1), os Estudos Culturais “[...] contribuem para assegurar que toda ação social é “-cultural-”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.” Se toda ação social é cultural, a cultura permeia todas as nossas atitudes e interpretações dos fatos, compõe identidades, dita tendências e compreende os valores e modos de vida de todas as sociedades. Em termos desprovidos de ingenuidade, a cultura pode ser examinada como uma ferramenta estratégica de poder, se controlada. A regulação, ou a aparente “desregulação” da cultura, quando inserida em um sistema capitalista, em que praticamente todas as instituições visam ao lucro financeiro, possibilita privilégios perigosos a determinados grupos. Possibilita também, que as populações sejam manipuladas e mediadas do jeito que quem ocupa posições de poder considerar conveniente para a manutenção de suas cadeiras cativas, seus próprios locais em uma escala de hierarquia social e para a ampliação de seus patrimônios, sejam econômicos ou simbólicos. É devido à preocupação em verificar a possibilidade de que a representação do futebol feminino seja regulada pela dimensão institucional de sua produção de conteúdo, que inserimos o debate sobre o conceito de regulação na nossa pesquisa.

O conjunto de regras que determina qual é o jeito de se fazer ou pensar determinado ato ou situação em nossas culturas, é o princípio básico de

nossas ideologias. Cabe aqui uma reflexão que pense a respeito do conceito de “cultura” e “ideologia” a partir da conexão de ambos com o conceito de “civilização” e com a organização social como um todo. Segundo Williams (1979, p. 22),

> É muito difícil distinguir esse novo senso secular de “civilização” de um senso igualmente secular de “cultura” como uma interpretação do desenvolvimento humano. Cada um deles foi uma ideia moderna no sentido de que ressaltou a capacidade humana não só de compreender, mas de construir uma ordem social humana.

Porém, Williams (1979, p.24) também alerta para as ocorrências degradantes que a ordem social ideológica e cultural “civilizada” desencadeou ao longo da história da humanidade: “ “Civilização” produziu não só riqueza, ordem e refinamento, mas como parte do mesmo processo, pobreza, desordem e degradação”. A fundamental associação de “cultura” com o conceito de “ideologia” nos faz refletir e entender que, se o modo de agir das pessoas é inconscientemente guiado pelas normas culturais, ele é também, necessariamente guiado pelas normas ideológicas.

Ao longo de toda história da humanidade, as pessoas se apegaram às mais variadas identificações sociais e se uniram pelas mais diferentes causas e movimentos, com o objetivo de serem aceitos em um grupo e reforçarem suas identidades. Ainda que possam resultar em ações e movimentos sociais solidários e louváveis, a segregação da humanidade em facções sempre foi a principal responsável por desavenças, guerras, desigualdades, eliminações em massa e manipulações em todo o mundo. Não são poucas as atrocidades que ideologias permitiram que fossem cometidas.

Na tentativa de clarear a turva linha que regula o que é aceito e o que não é, e construir suas noções de certo e errado, valores morais, estrutura familiar e encontrar motivos para estarem vivos, alguns seres humanos passam a tomar como verdades únicas e absolutas distintos tipos de conjuntos de regras e modos de vida. Esses preceitos podem apresentar-se na forma de livros, empresas, opiniões políticas, doutrinas econômicas, seitas, religiões, clubes esportivos, etc. É comum que os indivíduos façam da missão de fortalecer-se pessoalmente por meio das leis imaginárias de suas comunidades

a razão de suas existências, e tomem todas as suas decisões a partir da cartilha de normas que os norteia. Inconscientemente ou não, coletividades ortodoxas costumam ser carregadas de preconceitos e egoísmo e tendem a entrar em conflito com outras coletividades, apontando para cidadãos com crenças diferentes como inimigos e vilões. Essa atitude é motivada pela necessidade de encontrar oposições para definir seus limites, separar o que julgam ser o “bem”, do que consideram o “mal”.

Incontestavelmente, ideologias são conjuntos de ideias que podem assumir proporções gigantescas, e envolver as pessoas em pretextos positivos ou negativos, o que também depende do ponto de vista, e, provavelmente, de noções de ponto de vista adquiridas de acordo com uma ideologia prévia.

Williams (1979) considera o conceito de hegemonia como uma evolução da ideologia. A hegemonia, porém não é somente o nível planificado e avançado de “ideologia”, tampouco apenas as suas formas de determinação, normalmente vistas como manipulação e doutrinação, mas um sistema vivido de significado e valores.

Evidentemente que ignorar a faceta manipuladora do que envolve o conceito de hegemonia seria uma grande ingenuidade, mas é interessante observar as situações de forma abrangente, sem se posicionar em um local inflexível de onde se enxerga apenas o que se quer ver. É fundamental perceber a persistência dos movimentos contra-hegemônicos. Possuir um olhar mais amplo é vital para que exista esperança e luta da parte de quem é subordinado, pois até mesmo estruturas aparentemente tão rígidas quanto ideologias, classes sociais e questões de dominação estão sujeitas a mudanças e podem ser alteradas e assumir novas formas se analisadas corretamente, e não apenas contestadas por um negativismo cômodo. Raymond Williams (1979, p.113) ainda ressalta: “Se as pressões e limites de uma determinada forma de domínio são experimentadas em tais proporções, *e na prática internalizadas,* toda a questão do domínio de classe, e da oposição a ele, se transforma”.

Gramsci (1999) é quem propõe a criação de hegemonias alternativas, a partir da integração de várias formas distintas de lutas, não apenas as relacionadas à política e economia, o que permite chegar a um senso mais profundo e ativo da atividade revolucionária. Para ele, as hegemonias

alternativas surgem na classe trabalhadora, a partir do momento em que ela deixa de ser simplesmente idealizada e torna-se uma classe potencialmente hegemônica, capaz de enfrentar os limites e pressões de uma hegemonia existente e poderosa. Uma formação social e cultural inclusiva, que assimile toda a área da experiência vivida, também pode ser vista como elemento dinâmico de uma hegemonia, e mais, podem formá-la e ser formadas por ela. Escosteguy (2010, p.216) lembra que:

> De acordo com a concepção de 'hegemonia' de Gramsci, as práticas culturais e os textos dos meios de comunicação podem ser vistos como um campo de batalha, em uma luta entre os diferentes grupos para definir, manter e conter o significado.

A hegemonia vivida é sempre um processo ativo, um complexo de experiências, ações e relações com pressões e limitações mutáveis. Apesar de que, por definição, seja sempre dominante, nunca será integral ou exclusiva, e, apenas analiticamente, torna-se um sistema ou uma estrutura. Williams (1979, p.115) defende que:

> Se qualquer cultura vivida é, necessariamente, tão ampla, os problemas de domínio e subordinação de um lado, e da extraordinária complexidade de qualquer tradição e prática cultural, do outro, podem finalmente ser abordados diretamente.

Para Williams (1979) não é difícil compreender a razão de o conceito de mediação se encaixar satisfatoriamente para discorrer sobre o processo de relação entre sociedade e arte ou infraestrutura e superestrutura. Para o autor, não é possível esperarmos encontrar realidades sociais diretamente refletidas nos produtos culturais, já que eles, frequentemente, passam por um processo de mediação, no qual seu conteúdo original se modifica.

Conforme Williams (1979, p.101),

> A modificação envolvida na mediação pode ser simplesmente uma questão de expressão indireta: as realidades sociais são "projetadas" ou "disfarçadas", e sua recuperação é um processo de remontar, através da mediação, às suas formas originais.

Através dessa reflexão teórica que buscou articular conceitos que são de suma importância para dar fôlego a nossa pesquisa, iniciamos a partir desse momento a discutir as características da abordagem midiática em torno do esporte futebol, “o mais popular do mundo”.

1.3. Futebol brasileiro: fenômeno midiático e sociocultural

No Brasil, uma das pautas que mais recebe atenção no campo dos meios de comunicação, atualmente e historicamente, é o debate esportivo, principalmente futebolístico, na imprensa e nas redes sociais, o que pode gerar discursos carregados de componentes que contrariam ou reforçam algumas identidades e representações específicas.

Segundo Morigi (2004, p.8) “A mediação e o movimento dos sentidos proporcionados pelos constantes envios e reenvios de informações provocam profundas tensões e a necessidade de efetivas negociações entre os campos e atores sociais envolvidos”. Neste contexto, Morigi (2004, p.11) adiciona a seguinte ideia, que pode ser utilizada para pensarmos as relações de representações de paixões nacionais, como o futebol, por exemplo:

> A constituição de uma nova moral na esfera pública passa pelo repensar das consciências individuais, pelas novas simbolizações e percepções que circulam nessa esfera. As mudanças nas formas perceptivas das relações cotidianas podem levar a mudanças significativas no plano das concepções sobre o mundo e as suas relações.

Roberto Da Matta (1982) debate a perspectiva de encarar o futebol como um “ópio do povo” brasileiro, sendo ele uma ferramenta que serviria à camada dominante da sociedade, com o papel de desviar a atenção da população brasileira de problemas básicos.

Gastaldo (2003, p.3) afirma que:

> Os clubes de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas, demandando dos torcedores uma lealdade por toda a vida ("Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer..."). Muitas vezes, os locutores esportivos se referem à torcida de um clube como "nação" ("nação colorada", "nação rubro-negra", etc., de acordo com as cores do clube), ressaltando este sentido de "comunidade reunida" em redor do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado, no caso, mediado pelo "time do coração".

Torcer por um clube de futebol é muito mais que ser sócio-torcedor e pagar uma mensalidade, uma parcela pequena da torcida possui esse vínculo formal, mas a maioria possui um vínculo afetivo imensurável. Pensar a paixão que o cidadão brasileiro tem pelo futebol em um contexto onde a esfera pública conecta-se aos hábitos sociais e valores morais constantemente permite mudanças significativas de significações em um ambiente, e neste caso, em um país inteiro. Essa paixão se apresenta no cotidiano e nos meios midiáticos como uma convenção social que não se limita a seguir às interpretações usuais de lógica e bom senso, é uma emoção genuína e desprovida da expectativa de um retorno por parte do futebol, mas pode pender tanto para o caminho da diminuição de preconceitos e união coletiva, quanto para o reforço de diferenças entre identidades que obrigatoriamente não conviverão em harmonia.

Vogel (1982, p.77) comenta:

> Basta andar por aí para ver os campos de futebol. Eles fazem parte da paisagem urbana e rural desse país. No gramado de um jardim público, no canto de um terreno baldio ou no meio da rua, com dois pedaços de pau e uma bola de meia surge um campo.

Um ponto importante levantado por Woodward (2014, p.26) é o componente histórico da construção identitária: "A afirmação política das identidades exige alguma forma de autenticação. Muito frequentemente, essa autenticação é feita por meio da reivindicação da história do grupo cultural em questão." Com esta afirmação em vista, é possível debater sobre o modo como as mídias, por meio de produtos culturais, jornalísticos e de entretenimento, retratam a história de inúmeros grupos sociais e étnicos. No caso do fenômeno social e cultural em questão, o futebol, é interessante observar o modo como esses fatores "abrem brechas" para a afirmação de estereótipos que raramente

darão serão suficientes para entender as particularidades que compõem o hábito e a paixão de um povo.

Segundo Gastaldo (2003, p.2): “Um importante aspecto constituinte da cultura brasileira contemporânea é a apropriação social do futebol como fato cultural”. O significado do futebol para o brasileiro é capaz de, não raramente, superar as esferas política e economia. A economia e a política passam, se transformam, a simbologia do futebol fica, as lendas e os heróis ficam, o clube do coração não mudam.

Em uma ponderação que não desconsidere os mais emergentes ambientes conectados às mídias sociais na contemporaneidade, como as populares redes sociais, por exemplo, é apropriado reconhecer que esses espaços de troca de ideias e relacionamentos, ultrapassam interações virtuais esvaziadas de sentido. As redes sociais estão “recheadas” de futebol e são esses meios que permitem, atualmente, que diversos indivíduos antes “passivos”, “adquiram voz” no meio social, além de receberem interpretações sobre os acontecimentos a modalidade que possivelmente não seriam possíveis por outros canais comunicativos. Os sujeitos podem interpretar e produzir inovadores discursos a partir dos anteriores, adicionando legitimidade as mensagens que circulam por esses canais e incrementando mais um contexto fundamental na compreensão de representações midiáticas.

Arno Vogel (1982, p.78) traz à tona a uma identidade social brasileira na forma de um bordão nacional, “este é o país do futebol” e explica:

> A importância dessa identidade aparece claramente quando levamos em conta o espaço que o futebol ocupa na sociedade brasileira. Em primeiro lugar, ele é um tema preferencial de conversa entre conhecidos, ou mesmo entre estranhos num contato casual. O interesse por ele é tão grande e disseminado, que as possibilidades de encontrar um interlocutor que não goste do assunto são muito reduzidas. Através dele se podem revelar afinidades ou discordâncias. Nem mesmo as distâncias sociais afetam a unanimidade que existe em torno do tema. Dos colunáveis aos frequentadores de botequim, o futebol tece uma intricada rede de relações. Vencendo espaços, que de outra maneira seriam intransponíveis, esse esporte une pessoas distantes entre si na hierarquia social, ao mesmo tempo que separa os que estão próximos nesta escala.

Segundo Da Matta (1982, p.15), “Falamos do jogo de futebol enquanto um sistema. Um sistema que tem suas regras, objetos, cenários, personagens, tempo e espaço e contém um conjunto de relações específicas.”

Segundo Gastaldo (2003), outro fator importante da construção do discurso midiático no que diz respeito à definição da realidade no ambiente esportivo e ao fortalecimento do futebol como um produto cultural brasileiro, está ligado a evidente parcialidade dos discursos dos enunciadores. A parcialidade também se dá com frequência em jogos da seleção brasileira masculina de futebol, quando os narradores não raramente manifestam-se no sentido da existência de uma conspiração estrangeira contra o “nosso time”. Isto ocorre a partir do modo de enfoque que o locutor da mensagem impõe ao discurso em possibilidades de dúvidas e ambiguidades em lances do jogo esportivo, atribuindo uma posição de certo e errado em situações de caráter eminentemente subjetivo.

Para Gastaldo (2003), o fortalecimento da modalidade da locução esportiva e o crescimento da comunicação de massa ligada aos esportes, contribuíram para que cada vez mais os esportes sejam considerados “espetáculos” para serem “assistidos”, buscando um consumo de massa.

É importante ressaltar, apesar dessa indústria cultural teoricamente gerar um divórcio entre prática e consumo nos esportes, já que a incorporação faz não ser necessário praticar a um esporte para assistir a ele pela televisão, por exemplo, no Brasil, o futebol é um fenômeno sociocultural tão representativo que se mantém sendo historicamente praticado em “todos os cantos” do país. Nas escolas, nas praças, na praia, nas categorias de base de clubes, nos lugares mais inimagináveis existe futebol no Brasil, ou ao menos uma simulação de futebol sendo praticado, das mais diversificadas e inusitadas condições. Entretanto, segundo Gastaldo (2003, p.7): “A veiculação dos eventos esportivos (nos quais os jogadores são, em geral, profissionais) gera um aumento no número de “leigos”, que necessitam “compreender” o que há para ser visto [...]”.

No caso específico de ex-jogadores que posteriormente se tornam comentaristas de futebol nas transmissões de televisão ou rádio, como “autoridades” no assunto, passa a ser fundamental que se tenha perceba o risco que se assume ao presumir como verdade tudo que é dito no ar por

“heróis” nacionais. Logicamente que os craques do passado possuem muito a acrescentar com suas ponderações em termos táticos, técnicos e de vivência de vestiário, entretanto, muitas vezes seus comentários carregam cargas ideológicas e políticas condizentes com o meio midiático em que se inserem, até mesmo fazendo parte da folha salarial das empresas de comunicação como funcionários efetivos.

Da Matta (1982) comenta que a existem expressões e significados da sociedade brasileira que circulam livremente tanto no futebol como na política, como por exemplo, o “jogo de cintura” brasileiro, a “malandragem”. São essas características culturais que entram em confronto com as do futebol europeu e também da maior parte de suas instituições sociais, menos fundados na improvisação do que no Brasil.

Ao trazer o futebol como uma metáfora da vida, Da Matta (1982, p.31) defende que,

> [...] o jogo de futebol demarca com nitidez uma interação complexa entre as regras universais (as regras do jogo) e vontades individuais (das equipes e jogadores, em confronto). O resultado disso, como vitória ou derrota, é uma boa metáfora para o jogo como destino e biografia, tema básico da própria sociedade brasileira.

Para Da Matta (1982), o futebol e a conquista das Copas do Mundo estão fortemente associadas a identidade nacional do povo brasileiro e fazem referência a uma história positiva do Brasil, uma história brasileira que não contém mágoa e nem vergonha. Segundo Gastaldo (2003, p.10) “Na Copa de 1998, a partida final entre Brasil e França teve, segundo dados do Ibope, uma audiência de 94% dos televisores ligados, somando todas as emissoras de televisão aberta [...]”.

A audiência obtida pelas principais redes de televisão brasileiras em jogos da Copa do Mundo é um exemplo da relevância que o esporte alcança dentro do principal meio de comunicação do país, o país “para” literalmente para assistir a seleção brasileira de futebol masculino durante a Copa do Mundo. Este cenário vai muito além dos 90 minutos da duração das partidas, mas também envolve toda a cobertura pré-jogo e pós-jogo, séries de

reportagens sobre o país sede e o ambiente da competição, sobre a história de vida dos atletas, etc. No Brasil, o futebol conta histórias e contam-se histórias sobre futebol, as mais gloriosas delas envolvem a Copa do Mundo. Quando uma Copa termina, inicia-se um novo debate e uma preparação de anos que nunca se encerra de fato, numa espécie de ciclo de Copa do Mundo, semelhante a cobertura dos ciclos Olímpicos.

A adoração do brasileiro por futebol, em uma esfera nacional, também frequentemente é alimentada por discursos que tentam atribuir ao esporte futebol um papel maior do que apenas o esportivo, do que o de um “mero jogo”. Esse modo de pensar não é exclusivo dos meios de comunicação, sendo corroborado também por dirigentes, torcedores, atletas, espectadores, etc. Assim, o futebol assume um caráter de extrema relevância cultural e social no país, a partir do momento em que as pessoas realmente acreditam nisso.

2. REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS E O FUTEBOL FEMININO

O segundo capítulo teórico desta dissertação será igualmente dividido em três tópicos e introduzirá o conceito de representação, trabalhando sua conexão fundamental com a esfera midiática e com o futebol feminino, a partir também de uma retomada histórica da modalidade.

No subcapítulo inicial, trabalharemos primeiramente apresentando o conceito de representação, trazendo ao viés da representação social do outro e das minorias, discutindo o papel da mídia na construção de representações sociais, para então propor vislumbrar a perspectiva de representação midiática. O segundo tópico do capítulo conterá uma apreciação e retomada histórica sobre o futebol feminino e os elementos que nos trazem à composição da atualidade com relação à temática. No terceiro trecho será inserida também nessa discussão a pauta de gênero atrelada ao setor esportivo e à imprensa brasileira, aludindo os valores culturais e sociais abarcados nessa conjuntura, aproximando este capítulo teórico com o objeto de análise da pesquisa.

2.1. Representações midiáticas das minorias na sociedade contemporânea

Ao trabalhar o conceito de representação, é necessário primeiramente compreender a sociedade e a cultura como organismos em constante movimento, o conceito se insere em diversos contextos que se relacionam transversalmente. Por esta razão, o trabalho não pretende defender um conceito fixo como o correto, tampouco privilegiar a discussão semântica sobre o conceito, a intenção é auxiliar na elucidação de algumas problemáticas que podem se apresentar ao trabalhar com o mesmo. Segundo Jodelet (1993, p.9) “A multiplicidade de perspectivas desenha territórios mais ou menos autônomos pela ênfase em aspectos específicos de fenômenos representativos.” Cremos, assim, que o mais interessante não é determinar se

devemos denominá-las no singular ou no plural, ou afirmar que este ou aquele termo é o mais aplicável na combinação com o termo “representação”, mas sim ressaltar a complexidade do conceito, justamente por sua flexibilidade. Alguns autores, como Jodelet (1993, p.1), compreendem o conceito de representação relacionado à psicologia social, para a autora: “A observação das representações sociais é, de fato, facilitada em muitas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais.” Jodelet (1993, p.5) ainda acrescenta: “A representação é, pois, a representante mental do objeto que constitui simbolicamente. De outro lado, como conteúdo concreto do ato de pensar, a representação carrega a marca do sujeito e de sua atividade”. Dessa forma, a representação faz-se presente no cotidiano dos sujeitos invariavelmente.

Em uma crítica social, Jodelet (1993) comenta:

> Certamente, há representações que chegam a nós já prontas ou que “atravessam” os indivíduos. São as que impõem uma ideologia dominante, ou as que estão ligadas a uma condição definida no interior da estrutura social. Mas, mesmo nesses casos o compartilhar implica uma dinâmica social que considerada a especificidade das representações.

Para Hall (1997b) o conceito de representação surge para ocupar um importante e novo lugar no estudo da cultura, pois conecta significado e linguagem à cultura. Dessa forma a representação significa utilizar a linguagem para dar sentido a algo ou representar os diferentes significados existentes no mundo. A representação é uma parte essencial do processo de produção e alteração de significados entre os membros de uma cultura ou sociedade.

Freire Filho (2005) afirma que originalmente, o verbo “representar”, possuía unicamente o significado de “apresentar de novo”. No latim, posteriormente, passou a ser utilizado como sinônimo de “substituir”, ou “fazer as vezes de”. Já em uma concepção mais moderna, a ideia de representação também está conectada ao processo liberal democrático, associada a delegação de poderes por meio de votos. É a faceta que se relaciona com os sistemas de significantes e categorias sociais, o “falar sobre”, ou “falar por”,

que posiciona a batalha do campo das representações midiáticas das minorias em um plano cultural simbólico.

No momento que determinada ferramenta simbólica pode ser usada com o intuito de representar e caracterizar um grupo social ou identitário, ela deve ser encarada como um instrumento de poder, que situado em uma sociedade neoliberal, estará nas mãos de uma indústria de comunicação que possui interesses próprios e visa lucro.

Freire Filho (2005, p.21) afirma:

> Parte fundamental do processo social de constituição de sentido, as representações são organizadas e reguladas pelos diferentes discursos (legitimados, naturalizados, emergentes ou marginalizados) que circulam, colidem e articulam-se num determinado tempo e lugar.

Já, Hall (1997b) trabalha com a ideia de “sistemas de representação”, afirmando que a representação não consiste em um conceito individual, mas sim numa diversidade de maneiras de se organizar, arranjar, classificar e estabelecer relações complexas de similaridade ou diferença entre as representações.

Jodelet (1993, p.15) em outra reflexão sobre o conceito, destaca a interpretação Durkheim sobre representações inseridas numa coletividade: “O que as representações coletivas traduzem é a maneira pela qual o grupo se pensa nas relações com os objetos que o afetam”. Entretanto, é necessário diferenciar as representações coletivas - que trazemos aqui apenas para demonstrar a evolução do conceito - das representações sociais, perspectiva mais atualizada e abrangente, com a qual esta pesquisa se identifica.

Segundo Freire Filho (2005) existe um crescente interesse acadêmico com relação ao processo pelo qual as interpretações das minorias são concebidas, produzidas e apresentadas pelos meios de comunicação de massa aos seus respectivos públicos, devido as distorções que podem ocorrer nas representações midiáticas de grupos marginalizados e oprimidos.

Agregando obras de outros autores, numa espécie de adaptação e atualização de ideias; é importante ressaltar o trabalho de Reguillo (2002), segundo a autora, a comunicação pode ser entendida como um intercâmbio

subjetivo de significados, em um marco histórico e desnivelado de poder. Reguillo (2002, p.68) adiciona:

> La comunicación de la diferencia con estos alcances constituye un momento fundacional en la historia reciente de la modernidad. Ello no anula el conflicto, ni representa la abolición de la visión dominante, pero coloca la disputa (por la representación legítima) en otro plano de resolución al introducir en un espacio público expandido contrapesos a la voz monocorde de la dominación.

Reguillo (2002) destaca que, atualmente, a razão é excessivamente prestigiada e que a aparente neutralidade de seus instrumentos repousa, em sua grande maioria, em instrumentos de visibilidade. Os meios midiáticos dessa forma se posicionam como ferramentas de visibilidade e realidade, tanto ao transmitir representações dominantes, quanto ao produzir impunemente representações estigmatizadas, o outro.

A relevância da imprensa e dos meios de comunicação na construção cultural de uma sociedade é inegável. As informações necessitam de circulação para que sejam legítimas e o acesso a essas informações é largamente intensificado por meio das ferramentas de propagação de acontecimentos. Segundo Martino (2009), a invenção da imprensa significou o fim do monopólio do conhecimento pelas instâncias religiosas e universitárias, modificando também as relações de poder na medida em que uma decisão política, publicada em uma folha, ganhava a paisagem das ruas.

Segundo Martino (2009, p.84): “Aquilo que sabemos sobre a nossa realidade, ou sobre o mundo no qual vivemos, o sabemos pelos meios de comunicação”. Os meios de comunicação de massa, nesta conjuntura, trabalham signos recebidos e os restituem à trama social, agindo simultaneamente como sujeito e objeto do processo de confecção da realidade, estabelecendo uma relação entre o público e o publicado.

O campo da Comunicação Social, neste contexto, apresenta evidente conexão com o conceito de representação pela afinidade de temáticas e fundamentalmente por muito relacionarem-se através da linguagem. Jodelet (1993, p.12) destaca o trabalho de Moscovici no que diz respeito à sua

particular insistência sobre o papel da comunicação social nas interações sociais e construção de representações:

> Inicialmente, trata-se de um objeto próprio da psicologia social que contribui assim de maneira original para a abordagem dos fenômenos cognitivos. Além disso, a comunicação tem um papel fundamental nas trocas e interações que contribuem para a instituição de um universo consensual.

A comunicação social, deste modo, incidiria e seria decisiva na construção do ideário da realidade, remetendo aos fenômenos de influência e pertencimento social de uma comunidade. A elaboração dos sistemas intelectuais e seus diferentes formatos também apresentam relação evidente com o campo da comunicação social e suas preocupações, divididas principalmente em três níveis. Segundo Jodelet (1993), Moscovici enumerou os níveis de incidência da comunicação nas representações da seguinte forma: nível de emergência, nível dos processos de formação e nível das dimensões das representações. No nível da emergência das representações, as condições afetam os aspectos cognitivos e os elementos podem diferenciar o pensamento natural em suas operações, lógica e estilo. Os processos de formação consideram a interdependência entre a atividade cognitiva e suas condições sociais de serem exercidas. E no nível das dimensões das representações, é possível observar a influência do processo na construção das condutas a partir do contato com os sistemas de comunicação midiática, como opiniões, atitudes e consolidação de estereótipos.

Freire Filho (2005) crê na intersecção dos estudos midiáticos com o conceito de minorias, visto como um modo de abranger todo grupo social cujos aspectos e discursos são marginalizados e estereotipados pelas estruturas dominantes de poder dominantes em uma cultura ou sociedade. Para o autor as representações midiáticas possibilitam verificar o modo com que produtos e gêneros culturais são forjados para alcançar a aceitação da dominação social, mas que também permitem que os grupos subordinados encontrem meio de resistir a opressão e questionar ideologias conservadoras.

A função da comunicação pode conceber um dano social grave quando executada com malícia ou reforçando discursos de ódio. Jodelet (1993) afirma que a comunicação social, a partir de suas interfaces institucionais e midiáticas,

se coloca como condicionadora de possibilidades e potencial determinadora de representações e, consequentemente, do pensamento social.

Reguillo (2002) argumenta que os meios de comunicação são capazes de construir cotidianamente um relato de um outro “monstruoso”, através de diferentes gêneros e estratégias narrativas. Portanto, no âmbito midiático, o outro acaba interceptado pela força de um imaginário global que reedita a produção da diferença, a representação da diferença, por isso a representação midiática é tão poderosa.

Em uma de suas críticas sociais à mídia, Morigi (2004, p.5) diz:

> No mundo globalizado, vivemos sob uma avalanche de informações, dos discursos, dos pacotes cinematográficos, das telenovelas, dos telejornais, dos programas de auditório, dos *reality shows* e dos “desenhos animados” entre outros produtos midiáticos que, saturados de imagens, tornam os objetos, os acontecimentos e as pessoas in-significantes. A produção de realidade sob forma de inflação e de banalização dos sentidos, coloca as ideias e as formas de pensamentos que circulam no espaço público no mesmo patamar das mercadorias produzidas em série que devem ser consumidas na mesma velocidade em que são produzidas.

Morigi (2004) coloca que a Teoria das Representações Sociais contribui com os estudos da Comunicação de modo a estabelecer elos e sentidos entre as partes isoladas em um todo social. Cabe à Comunicação, demonstrar a forma como as representações sociais organizam-se nos meios e na constituição de produtos midiáticos. Na medida em que, a cultura dos meios influencia o senso comum, esse processo se insere na construção da cultura geral.

Morigi ainda acrescenta (2004, p.12)

> A interface da teoria das representações sociais com a comunicação não decorre apenas do seu efeito multiplicador que opera como um instrumento cultural nas mediações do processo das identidades culturais, da sociabilidade, da memória social e das práticas políticas, sociais e culturais. As representações sociais são elementos fundamentais no processo de produção de sentidos, pois, a partir delas se definem e instituem as formas de percepção, as ações e as práticas, os métodos e, inclusive, a constituição dos objetos sobre os quais se inscreve determinado campo do conhecimento.

Debatendo o poder da comunicação e, consequentemente, das representações, Morigi (2004, p.6) coloca que “As representações sociais disseminadas pelos meios de comunicação passam a se constituírem realidades as quais passam a integrar o perfil da opinião pública em forma de *discurso da atualidade,* tornando parte do senso –comum.”

Gramsci (1999) pensa a mídia vinculada com a constituição de uma visão de mundo. Para o autor, os meios de comunicação auxiliam a formar as estruturas de atividade do senso comum. Martino (2009, p.70) cita Gramsci para apresentar uma definição de senso comum:

> [...] senso comum é o repositório de saberes acumulados tradicionalmente por um povo, onde se misturam conhecimentos científicos, tradições, crendices, mitos e a aprendizagem formal, escolar, bem como as informações trazidas pela mídia. O senso comum é histórico, mas se apresenta como se fosse criado do nada. Ninguém, a princípio, discute o que é evidente – e o senso comum procura se apresentar como sendo de tal modo evidente que qualquer questionamento mais profundo chegaria às fronteiras do absurdo e do bom-senso.

O conceito de identidade e sua vinculação à esfera cultural também oferece suporte importante para este diálogo. Para Woodward (2014) as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. É a perspectiva que avista a identidade relacionada à linguagem que conecta a sua conceituação ao campo midiático e permite que pensemos nos meios como componentes relevantes na construção da maneira de agir de uma sociedade através de representações identitárias. Woodward (2014) ainda acrescenta que a identidade recebe realce como um ponto primordial na contemporaneidade, no âmbito das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e nos “novos movimentos sociais” emergentes, os quais se preocupam com a reafirmação das identidades particulares e culturais.

Giddens (2002) considera que a modernidade seja inerente à sua “própria mídia”, de modo que o desenvolvimento e a ampliação das instituições estariam inteiramente ligados ao crescimento da mediação da experiência que as novas formas de comunicar acomodaram. A afinidade entre as mídias e a noção de realidade das sociedades demonstram que há uma interdependência fatal entre as identidades contemporâneas e o jeito com que as mensagens

circulam nos espaços sociais pelos canais comunicacionais e o seu conteúdo, e também, evidentemente, das representações lançadas por esses processos.

Segundo Woodward (2014, p.17):

> A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

Assim, para examinar as identidades produzidas por esses preceitos, é fundamental compreender a representação como um processo cultural, que norteia diferentes aspectos dos modos de vida de uma população. Uma vez localizado nos meios midiáticos a maior parcela da construção e propagação de discursos e bens simbólicos nas sociedades modernas e se os indivíduos se dispõem de acordo com os significados que reconhecem como verídicos, a constituição da cultura e das representações sociais de um povo pode estar sujeita à chancela e a maneira como são disseminadas e representadas as mensagens reproduzidas pelas mídias.

As consequências de um monopólio midiático estabelecido na esfera da produção cultural podem ser inúmeras. Elas ocorrem quando um mesmo tipo de mídia domina a maioria esmagadora do local de circulação das informações ou de um meio de comunicação. No contexto do futebol brasileiro, por exemplo, é interessante ter em mente que receber uma mesma mensagem por canais diferentes não altera o conteúdo da mensagem.

Freire Filho (2005, p.19) questiona:

> Como os costumes, o cotidiano, os entretenimentos, os dilemas e as formas coletivas de luta das minorias são apresentadas nos meios de comunicação de massa? Quais os fatos históricos, os feitos artísticos e políticos, os pontos de vista e as características enfatizadas os silenciadas?

Ao discorrermos sobre formato de imprensa e jornalismo que estamos habituados, nota-se que no plano da realidade, sucedem, logicamente, mais acontecimentos do que a imprensa é capaz de tornar notícia. Que fatores diferem então o que é indispensável do que não é, o que faz jus a atenção dos boletins e o que é irrelevante?

Embora não resida aqui o foco do trabalho, cabe dizer que já em 1950, de acordo com Martino (2009), o pesquisador norte-americano David M. White executou um estudo inédito quanto à seleção de notícias. A dinâmica seria regulada pelo que ele nomeou como *gatekeeper*, o “guarda do portão”, indivíduo encarregado de definir as informações que considera válidas, ao valer-se de sua posição teoricamente isenta para fazer uso estratégico da comunicação. A informação digna de contato com o público gera uma ação, enquanto as não selecionadas jamais existirão socialmente.

A mídia possui o dever social de informar os cidadãos, já os meios de comunicação devem assegurar a vida social das informações. O papel das mídias no âmbito cultural é o de permitir que toda ação social seja legítima, assim consentindo e colaborando com a legitimidade de todas as culturas, costumes e hábitos de uma sociedade. A função de produtora cultural das mídias carece ser uma consequência dos processos sociais, do emprego das ferramentas disponíveis e do movimento do conhecimento de um povo, além de suas preferências de lazer e tradições históricas.

Freire Filho (2005) ao tratar das representações das minorias, traz a discussão também o conceito de estereótipo, descrevendo-o de formas distintas. A primeira faz referência a uma facilitação do processo de associação psicológica humana, de modo a criar ordem diante do caos das sociedades modernas. A segunda, avança a primeira concepção e não absolve os estereótipos, que serão no presente trabalho, encarados como construções simbólicas conservadoras, infensas à ponderação racional e emissárias da manutenção social. Uma maneira de impor um sentido preconceituoso de organização ao mundo social.

De acordo com Freire Filho (2005, p.22):

> Estereótipos, por exemplo, sobre a predisposição natural dos negros para atividades físicas (trabalhos braçais ou, na melhor das hipóteses, esportes e dança) em detrimento de tarefas e ocupações intelectuais, almejam explicar e justificar sua escassa presença nos níveis superiores de ensino, em sociedades cuja ideologia oficial é a democracia racial.

Além do exemplo citado acima, existem diversos outros estereótipos na sociedade contemporânea brasileira, normalmente reforçados pelos meios

midiáticos. Segundo Freire Filho (2005): o “português boçal”; o “irlandês rude”; o “índio preguiçoso”; são outras formas de estereotipar e demonstrar preconceito contra determinadas identidades e grupos sociais. É também com intuito de gerar uma reflexão quanto ao estereótipo da mulher conectada aos esportes no Brasil, sobretudo ao futebol, que trabalhamos com a temática neste trabalho.

De acordo com Freire Filho (2005), os exemplos de estruturação de estereótipos, limitam e reduzem toda a diversidade de características de um povo, raça ou gênero a alguns poucos quesitos de personalidade, indumentária ou costumes, supostamente a um comportamento desviante fixado pela Natureza e impassível de exceções. Dessa forma, os estereótipos são um influente modo de controle social, delimitando as fronteiras entre o normal e o anormal, o natural e o patológico, o cidadão e o estrangeiro, dividindo as populações em “Nós e Eles”. Assim, demonstra-se equivocada a alegação de que a origem dos estereótipos seria uma útil “economia de esforço”. Trata-se de um modo de representação ansioso e afirmativo, que ao individualizar e marginalizar o “diferente”, gera um efeito temerário de verdade probabilística e previsibilidade, tornando os estereótipos mais uma formulação habitual das classes dominantes na sua tentativa de modelar a sociedade a partir de sua visão de mundo e valores.

No momento em que possuímos apenas uma única fonte de informação sobre o que incide ao nosso redor, nos colocamos como dependentes de um formato de realidade particular, fornecida pela mesma visão de mundo. Não se argumenta que a recepção das informações seja passiva, sem contestação pública, porém o potencial de persuasão da imprensa não pode ser diminuído, assim como sua específica perspectiva editorial. Pesa ainda o fato de não podermos ignorar a tensão entre a defesa do interesse público - tarefa da mídia na teoria -, e o que de fato a mídia “crê” ser de interesse do seu público.

Embora os meios midiáticos, a imprensa e os produtos culturais que circulam nesses canais possam ser apontados como vilões e responsáveis pela propagação e estruturação de estereótipos, é interessante ressaltar que é necessária uma problematização complexa e histórica ao analisar essas questões. A mídia por si só não tem o poder de inventar discursos preconceituosos sem que esses estejam, de alguma forma, ligados a

significados pré-existentes, e em alguns casos, dificuldades históricas que serão no mínimo, interpretados por sujeitos. A mídia também é composta por pessoas. Segundo Freire Filho (2005, p. 25):

> Muitas das construções estereotípicas do Outro, como representações de diferentes culturas e países, estão enraizadas em nacionalismos do século XIX e em racionalizações pseudocientíficas da diferença racial desenvolvidas, naquele período, nas sociedades europeias autoproclamadas modernas.

Em um cenário ideal e praticamente utópico, as mídias seriam instrumentos relevantes de disseminação de narrativas e cumpririam seu dever de abranger o máximo possível de informações e conteúdo, visando constantemente um discurso imparcial, que não reforce estereótipos e preconceitos.

2.2. Futebol feminino e historicidade

A história do futebol feminino, e a de todo desporto para mulheres de maneira geral, está muito conectada a um passado de privações, negações e proibições, uma luta constante pelo direito a igualdade. A Inglaterra e a Escócia protagonizaram a primeira partida de futebol disputada entre mulheres em 1898. O primeiro jogo oficial em território brasileiro no ocorreu em 1921, entre as Senhoritas Tremembenses e as Senhoritas Catarinenses. Já primeira equipe feminina profissional do Brasil foi o Araguari Atlético Clube, no estado de Minas Gerais em 1958.

Rubio (2011, p.90) resgata,

> [...] nos Jogos Olímpicos da Grécia em 1896 (os primeiros da Era Contemporânea), foi permitida às mulheres apenas a condição de espectadoras. Quatro anos depois, quando a sede foi uma Paris marcada pelo liberalismo, as mulheres foram então formalmente aceitas como participantes, respeitando as restrições impostas: as únicas competições permitidas eram o golfe e o tênis, modalidades

> consideradas belas esteticamente e que não ofereciam contato físico entre as participantes.

Embora as mulheres tenham começado a participar efetivamente das Olimpíadas a partir de 1900 em esportes como golfe e tênis, o primeiro torneio olímpico de futebol feminino ocorreu apenas em 1996, em Atlanta. A seleção brasileira possui duas medalhas de prata conquistadas em 2004 e 2008. Goellner (2005) afirma que apesar da baixa visibilidade, as mulheres foram e são parte decisiva da estrutura do futebol brasileiro, seja na imprensa esportiva, no dia-a-dia dos clubes, nas políticas públicas ou na educação física escolar.

Rubio (2011, p.85) comenta que,

> O século XX representou um importante marco para a História, tanto no que se refere às questões políticas como sociais. Uma dessas conquistas foi a participação da mulher no esporte competitivo. Em época de grandes transformações, os papéis femininos, bem como as atitudes e a percepção que as mulheres têm de si próprias, também mudaram profundamente.

Rubio (2011) acrescenta ainda que esse exercício de gênero representou um dos maiores fenômenos sociais do século XX, pois atingiu as esferas econômicas, políticas e também o âmbito esportivo. Entretanto, o modelo de sociedade patriarcal que acompanha a humanidade há muitos séculos se mantém, e não passamos ainda por um momento de respeito pela diferença entre os gêneros. Apesar de avanços inquestionáveis terem ocorrido nesse aspecto, inclusive com conquistas esportivas femininas de grande relevância, existem resquícios velados e manifestos de uma antiga lógica de poder. Esse contexto esportivo é apenas uma das faces do discurso das relações de gênero, sendo parte de uma grande “engrenagem” que está presente em todos os nichos sociais.

Ao trabalharmos com historicidade, convém trazermos uma concepção de uma autora dos estudos feministas sobre a “história”. Joana Maria Pedro (2005, p.87) comenta que: “A história era, ela mesma, responsável pela produção sobre a diferença sexual”. Pedro (2005) defende que uma narrativa história nunca será neutra, sendo uma narrativa sobre o sexo masculino, pois relata fatos em que os homens estiveram envolvidos, construindo no presente

o gênero, definindo que apenas os homens fizeram história. Dessa forma, as motivações da autora e do movimento feminista convergem, ao “apontar e modificar desigualdades entre homens e mulheres”.

Kátia Rubio (2011, p.86) esclarece que, historicamente, a mulher foi considerada profanadora e usurpadora de um espaço teoricamente masculino no meio esportivo. A experiência atlética como uma busca feminina digna foi invalidada pela dominação masculina no esporte, numa lógica que durou todo o século XX: “Às mulheres cabia o espaço das arquibancadas, validando a condição de espectadoras do espetáculo viril”. As conquistas femininas, principalmente quando obtidas por um grupo de mulheres, sempre foram consideradas ameaças grandes ao modelo estrutural patriarcal predominante.

Silvana Goellner (2005, p.145) lembra que:

> A tensão presente entre diferentes concepções acerca da relação entre mulheres e atividades físicas fez com que houvesse, por parte de alguns setores da sociedade brasileira, um movimento de cerceamento à participação das mulheres em determinadas modalidades esportivas. Fruto desse movimento, em 1941, o General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos, subsídios para a elaboração de um documento que oficializou a interdição das mulheres a algumas modalidades, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo; outras foram permitidas, desde que praticada dentro de determinados limites. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou a Deliberação nº 7 que, em seu artigo segundo registrava não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, rugby, halterofilismo e baseball.

A interdição ao futebol feminino, que representou um significativo atraso e retrocesso no avanço da modalidade, além de todos os prejuízos que vão além do âmbito esportivo, durou até 1979, quando o Conselho Nacional de Desportos revogou a deliberação proibitiva. A participação das mulheres no futebol, que já era significativamente menor que a dos homens, sofreu tornou-se ainda mais problemática com os decretos de proibição, impedindo políticas de inclusão e impossibilitando que os clubes investissem no futebol feminino. Gollner (2005) reitera que, decorrente da queda da deliberação, surge uma nova perspectiva para o futebol feminino brasileiro, com o surgimento de vários times a partir da década de 80 e alguns campeonatos adquirem alguma visibilidade no calendário esportivo nacional. A CBF convocou a oficialmente a

primeira seleção brasileira feminina em 1988 e passou a fechar alguns contratos de patrocínio. Em 1998, a seleção brasileira já era tricampeã Sulamericana de futebol feminino e 1999 foi terceira colocada no Mundial. Ainda assim, alguns contextos históricos continuavam frustrantes a partir do interesse das federações e da mídia em promover um pouco mais a modalidade, principalmente o da erotização dos corpos das atletas. O campeonato paulista feminino de 2001, por exemplo, organizado pela Federação Paulista de Futebol, denominado “Paulistana”, exigia que as atletas cumprissem algumas condições estéticas para estarem aptas a jogar, além de não poder ter mais de 23 anos de idade, com o objetivo de erotizar as jogadoras na mídia. Apesar de sofrerem com preconceito e a falta de visibilidade em torno de questões mais voltadas a desempenho, a seleção brasileira continuava a colecionar conquistas, como os dois ouros nos Jogos Panamericanos de 2003 e 2007.

Possivelmente a figura mais importante da história do futebol feminino brasileiro chame-se Marta Vieira da Silva, nascida no nordeste brasileiro, na cidade de Dois Riachos, no estado do Alagoas em 19 de fevereiro de 1986, a Marta. A atleta, capitã da seleção brasileira, atualmente atua pela equipe da Orlando Pride, dos Estados Unidos e já foi eleita como melhor futebolista do mundo pela FIFA por cinco vezes consecutivas, um recorde entre mulheres e homens. Marta é a maior artilheira da história das Copas do Mundo de Futebol Feminino, com 15 gols, além de ser a maior artilheira da história da seleção brasileira de futebol, independente de gênero, com 101 gols marcados. Marta é um símbolo do futebol feminino brasileiro e mundial, foi eleita pela ONU como Embaixadora da Boa Vontade, inspirando milhões de meninas a praticarem o esporte em todo o planeta.

Goellner (2005) expõe que, mesmo consideradas transgressoras, as mulheres estão presentes de modo definitivo no universo futebolístico brasileiro, compondo equipes, fazendo comentários, treinando, arbitram jogos, divulgam notícias, etc. Transgredindo o que convencionalmente está colocado como próprio de seu corpo e comportamento, enfrentam a hegemonia masculina culturalmente assimilada e questionam os preconceitos e as estruturas de poder consequentes deste contexto. A crescente presença feminina na vida esportiva brasileira é louvável e notável desde o final dos anos

90, marcando história em eventos de grande projeção internacional e aumentando o número de mulheres praticantes de futebol e outros esportes em clubes, escolas e áreas de lazer. Contudo, Goellner (2005, p.149) reitera:

> No entanto, apesar destes significativos avanços, ainda é precária a estruturação da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte [...]

Segundo Gastaldo (2003) em grande parte, a conexão da cultura do povo brasileiro com o esporte futebol, se deve ao fato do sucesso histórico da seleção brasileira, “o time de todos os brasileiros” em Copas do Mundo. O Brasil é o maior detentor de títulos (cinco) do torneio, que ocorre a cada quatro anos desde 1930 – sendo interrompida apenas pela Segunda Guerra Mundial em 1942 e 1946 -, e o único país a participar de todas as edições.

As Copas do Mundo femininas, entretanto, não contam com o mesmo glamour, tradição e apelo midiático, e ocorrem de quatro em quatro anos desde 1991, sempre um ano depois da Copa masculina. A última Copa do Mundo para mulheres ocorreu em 2015, no Canadá, e foi vencida pela seleção dos Estados Unidos, a próxima edição será em 2019, na França. A melhor colocação da seleção brasileira foi um vice-campeonato em 2007, na China, quando foi derrotada pelas alemãs na final. Atualmente, as maiores competições de futebol feminino para clubes do mundo são a Copa Libertadores da América e a Liga dos Campeões da Europa, além dos Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo, que são para seleções. No cenário nacional, o campeonato mais relevante é o Brasileirão Feminino, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol, e que em 2017 foi vencido pela equipe do Santos-SP.

2.3 A imprensa futebolística brasileira e a questão de gênero

Os meios de comunicação asseguram a vida social de uma ideia. A relevância da imprensa e dos meios de comunicação na construção cultural de uma sociedade é inegável. As informações precisam circular para que sejam legítimas e o acesso a essas informações é amplamente intensificado em função das ferramentas de propagação de acontecimentos. O processo de circulação de informação e a liberdade de expressão são fundamentais para a garantia de uma sociedade democrática e culturalmente diversificada, desde que estas notícias sejam verídicas e isentas de manipulação. Segundo Martino (2009), a invenção da imprensa significou o fim do monopólio do conhecimento pelas instâncias religiosas e universitárias, modificando também as relações de poder na medida em que uma decisão política, publicada em uma folha, ganhava a paisagem das ruas.

Na grade de programação da televisão brasileira existem diversos canais de esporte disponíveis, nenhum deles, entretanto, é aberto ao público em geral. Isso depende do plano de assinatura, além disso, existem transmissões extras que são vendidas no modo *"pay per view"*, quando se compra um evento específico para assistir por fora do seu plano, como uma grande luta ou um jogo de futebol exclusivo para o assinante que além de possuir o canal de esporte original precisa pagar uma taxa extra para assistir determinadas partidas. Embora os canais sejam denominados esportivos e não canais de futebol, é gritante a diferença de tempo em que se fala sobre futebol na comparação com outros esportes, existem programas inteiros para falar apenas de futebol em diversos formatos: um trazendo somente os gols da rodada, outro que discute o futebol internacional, outro que traz ex-jogadores para falar da seleção brasileira masculina, coberturas diárias de treinos dos clubes mais populares do Brasil, mesas redondas logo após o término das partidas discutindo erros de arbitragem e transmitindo e comentando entrevistas coletivas de treinadores, atletas e dirigentes, um para falar de especulações e transferências do "mercado da bola", um que aborda sistemas táticos e as prováveis escalações das equipes para um próximo enfrentamento, outro que analisa o modo como a própria imprensa está tratando os últimos

acontecimentos do mundo do futebol, o que se fala muito pouco é no futebol feminino. Quanto aos programas que chegam a abordar outras modalidades, na maioria das vezes possuem também um espaço e tempo destinado ao futebol, são raros os que fogem dessa estrutura. E isso falando apenas do meio televisivo, a premissa é a mesma quanto aos programas “esportivos” brasileiros de rádio, o caderno de “Esportes” dos jornais impressos, os blogs esportivos, etc, quando se fala em esportes no Brasil, invariavelmente entra-se no debate futebolístico. Obviamente que não seria diferente com o maior website de notícias do país. Essa estrutura midiática em torno do futebol envolve e incentiva também patrocinadores, venda de produtos, divulgação dos eventos, associações aos clubes, basicamente isso tudo sustenta o futebol financeiramente, e deste modo, abre a possibilidade para que a esfera midiática regule fortemente o a maneira como as coisas acontecem no campo do futebol brasileiro. Conduto, toda essa estrutura midiática em volta do futebol brasileiro aborda apenas uma parcela desse esporte, o eixo masculino. As mulheres não recebem a mesma atenção e dedicação da imprensa em matéria de futebol, tanto no esporte dentro das quatro linhas como nas empresas de comunicação. Devide (2005, p.74) afirma:

> No trabalho com mídia esportiva as mulheres também têm menos espaço, deparando-se com inúmeros obstáculos, pois a representação típica do jornalista esportivo é a figura masculina. Os rótulos sexistas atribuídos aos eventos esportivos se constituem em barreiras para impedir que mulheres cubram eventos de futebol ou Fórmula 1, por exemplo.

Existe atualmente um aumento significativo no número de mulheres jornalistas esportivas, porém ainda muito reduzido na comparação com os homens, isso não altera o quadro machista. É interessante refletirmos sobre quantas vezes já assistimos a uma transmissão de uma partida de futebol narrada por uma mulher. Devide (2005) coloca que o que precisa ser modificado é a organização social dos esportes, que não podem ser influenciados pelas forças do marketing, que determina quais são os eventos mais interessantes de serem assistidos por um interesse supostamente masculino, noticiando apenas o esporte masculino e tratando as pautas sobre o esporte feminino como raridades.

Segundo Goellner (2005, p.144),

> [...] mesmo que em muitas situações as atletas tenham saído das zonas de sombra, ainda hoje são recorrentes algumas representações discursivas que fazem a apologia da beleza e da feminilidade como algo a ser preservado, em especial, naquelas modalidades esportivas consideradas como violentas ou prejudiciais a uma suposta natureza feminina.

Devide (2005) também questiona o que ele chama de determinismo biológico, usado para justificar desigualdades de gênero e legitimando as relações de domínio masculino e as razões pelas quais as mulheres devem ter menos acesso a oportunidades sociais do que os homens, especialmente no esporte.

Para Escosteguy (2016, p.70), “o entendimento da categoria “gênero” como construção social se associa à ideia de que as identidades se definem de modo relacional e, a partir de determinado momento, não mais exclusivamente via o par feminino-masculino”.

O feminismo e as questões de gênero foram e ainda são consideradas como subversivas pelas camadas dominantes da sociedade contemporânea, as normas sociais que cada gênero deve seguir estão dessa forma, ameaçados pelo debate. Segundo Judith Butler (2015, p.211),

> A perda das normas do gênero teria o efeito de fazer proliferarem as configurações de gênero, desestabilizar as identidades substantivas e despojar as narrativas naturalizantes da heterossexualidade compulsória de seus protagonistas centras: os “homens” e as “mulheres”.

Rubio (2011, p.99) sugere uma reflexão importante:

> Cabe pensar se ainda não vivemos uma realidade na qual muitas mulheres atletas permanecem submissas a discursos estereotipados de sexo e gênero, que ora as fragilizam pela ideia de serem “muito emotivas”, ora as masculinizam dependendo da escolha das modalidades e da própria postura como atletas: se competentes, assertivas e determinadas, são “quase homens”.

Inclusive, segundo Goellner (2005), atletas de futebol frequentemente são questionadas a respeito de sua sexualidade, numa inspeção aparentemente “natural”. Isso representa admitir que o futebol, um esporte “masculino”, quando jogado por mulheres, provoca choque e estranheza na sociedade, devendo se realizar maneiras de evitar que sejam transpostos limites culturalmente construídos tidos como inerentes a cada gênero. Goellner (2005, p.150) critica: “Para além dessas situações, a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não tanto os talentos esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras, mas a sua imagem e o seu comportamento”.

Pedro (2005, p.78) busca diferenciar os conceitos de sexo e gênero para elucidar as discussões:

> E era justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero mas não têm sexo, que os movimentos feministas e de mulheres nos anos oitenta, passaram a usar esta palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam dessa forma, reforçar a ideia de que as diferenças se constatavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do “sexo” como questão biológica, mas sim eram definidos pelo “gênero” e, portanto, ligadas à cultura.

Pedro (2005) ainda acrescenta que o que os movimentos feministas buscavam, dessa forma era questionar o porquê o universal, em toda nossa sociedade e linguagem, é masculino, não as incluindo nesse contexto por essa concepção. É importante trazer novamente aqui o fato de que quando se nomeia a seleção brasileira de futebol, por exemplo, ou fala-se em Copa do Mundo, se pressupõe automaticamente que se trata do esporte masculino.

A construção cultural das normas de gênero está totalmente conectada a linguagem e a circulação de discursos e significados, sendo papel fundamental, portanto, dos meios de comunicação de massa colaborar para uma elaboração isenta dessas interpretações. Butler (2015, p.26) expõe uma inquietação que poderia ser direcionada a grande mídia brasileira no que diz respeito a este processo: “Quando teóricas feministas afirmam que o gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou que o gênero é construído culturalmente, qual é o modo ou mecanismo dessa construção?”.

Devide (2005) discorre que, apesar de historicamente dominado pelo homem, o esporte, se encarado como um caminho de conquistas de mulheres

ligadas à auto-estima, segurança, performance, autonomia e reconhecimento público e histórico, pode combater preconceitos e tabus e produzir novos significados. Devide (2005, p.74) afirma ainda que: “A marginalização é a estratégia mais comum da exclusão da cobertura de mulheres esportivas pela mídia [...]” O autor acredita que a mídia esportiva disponibiliza pouco espaço para o esporte feminino porque não existe consciência que o esporte feminino tem espectadores e vende, sendo tratado com menor importância. Cabe refletir aqui, por exemplo, sobre qual o interesse que a imprensa futebolística brasileira possui em diminuir essa opressão masculina na área, oferecendo condições igualitárias de espaço e incentivo ao invés de focar nas inabilidades físicas das atletas em comparação aos homens. A mídia, formadora de opinião, possui um papel importante no incentivo ao futebol feminino e também em uma construção ideológica da modalidade, com o poder de influenciar positivamente as autoridades competentes a criação de políticas de fortalecimento e crescimento do esporte para mulheres, estruturando dessa forma, representações sociais decisivas na sociedade.

3. METODOLOGIA

A metodologia de um trabalho é um caminho pessoal e único a ser percorrido, que deve demonstrar como será solucionado o problema que norteia a pesquisa. Esta trajetória terá suporte teórico demarcado nos textos elaborados por pesquisadores dos Estudos Culturais, estudos estes que, ao longo de sua história, buscaram sempre um afastamento de definições inflexíveis e ortodoxas. Segundo Rosário (2006, p.3),

> [...] é valoroso o caminho aberto pelo próprio pesquisador, direcionado pelos problemas de pesquisa e fundamentado nas ferramentas teóricas condizentes com o tema. Escolher o percurso metodológico que prima pelo caráter científico e, ao mesmo tempo, é desbravado pelo próprio pesquisador requer coragem e, por vezes, atrevimento, mas é, sem dúvida, enriquecedor.

João Freire Filho (2005) delineia um panorama da emergência em se colocar a representação das minorias como objeto investigativo empírico para as reflexões teóricas na área da comunicação. São questões que estão ligadas não apenas ao conteúdo em si e suas estruturas, mas também às lógicas de produção desses significados e como identidades são construídas e questionadas a partir desses processos.

Freire Filho (2005, p.19) questiona:

> Que atores e instituições sociais são responsáveis pela geração e disseminação massiva das imagens das comunidades minoritárias? Em conjunto com quais fatores políticos e econômicos? Amparados por quais discursos, códigos culturais, convenções genéricas e tecnologias comunicacionais?

De forma a evitar simplificações analíticas e gerar problematizações complexas, Freire Filho (2005) comenta que um estudo efetivo a respeito das representações minoritárias na mídia não pode se limitar a um simples levantamento estático de representações estereotipadas, sem um embasamento teórico e histórico. Devem ser feitos questionamentos a respeito de imagens sociais construídas ideologicamente e dos motivos que as levam a ser produzidas e perdurarem.

A metodologia deste trabalho trata-se de uma análise cultural-midiática com base na perspectiva teórica dos Estudos Culturais. Analisaremos a representação do futebol feminino no setor denominado “Futebol Feminino” do site globoesporte.com a partir de notícias publicadas nesta seção do site, sob o viés do materialismo cultural de Raymond Williams (2003). Assim como as diferentes concepções dadas pelo autor a respeito do conceito de cultura, organizaremos a análise em cultura vivida, - que trata da dimensão social da cultura - através da contextualização e mapeamento dos cenários envolvidos, e da cultura registrada, – que trata da dimensão documental da cultura – através do método de observação online, a partir da obra de Telma Johnson (2010). Desenvolvemos também, uma terceira perspectiva, a dimensão institucional da análise, relacionada à esfera da produção das notícias e a inerente regulação cultural existente nesse processo. A última instância de nossa análise abordará um importante conceito presente na teoria cultural: a “mediação”, que permeará os entrelaçamentos existentes nas três dimensões de análise.

Buscamos desenvolver um percurso próprio de análise cultural aplicada à mídia e, com base em outros circuitos e modelos de análise, elaboramos um diagrama autoral que será apresentado detalhadamente no decorrer do capítulo. O desenvolvimento de um diagrama autoral faz parte do esforço do trabalho em ilustrar e elucidar o retrato de sua metodologia particular.

3.1. Análise cultural: cultura registrada e cultura vivida

O materialismo cultural trata-se da formulação de uma nova teoria da cultura, inscrita no materialismo histórico, centrada na questão da determinação econômica da cultura e da arte. Williams (2003), debatendo a tradição marxista, pensa a cultura como um processo produtivo e como parte dos meios de produção, uma posição que pode ser considerada marxista, porém não ortodoxa. O autor contribui para o desenvolvimento de uma teoria materialista para a cultura, elevando o conceito a um significado absoluto da vida, focalizando a interdependência de diversas esferas da realidade social visualizando-as como elementos ativos na transformação social.

Segundo Williams (2003) a análise da cultura é a atividade da crítica, mediante a qual se avaliam e descrevem a natureza do pensamento e os detalhes da linguagem, as formas e as convenções como as situações se manifestam. Coiro-Moraes (2015), ao discutir o objetivo de uma análise cultural na concepção de Raymond Williams, argumenta que o que a análise cultural deve apontar, segundo o autor, são as interpretações, as alternativas históricas e os específicos valores contemporâneos através dos quais são trazidos para o presente uma obra, o acervo ou a experiência dos sujeitos de determinado período, de dado lugar.

Segundo Coiro-Moraes (2016, p.35),

> Por meio desse protocolo metodológico é possível verificar as diferentes interfaces e interações entre os eixos dos circuitos e seus possíveis desdobramentos, em particulares categorias analíticas trazidas por pesquisadores que façam uso dos circuitos de cultura, no intuito de prover uma visão ampliada da complexidade inerente a pesquisas que trazem em seu bojo temáticas próprias da cultura midiática contemporânea.

Williams (2003) diz que existem três categorias gerais para a definição de cultura. A primeira é a “ideal”, que é ampla, segundo a qual a cultura é um estado de processo de perfeição humana em condições de certos valores absolutos e universais. A segunda é a “documental”, conectada à cultura registrada, de acordo com a qual, a cultura é a massa das obras intelectuais e imaginativas que se registram de diversas maneiras o pensamento e a experiência humana. A definição “social” é a terceira, conectada a cultura vivida, para a qual, a cultura é a descrição de um determinado modo de vida, que expressa certos significados e valores não somente na arte e aprendizagem, mas também em instituições e comportamentos ordinários.

Na metodologia da presente pesquisa, em razão de sua temática e objeto, trabalharemos com os conceitos de cultura vivida e cultura registrada, dimensões social e documental da cultura, segundo Williams (2003). Essas definições são de conceitos basilares à nossa análise, e a darão suporte e fôlego, sendo enquadrados no diagrama autoral elaborado, além da dimensão institucional, que será detalhadamente explicitada adiante, desenvolvida com o intuito de atender as demandas da análise de uma produção midiática tão tradicional no contexto brasileiro.

3.2. Observação On-line Qualitativa

A opção por trabalhar com a observação on-line qualitativa em uma análise cultural gera uma combinação de estratégias que se complementam satisfatoriamente ao compor a investigação das inquietações desta pesquisa e buscar resoluções. Uma das conexões primordiais entre a pesquisa empírica qualitativa, neste caso a observação online, e análise da cultura que realizaremos se dá pelo viés da “experiência”, pelo empirismo. Em sua obra que discute a pesquisa social mediada por computadores e possíveis metodologias, Telma Johnson (2010b, p.41) coloca que “sem a experiência nenhuma noção primária e até mesmo nenhuma atividade mental poderiam existir ou ser concebidas”. A autora acrescenta que no caso da pesquisa on-line, refere-se à experiência científica como fonte de conhecimento, que deve ser adquirida a partir da observação de algum aspecto da sociedade, e posterior coleta, análise e interpretação de dados reais que respondam aos questionamentos levantados pela pesquisa. Desta forma, a experiência que pode ser observada por uma pesquisa on-line qualitativa, relaciona-se com o conceito de uma cultura vivida, através do empirismo, e também com uma cultura registrada, a partir do registro documental de experiências que aconteceram.

Para discorrer sobre a observação dos campos de comunicação mediada por computadores, a obra de Johnson (2010b) será uma importante fonte de conhecimento explorada por esta pesquisa. A tentativa da obra é oferecer estratégias e sugestões para aumentar as chances de êxito na pesquisa social on-line, não apresentar fórmulas prontas. A autora busca traçar caminhos que rompam com paradigmas metodológicos tradicionais, o que demonstra evidente conexão entre sua corrente de pensamento e as preocupações dos Estudos Culturais, provando grande relevância para o presente trabalho.

Ao discutir a forma de analisar os campos de interações mediadas por computador, Johnson (2010b, p.96) determina:

> [...] esses campos precisam ser observados, investigados e compreendidos como espaços dinâmicos de significação que levam os agentes a agir como agem em seus próprios contextos em processos localizados de interação social.

Johnson (2010b) observa ainda que as pesquisas qualitativas podem ser conduzidas utilizando apenas um único método, porém a etnografia virtual normalmente pede um processo de circularidade de técnicas, reflexividade e flexibilidade constantes para uma interpretação que permita boa compreensão dos fenômenos sociais. A autora acrescenta ainda que a opção por focar na pesquisa social qualitativa e não na quantitativa, diz respeito ao fato de que os estudos epistemológicos da comunicação, necessariamente se inserem no âmbito das ciências sociais, - estudo científico do comportamento humano no meio social - a partir de objetos qualitativos. Johnson (2010b, p.42) afirma:

> Esse olhar epistemológico heterogêneo para a realidade social é o que nos permite perceber nossos objetos de pesquisa em suas várias dimensões qualitativas. É o que possibilita nos debruçarmos no estudo da comunicação mediada por computadores como fenômeno social em curso, em operação, num estudo de coisas não dadas, incompletas.

O objetivo maior da pesquisa mediada por computadores é, deste modo, adquirir dados úteis a partir da interação entre o pesquisador e o objeto, envolvidos genuinamente nos complexos e híbridos espaços on-line. Na próxima sessão do capítulo, ressaltamos conceitos que darão fôlego teórico à metodologia da pesquisa.

3.3. Apresentação do diagrama autoral de análise

A proposição de modelos para análise de temas complexos é algo comum em toda a história da Comunicação, na tentativa de esclarecer discussões complicadas em que é muito difícil definir os limites de cada

componente de um sistema. Como um instrumento analítico que permite uma melhor visualização da complexa relação entre conceitos que são indispensáveis à pesquisa, propomos o desenvolvimento de um diagrama para a realização da análise cultural-midiática da representação do futebol feminino e seus passos metodológicos.

Utilizamos também como fonte inspiradora de embasamento na composição de um novo instrumental analítico, o circuito da cultura apresentado por Paul du Gay (1997), um importante pesquisador do campo dos Estudos Culturais.

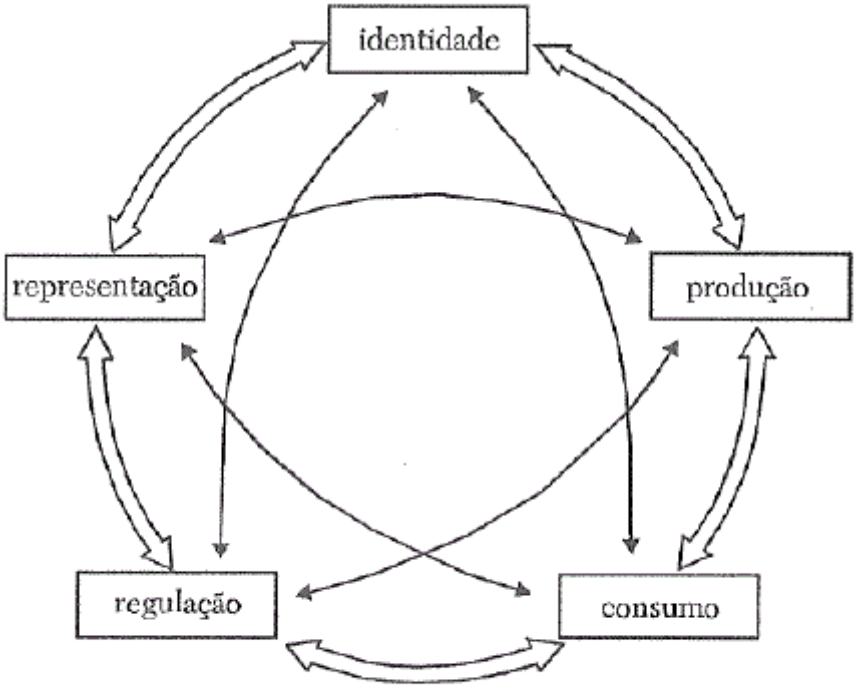

Figura 1: Circuito da Cultura, segundo du Gay et al (1997).

Fonte: DU GAY, P. et al. *Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman*. Londres: Sage, 1997.

Esta proposta de circuito foi elaborada a partir de um estudo do Walkman como artigo cultural, de modo a articular os eixos “produção”, “consumo”, “identidade”, “representação” e “regulação”. As categorias são inseparáveis da ideia de circuito, desta forma não há uma preferência específica em nenhuma das categorias para a realização da análise dos sentidos dos produtos culturais. Da mesma forma ocorre com a representação

do futebol feminino no nosso modelo autoral, em que separamos três eixos diferentes de análise, denominados “dimensões”. É válido ressaltar, entretanto, que assim como no Circuito da Cultura de Du gay (1997) as categorias são inseparáveis da noção de circuito, com os processos ocorrendo simultaneamente e relacionando as dimensões, que se influenciam de modo recíproco, culminando com a composição da cultura e suas representações em si, sendo alterados constantemente por todos os componentes destes processos.

A seguir, apresentamos a figura de nosso diagrama de análise:

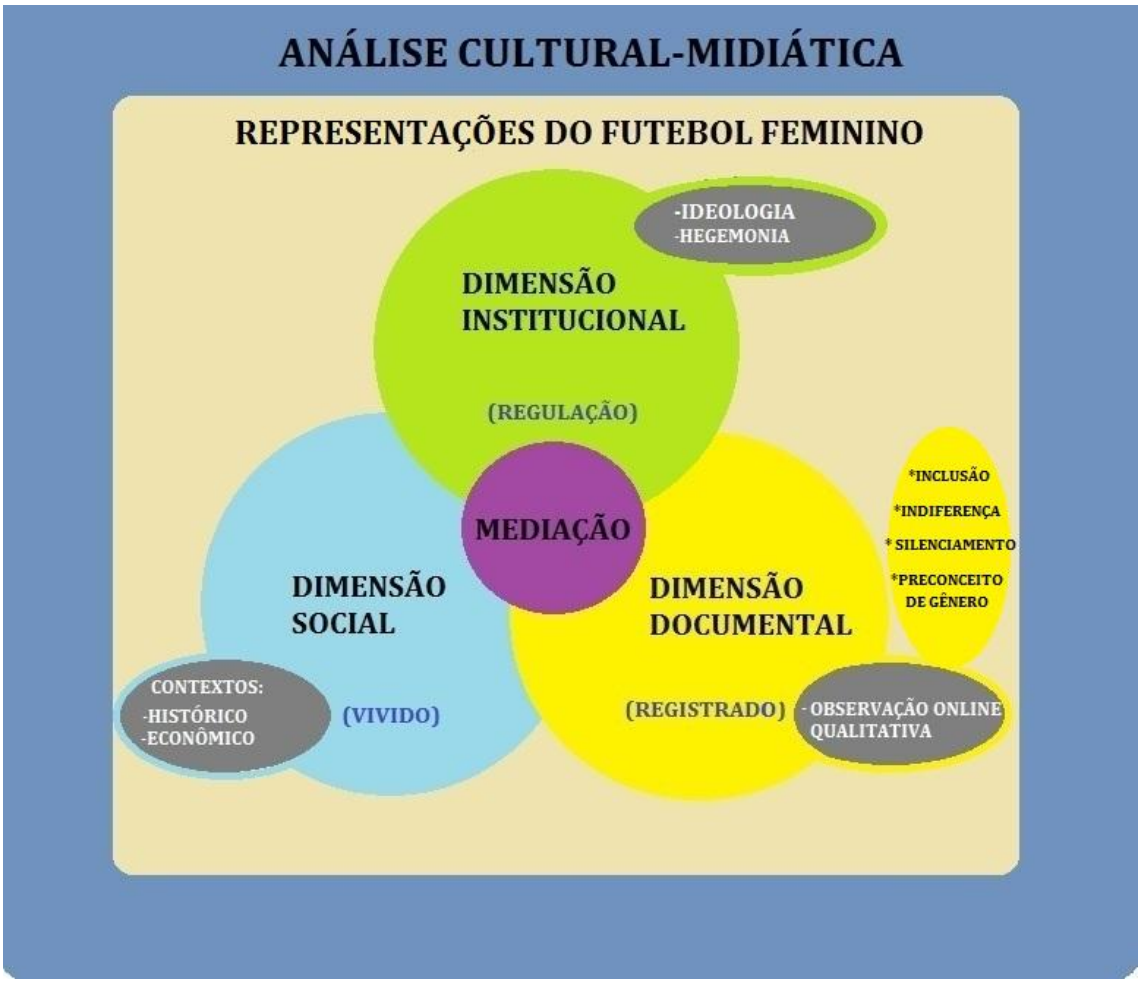

Figura 2: Análise Cultural-Midiática das representações do futebol feminino

Fonte: Elaboração Própria

Neste diagrama, apresentamos a análise cultural midiática como norteadora de todas as nossas atividades metodológicas, inserindo a representação do futebol feminino neste cenário de análise, a partir da relação circular de três eixos de apreciação. A revisão bibliográfica realizada, assim como pesquisa do estado da arte e observações iniciais do objeto nos levaram a definir as três dimensões culturais para a composição desta análise: Social, Documental e Institucional. Para fortalecer a análise cultural midiática com componentes presentes na teoria cultural, um importante elemento que pode fazer uma intersecção entre as três dimensões exploradas é a categoria da mediação, articulando as três instâncias. Visualiza-se a cultura vivida (Dimensão Social) a partir de uma história e economia específicas, o material documental veiculado e registrado (Dimensão Documental) pela mídia, mas também dando conta de vislumbrar a regulação (Dimensão Institucional) do que está nas legislações que regem o futebol e no que diz respeito à ideologia da instituição produtora do conteúdo, percebendo o futebol feminino com um futebol contra-hegemônico. O conceito de hegemonia relacionado à esfera institucional permite que façamos nossa reflexão não julgando apenas as leis em si, mas questionando também o local de fala dentro de um “todo social”. É a partir mediação entre essas três grandes categorias que buscamos compreender efetivamente, de fato qual é, ou quais são, as representações do futebol feminino de modo embasado. A relevância de perceber as representações do futebol feminino se dá pela razão de que essas representações também fazem a mediação de nossa realidade social.

Devide (2005) considera a prática esportiva como algo historicamente produzido e socialmente construído, interpretando o esporte como uma representação cultural de relações sociais, e reconhecendo que todos os fatos precisam receber uma multiplicidade de interpretações, não só o que é palpável, mas o não dito e o invisível igualmente. Dessa forma é possível abordar debates interdisciplinares, e teórica e metodologicamente contestar a hegemonia masculina no esporte de diversas maneiras.

Segundo Vogel (1982, p.112) “As representações produzidas no ritual futebolístico têm, ainda, a virtude de expressar e condensar um conjunto de regras que pode ser operado como uma verdadeira gramática das relações sociais em nosso país”.

Com base nos conceitos de Williams (2003) de cultura vivida e cultura registrada, a partir do materialismo cultural, definimos as dimensões Social e Documental, respectivamente, como eixos de análise no nosso diagrama. A dimensão Institucional não pode ter menos relevância neste caso devido à apreensão dos Estudos Culturais, com que os processos comunicacionais e culturais ocorram de modo justo e igualitário, e que os contextos sociais não sejam manipulados devido a interesses particulares de quem ocupa posições de poder na sociedade.

3.4 Dimensões de Análise

A Dimensão Social, relacionada ao conceito de cultura vivida, analisará o contexto histórico, sem ignorar os cenários políticos, econômico e social, envolvidos na relação entre a cultura que foi vivida pelos sujeitos e o objeto de análise. Este eixo servirá também para a busca por constatar qual o lugar que o futebol feminino ocupa na sociedade. Segundo Williams (2003), a cultura vivida diz respeito a um determinado período e lugar, e só se encontra totalmente disponível quem vivenciou ou vivencia aquele espaço-tempo. A análise da dimensão social será realizada neste momento, contextualizando as experiências vividas historicamente, abordando as interfaces do futebol feminino e sua relação com contextos político, econômico e social. Ressaltamos que esta é apenas uma análise inicial para ilustrar os assuntos que serão abordados mais detalhadamente na análise completa.

Ao considerarmos o âmbito do contexto de capital do nosso diagrama analítico não pretendemos limitar a análise do capital apenas ao seu sentido econômico, mas também ponderar o potencial simbólico de sua significação. Todavia, o mercado financeiro é um destacado agente controlador da circulação de artigos culturais na sociedade contemporânea, tornam-se raros os produtos e instituições que não visam lucro financeiro. Desta forma, realizar uma apreciação que não tenda a considerar majoritariamente o âmbito monetário deste eixo, seria ignorar a realidade em que se insere o trabalho.

Segundo Johnson (2010a, p.35),

> [...] em nossas sociedades, muitas formas de produção cultural assumem também a forma de mercadorias capitalistas. Neste caso, temos de prever condições especificamente capitalistas de produção e consumo.

Embora o autor reconheça com propriedade a relação de dependência da produção cultural com o sistema capitalista, é fundamental termos a consciência de que isso não é tudo, o processo não é tão simples. Os momentos, em alguns casos, podem estar estruturados de acordo com outros princípios, de forma que ao mesmo tempo o circuito seja de capital financeiro, mas também de produção e circulação de formas subjetivas, abrangendo um vasto capital simbólico.

Apesar de reconhecermos que os produtos culturais sofrem forte influência do meio capitalista que estão inseridos, é importante não limitar a produção cultural apenas como um resultado da demanda do capital financeiro. Johnson (2010) ressalta que as condições de produção incluem não apenas os meios materiais de produção e a organização capitalista do trabalho, mas um estoque de elementos culturais já existentes, extraídos do reservatório da cultura vivida ou dos campos já públicos de discurso. Desta forma, é preciso considerar o cenário do futebol feminino a partir da existência de um vasto mercado financeiro estruturado em torno do futebol masculino, e que os interesses particulares deste mercado precisam ser atendidos para que o capital siga circulando neste meio.

A Dimensão Documental, relacionada ao conceito de cultura registrada, será viabilizada pela observação on-line qualitativa do site globoesporte.com no que diz respeito ao futebol feminino, e também de notícias do setor destinado ao futebol feminino no website. A pesquisa on-line, a partir de Telma Johnson (2010b), associada ao cenário de análise cultural, nos proporcionará suficiente flexibilidade de análise para que possamos apontar os resultados de nossa observação sem desconsiderar em nenhum momento os contextos mais amplos e subjetivos que podem esconder-se em uma mensagem, imagem ou notícia. Nesta análise, a necessidade de métodos qualitativos, amplos e

flexíveis para que o objeto possa ser examinado de modo complexo se torna evidente, para que nos afastemos do pressuposto de uma uniformidade dos atores sociais e dos efeitos de suas ações. Segundo Johnson (2010b, p.44):

> Para o pesquisador quantitativo, a realidade é objetiva e o estudo do mundo social consiste em identificar leis universais, uma vez que há uma uniformidade na natureza humana; para o pesquisador qualitativo, não há uma única realidade, ela é subjetiva e existe somente em referência à percepção do pesquisador.

Johnson (2010b) ainda acrescenta que está ligado ao intuito da pesquisa quantitativa formular leis gerais para o comportamento das pessoas, já a pesquisa qualitativa objetiva compreender os fenômenos sociais a partir de fatos e contextos particulares. É buscando não desconsiderar os contextos sociais que envolvem a temática deste trabalho que realizaremos nossa análise cultural-midiática.

Segundo Williams (2003), a cultura registrada é aquela que está documentada, seja por meio da arte, jornais ou registros da vida cotidiana. A observação on-line que realizaremos inicialmente fará algumas apreciações sobre o site de maneira geral, para então abordar individualmente as notícias. Williams (2003) coloca que a análise da cultura intenciona descobrir a natureza da organização que compõe o cenário complexo das relações. Ao analisar uma instituição específica, por exemplo, a análise deve detectar tipos característicos de padrões, se ocupando das relações entre eles, possivelmente revelando correspondências, identidades, representações e características inesperadas.

A Dimensão Institucional, relacionada ao modo como o conteúdo é, ou não, regulado pelo seu produtor, pretende analisar, a partir do conceito de regulação da cultura discutido por Stuart Hall (1997), principalmente as facetas ideológicas e políticas deste cenário.

Segundo Hall (1997, p.20),

> Estamos falando em arranjos de poder discursivo ou simbólico. Toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais. Uma vez que a cultura regula as práticas e condutas sociais, neste sentido, então, é profundamente importante *quem regula a cultura*. A regulação *da* cultura e a regulação *através* da cultura são, desta forma, íntima e profundamente interligadas.

A análise da dimensão Institucional será realizada no seu subcapítulo em uma única instância, servindo como uma análise prévia, sintetizando os principais pontos que serão detalhadamente explorados no decorrer do restante de toda a análise cultural a partir do viés institucional da produção de conteúdo. Esta dimensão da análise dará também suporte às outras duas e funcionará como uma reflexão analítica inicial, principalmente nos aspectos ideológicos e econômicos que envolvem a instância midiática e este trabalho. Uma análise que considera a perspectiva da regulação cultural permite também que discutamos o que deveriam determinar as legislações vigentes com relação ao futebol feminino, tanto de suas entidades de comando, - FIFA e CBF, por exemplo – quanto aos deveres e funções do Estado nessas relações. É fundamental ressaltar que todos os pontos de reflexão para esta dimensão de análise presentes no nosso diagrama, a partir do viés da Hegemonia e Ideologia, estarão no presente trabalho, conectados ao plano midiático e seus desdobramentos.

A Mediação, conforme Williams (1979) pode ser considerada uma agência, uma conexão indireta entre tipos separados de ato. É de maneira semelhante que propomos ponderar a mediação implantada no centro de nosso processo metodológico, como um elemento operacional que conecta as dimensões social, institucional e documental. É importante ressaltar que, assim como no conceito do autor, em nossa análise essa “agência” jamais atuará de modo isolado e separado dos contextos sociais e sem sofrer a influência das demais dimensões, reforçando nossa ideia de circuito cíclico. Segundo Williams (1979, p.101),

> [...] a modificação envolvida na “mediação” não é necessariamente considerada como uma deformação ou disfarce. Todas as relações ativas entre diferentes tipos de ser e consciência são antes inevitavelmente mediadas, e esse processo não é uma agência separável – um “meio” – mas intrínseco às propriedades dos tipos correlatos.

Williams (1979) afirma que arte e superestrutura não refletem diretamente a realidade social e a base, já que a cultura se trata de uma

mediação da sociedade. É necessário, portanto, para manter esta ideia de mediação, primeiramente um senso de áreas preexistentes e afastadas, nas quais o processo de mediação ocorre independentemente ou a partir da determinação desses elementos anteriores. É com essa prerrogativa em mente que para viabilizar a análise, inicialmente apresentamos três eixos visivelmente separados, porém, sem deixar de considerar em nenhum momento as inter-relações entre esses eixos e fundamentalmente o elo formado pelo processo constante de mediação em todas as dimensões, perpetuando a esfera da mediação como uma espécie de arremate da nossa análise.

4. ANÁLISE CULTURAL-MIDIÁTICA

A representação é o local de chegada desta pesquisa. Entretanto, o conceito de representação permeia este trabalho em todos os seus momentos. Realizaremos a análise da representação do futebol feminino no site globoesporte.com visando esclarecer a importância do conceito de representação para a compreensão de fenômenos culturais a partir dos meios midiáticos. Trata-se de uma esfera complexa e decisiva na construção da realidade social, assim como as atribuições da mídia e da Comunicação Social.

Vogel (1982) aponta que o futebol inicia um local de realidade para a compreensão da imaginação social brasileira e do contexto sociológico, construindo-se representações ritualizadas de certas identidades sociais.

A análise cultural deste trabalho aborda frequentemente questões de gênero. Para Butler (2015, p.28) o gênero é um componente decisivo nas significações culturais: “Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um “fator” ou “dimensão” da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” de diferença biológica, linguística e/ou cultural”.

Freire Filho (2005, p.20) coloca que,

> A análise crítica da sub-representação ou da representação distorcida de identidades sociais (classes, gêneros, orientações sexuais, raças, etnias, nacionalidades) se consolidou, desde a década de 1960, como um dos temas centrais da agenda dos estudos culturais e midiáticos.

Ao realizar uma análise crítica das representações e identidades sociais com relação ao gênero, buscamos prosseguir com um caminho já percorrido pela nossa fonte teórica, mas que necessita de constante espaço tanto no meio acadêmico como na sociedade em si.

Lidar com bancos de dados digitais é uma tarefa desafiadora, a Internet e as diversas formas de comunicação mediada por computador, assim como as inúmeras possibilidades existentes para a coleta e armazenamento de informações podem ser uma armadilha para o pesquisador. Deste modo, limitamos nosso corpus de análise de forma a objetivar fundamentalmente a nossa área de interesse no website globoesporte.com, que compreende o setor

do site denominado “Futebol Feminino”, local onde, a princípio, todas as informações a respeito do futebol feminino deveriam ser encontradas. Faremos referências a outras regiões do site apenas para contextualizar nosso objeto e ilustrar possíveis disparidades ou semelhanças com relação ao futebol feminino. Entretanto, nosso objetivo não é realizar uma análise de todo o website, tampouco trabalhar com detalhes técnicos de seu layout. Acompanhamos a página “Futebol Feminino” do período de abril de 2016, com a definição oficial do objeto da pesquisa, até setembro de 2017, período em que houve modificações de conteúdo e estrutura na página. Dessa forma, selecionamos o período de agosto de 2016 a setembro de 2017, momento iniciado logo após o término das Olimpíadas do Rio de Janeiro, em que se constatou que a cobertura do futebol feminino durante as Olimpíadas foi aproximada do ideal, porém ilusória, pelos Jogos Olímpicos representarem um cenário praticamente utópico do alto nível esportivo e de grande apelo midiático, muito distante da realidade diária do futebol feminino, como explicitaremos mais detalhadamente na análise da dimensão social. Na dimensão documental, buscamos analisar as notícias do período “problemático”. Realizando uma seleção de uma notícia mensal, a partir da mais destacada entre elas. As notícias não eram organizadas cronologicamente dentro da página, figurando sempre no topo de um mês específico uma notícia em destaque como a primeira de cada mês por um critério interno do website, podendo até mesmo ocorrer de modo aleatório devido ao fato da página ser bastante desorganizada e sem lógica.

4.1 Dimensão Institucional

Compreender as dinâmicas de funcionamento dos assuntos referentes à hegemonia, ideologia e dominação é crucial para um desenvolvimento saudável da sociedade contemporânea e na resolução das problemáticas propostas pelos Estudos Culturais. Assim como os regimes hegemônicos

vigentes necessitam estar sempre alerta e analíticos às alternativas e objeções ao seu domínio, os agentes questionadores e transformadores precisam aceitar as realidades dos processos culturais e encarar as hegemonias impostas como desafios, mas não como inimigos distantes, para que obtenham êxito na intenção de incluir os esforços e contribuições de quem está à margem das dominações em questão.

Johnson (2010, p.50) discorre a respeito das definições do que é considerado dominante ou não em uma sociedade, questionando inclusive até que ponto determinados valores devem deixar de ser incluídos em uma esfera pública de discussão social, para tornarem-se temas restritos ao âmbito familiar.

> "Todo mundo" concorda que as questões públicas mais importantes são a economia, a defesa, a lei e a ordem e, talvez, as questões de assistência social, e que outras questões – a vida familiar, a sexualidade, por exemplo – são essencialmente privadas. O problema é que as definições dominantes do que é considerado importante são, em boa parte, socialmente específicas e, em particular, tendem a corresponder às estruturas masculinas – e de classe média – de interesse. É, em parte, porque começam fundamentalmente a questionar essas disposições que alguns feminismos, os movimentos pela paz e os partidos verdes estão entre as formas mais subversivas de fenômenos modernos.

Na medida em que algumas lutas sociais como feminismos e movimentos pela paz são vistos como práticas subversivas pelas camadas dominantes da sociedade contemporânea, suas áreas de atuação se tornam restritamente alternativas e a necessidade do fortalecimento e circulação desses discursos contra-hegemônicos é evidente. A dificuldade em estabelecer esse tipo de relação comunicacional é amplamente aumentada em função de serem relações contrárias aos interesses dominantes e assim, acabam podadas, principalmente por falta de suporte financeiro.

A partir desse ponto de vista, é recomendável que consideremos o futebol feminino como um movimento contra-hegemônico, um futebol de resistência que desafia a hegemonia solidificada pelo âmbito masculino. Um exemplo interessante no que diz respeito às legislações vigentes no futebol feminino, é a medida anunciada pela Confederação Sulamericana de futebol

(Conmebol) no início do ano de 2017, determinando que todos os clubes de futebol do Brasil que não possuírem uma equipe feminina a partir do ano de 2019, estarão impedidos de disputar a Copa Libertadores da América, competição mais importante chancelada pela entidade. A medida faz parte de um programa de licenciamento da Confederação Brasileira de Futebol juntamente com a FIFA. É importante verificar se as mudanças propostas pelas entidades de comando do futebol são acompanhadas por alguma alteração na forma como a representação do futebol feminino é retratada no nosso objeto de estudo.

Devide (2005, p.35) critica as desigualdades de gênero no esporte e faz uma série de indagações pertinentes a nossa análise pelo viés das instituições:

> Para explicar as desigualdades entre homens e mulheres no esporte, é preciso voltar às diferenças de gênero, mais do que àquelas referentes ao sexo. Só assim podemos tentar explicar questões como: Por que certas modalidades esportivas são destinadas predominantemente aos homens ou às mulheres? Por que as premiações em dinheiro são, em geral, maiores para os homens se as mulheres competem sob as mesmas regras? Por que a mídia tende a fazer mais e melhores coberturas dos esportes masculinos? Por que as mulheres não assumem cargos de liderança e tomadas de decisão na esfera esportiva dos clubes, federações nacionais e internacionais e comitês? A quais fatores podemos atribuir a menor participação feminina no esporte?

É interessante que pensemos na diversidade de possibilidades que envolvem a questão da escolha de um jornalista ou produtor de conteúdo e das normas da emissora ou veículo midiático no momento de dar determinado “tom” ou significado as notícias. As pessoas não ignoram com facilidade suas crenças ideológicas, principalmente se forem corroboradas por um sistema hegemônico de ideias, e o processo de construção da maneira como determinado grupo ou indivíduo é representado na mídia não está alheia a ideias anteriores à produção. É importante que lembremos que os veículos midiáticos são controlados por pessoas, pessoas também são os componentes de uma empresa de comunicação, sujeitos com características próprias e identidades variadas, mas que não deixam de sofrer influência do contexto social no qual estão inseridos.

Vogel (1982) coloca que o futebol pode funcionar como uma ferramenta de dominação e controle que os poderosos utilizam para garantir a subordinação das minorias. Dominação e controle são termos que se associam fundamentalmente com o conceito de regulação cultural, outro componente essencial desta análise institucional.

O grupo Globo trata-se de um dos maiores conglomerados midiáticos do planeta e seu potencial de regulador cultural na sociedade brasileira não pode ser ignorado, tanto pelo viés ideológico, econômico ou político. Historicamente associado a ideologias conservadoras, é essencial que tenhamos atenção aos interesses do Grupo na construção da representação do futebol feminino no globoesporte.com, verificando até que ponto essa corporação midiática cumpre com o que se compromete em seus princípios institucionais norteadores.

Uma sessão do website globoesporte.com denominada “Princípios Editoriais” contém um documento que aborda os valores com que o Grupo Globo se compromete a seguir em termos éticos de isenção, responsabilidade com as fontes, acionistas, colegas e público. É um documento longo e detalhado, que pudemos examinar para levantar algumas reflexões importantes com relação à esfera institucional que produz o conteúdo que avaliamos na pesquisa, o globoesporte.com. Não pretendemos fazer uma análise rebuscada que referencie especificamente muitos trechos desses princípios, pois não é esse o objetivo principal deste trabalho, porém cremos ser interessante ponderar a respeito de algumas questões, principalmente por se tratar do maior grupo midiático do Brasil, que atua perante uma concessão pública.

Apesar da tentativa de mostrar a organização como uma empresa moderna e com governança atualizada, o material não passa de uma cartilha de como se deve proceder no trato das informações sob a ótica de interesse da Globo. Após a leitura dos “princípios”, percebe-se o esforço em mostrar-se isento e independente das amarras políticas e econômicas, em defender uma investigação profunda antes das publicações e a correção, mas também se comprometendo com a agilidade e celeridade na divulgação das notícias, o que já é no mínimo contraditório a perspectiva de uma investigação cuidadosa antes de publicar algo. A partir de um olhar atento é possível destacar características contraditórias em vários desses princípios editoriais, por exemplo: a Globo afirma que ninguém pode ser acusado de um crime em seus

veículos sem a devida apuração, mas ao mesmo tempo o postulado coloca que se um indivíduo de “credibilidade” fizer uma acusação a outro, terá sua fala publicada sem avaliação prévia. Baseado em que critério de credibilidade? E a devida apuração dos fatos? Outro trecho notório da cartilha diz respeito a valores que o Grupo julga e determina como fundamentais aos seres humanos, chamando atenção dentre eles a defesa intransigente da democracia, um valor um tanto quanto louvável, porém curioso de ser defendido por uma organização que apoiou veementemente a ditadura militar e a retirada de direitos individuais da população, do seu próprio público, e que a partir dali apresentou crescimento extraordinário com relação aos seus concorrentes. Aproximando novamente a discussão do esporte feminino e mais precisamente do futebol, quão democrático e ético pode ser realizar uma discriminação de gênero deliberada diariamente? O fortalecimento de um movimento contra-hegemônico que questiona constantemente as distinções de tratamento perante diferentes indivíduos na sociedade, e que combate duramente a misoginia, é do interesse de uma organização com ideologia conservadora repleta de valores morais residuais patriarcais no seu cerne?

Segundo Martino (2009, p.59) “Habermas questiona até que ponto a dependência entre as empresas de mídia e os grupos privados responsáveis pela publicidade não destrói as possibilidades democráticas dessa mídia”. É conveniente que reflitamos a respeito da questão comercial, mais especificamente no que diz respeito ao ganho financeiro que a empresa historicamente possui relacionado ao futebol masculino no país, controlando cotas de patrocínio e televisão, determinando horários das partidas conforme sua grade de programação, com venda de pacotes exclusivos para assinantes, entre outros diversos lucros obtidos com o produto, o “negócio” futebol masculino. O futebol feminino, por outro lado, devido a vários motivos que fazem parte um quadro social complexo, como a presença de valores machistas em praticamente todas as esferas da sociedade, tem um menor apelo comercial no país, praticamente não gerando receita financeira a Globo, e assim, recebendo menor atenção da maior empresa de comunicação do Brasil, que não cumpre com um princípio ético de igualdade neste cenário.

Rubio (2011, p.14) disserta sobre a falta de apoio institucional e a ausência de políticas públicas impactantes destinadas ao desporto feminino no Brasil,

> Observa-se, com o transcorrer das gerações de mulheres atletas, que pouco a pouco foi-se conquistando espaço no campo competitivo, sem que isso representasse apoio institucional concreto ou políticas públicas de desenvolvimento de talentos. Essa constatação reforça a multiplicidade de fatores que contribuem para o surgimento e manutenção de ícones do esporte feminino, fatores que vão dos meios de comunicação, à indústria da moda, passando pela opção de patrocinadores por mulheres com perfis específicos relacionados à beleza, força ou outro atributo afirmativo. Todas essas questões encontram-se paralelas e próximas a tantas outras que envolvem a luta das mulheres brasileiras pelo reconhecimento de seu lugar na sociedade, principalmente em posições de destaque.

Assim, precisamos encarar a dimensão institucional por diferentes ângulos de análise, as instituições midiáticas e também governamentais não parecem preparadas e nem demonstram interesse em atender as demandas do futebol feminino de modo igualitário ao masculino. Porém, este cenário faz parte também de uma luta complexa e histórica das mulheres brasileiras pelo prestígio e reconhecimentos de suas conquistas e espaço na sociedade patriarcal em que vivemos.

4.2 Dimensão Social

Segundo Rubio (2011, p.85) “[...] o esporte nada mais é que uma metáfora da dinâmica social”.

O início dos anos 2000 trouxe consigo uma série de acontecimentos que colocaram o Brasil em evidência no que diz respeito a megaeventos esportivos internacionais. Primeiramente com os jogos Panamericanos que ocorreram no Rio de Janeiro em 2007, mas principalmente, a partir de 2014, quando o país sediou a Copa do Mundo de futebol masculino, e atingindo um ápice com a realização do maior evento esportivo do mundo no Rio de Janeiro, os Jogos

Olímpicos, em 2016. Acreditamos que a participação do pesquisador como espectador na Copa do Mundo de 2014, e após, nas Olimpíadas do Rio em 2016, – inclusive assistindo uma partida da equipe de futebol feminino do Brasil no estádio Maracanã – possam contribuir para enriquecer a discussão sobre cultura vivida.

Evidentemente, a organização e realização de eventos deste porte não trazem consequências apenas ao meio esportivo de uma nação, envolvendo diversas outras instâncias, como o Estado e o mercado turístico, por exemplo, assim como no meio midiático. O Brasil passou por um período em que houve relativo avanço com relação à infraestrutura, comércio e segurança pública. Entretanto, é louvável refletir sobre quais parcelas da população foram atingidas por essas mudanças positivas e se elas foram mudanças concretas ou se ocorreram apenas no período dos eventos, tendo em vista que algumas estruturas montadas para os eventos já estão inutilizadas e descuidadas, e algumas obras prometidas jamais aconteceram. É válido ressaltar também que diversos escândalos de desvio de verba pública e superfaturamento ocorreram neste período e que inúmeros indivíduos de classe baixa contaram com grande declínio com relação a sua qualidade de vida para o usufruto de partes da elite dominante do país e do mundo. No cenário político, o Brasil ainda atravessa uma espécie de “caos”: após uma eleição presidencial que praticamente dividiu o país ideologicamente em 2014, com uma polarização bem visível entre ideais socialistas e ideias conservadores, a presidente democraticamente eleita sofreu um polêmico Impeachment em 2016. Na atualidade, com a presidência agora ocupada pelo ex vice-presidente, Michel Temer, o país experiencia uma luta constante entre o governo e a classe dos trabalhadores, que frequentemente organizam protestos e greves, por estarem sendo vitimados por uma série de retrocessos sociais.

Neste período é possível ressaltar como um período único de destaque do futebol feminino nas pautas mais frequentes do meio midiático e da sociedade brasileira em geral, o período dos Jogos Olímpicos, em que a seleção brasileira de futebol feminina obteve um bom desempenho, ficando em quarto lugar e por muito pouco não disputando a medalha de ouro. Entretanto, após a conquista da medalha de ouro pela seleção masculina nos Jogos, é possível afirmar que o futebol feminino foi alvo de comparações pejorativas por

parte da mídia e da população. Com o fim das Olimpíadas, a pauta do futebol feminino perdeu espaço no contexto social brasileiro, mesmo com medidas de entidades que obrigam clubes de futebol a possuírem equipes femininas, por exemplo.

Não buscamos aqui identificar ou criticar uma espécie de “público” do futebol feminino, a discussão é muito anterior a isso, os problemas são mais graves. Como pode ser possível atrair um público massivo e fiel para um “espetáculo” que constantemente é ignorado e distanciado pelas próprias instâncias que a ele deveriam promover?

Segundo Da Matta (1982), no Brasil, até mesmo a loteria “esportiva” está associada inteiramente ao futebol masculino. O contexto econômico do sistema em que vivemos nos tempos atuais merece notória atenção de nossa análise, pois a dimensão social do futebol brasileiro é amplamente influenciada pelo capitalismo. Para Da Matta (1982, p.15),

> Discutir futebol é, assim, especular sobre um jogo emoldurado pelo capitalismo, pelos “cartolas”, pelo dinheiro e tudo isso sempre torna a vida amarga e injusta, mas é também argumentar sobre todos os dilemas, problemas e lances que a vida necessariamente nos faz experimentar independentemente de condição social.

.

A quantidade de capital que gira em torno do futebol masculino no Brasil é tão imensa, que os cartolas do esporte se dão ao luxo de abrir mão da parcela feminina do mercado, não buscam nem criar alternativas rentáveis para que o “negócio” gere lucro aproximado ao dos homens. Entretanto, convém que tenhamos consciência que fortalecer um movimento contra-hegemônico dentro de um sistema que está dando certo no que diz respeito à manutenção de posições de poder e ideais conservadores, - um sistema que pode ser usado para o controle de massas, - pode não parecer muito interessante aos olhos de quem comanda esse cenário.

Vogel (1982, p.77) diz que: “Para muitos, entretanto, o futebol merece uma atenção desconfiada. São críticos com relação a ele porque o consideram uma espécie de ópio das massas populares”. A “atenção desconfiada” na qual o autor se refere e o “ópio” oferecido as camadas populares, podem ser associados também a uma lógica semelhante a da política do “Pão e Circo” da

Roma Antiga, modo com o qual os líderes romanos lidavam com a população em geral, para mantê-la fiel à ordem estabelecida e conquistar o seu apoio, promovendo um espetáculo para ser assistido e desviando a atenção de assuntos mais básicos e fundamentais. Embora no caso do Brasil, em muitas ocasiões até mesmo o pão esteja faltando.

Ao relembrar a derrota da seleção brasileira de futebol masculino na final da Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai, no Maracanã, diante de um cenário de absoluto favoritismo da equipe canarinho devido à excelente campanha na competição até a derradeira partida e ao fator local, Roberto Da Matta (1982, p.31) aloca ao fato o fardo de ser “talvez a maior tragédia da história contemporânea do Brasil”. Para o autor tal derrota teria sido tão devastadora por ter ocorrido em uma década em que o Brasil buscava demarcar seu local enquanto nação que possuía um grandioso destino a ser cumprido. É muito provável que Roberto Da Matta tenha repensado essa afirmação após a Copa do Mundo de 2014 e o vexatório 7x1 sofrido contra a Alemanha, entretanto, é no mínimo assustador que em um país repleto de problemas sociais, políticos e econômicos, a maior vergonha da história da nação possa ser uma partida de futebol. Medir o nível de ironia contido na frase de Da Matta (1982) seria algo impraticável, porém, é inegável que boa parte da sociedade brasileira esteja de acordo com essa ideia de “maior tragédia nacional”. É importante ressaltar também, que as eleições presidenciais no Brasil ocorrem sempre em anos de Copa do Mundo, e a partir da relevância do futebol na sociedade brasileira, seria impossível que os episódios que ocorrem em uma Copa do Mundo não influenciem no resultado das eleições, mesmo que indiretamente, ou que desviem a atenção da população do cenário político para torcer pela seleção de futebol masculino.

Segundo Vogel (1982, p.82):

> As Copas do Mundo são momentos extraordinários, dentro da rotina do futebol. Existem muitos tipos diferentes de certames no mundo futebolístico. Alguns são estritamente locais. Outros abrangem regiões ou comunidades nacionais. Nenhum, entretanto, tem a importância de uma Copa do Mundo.

Parece óbvio que em um país que se autodenomina “o país do futebol”, que um evento tão extraordinário como a Copa do Mundo possa afetar o funcionamento da lógica popular e as interpretações a cerca de decisões políticas, principalmente quando tão aproximadas temporalmente de uma eleição presidencial. Sendo os principais conglomerados midiáticos do país os grandes financiadores e patrocinadores do futebol brasileiro e também da cobertura de uma Copa do Mundo, é assustadora a possibilidade eminente de manipulação da população e dos efeitos desse processo em termos culturais, tratando-se de uma imprensa elitista, conservadora e que visa lucro.

4.3 Dimensão Documental

Com base nas nossas observações iniciais, revisão bibliográfica e mapeamento geral do contexto social; além da confecção dos capítulos teóricos do trabalho e da realização da Dimensão Institucional e Social desta análise, identificamos em conjunto extenso de dados a serem trabalhados, tipos característicos de padrões. Esses padrões nos permitiram levantar questões e abordagens recorrentes para então culminar no desenvolvimento de quatro subcategorias para caracterizar inicialmente a representação nas notícias analisadas. Analisando preliminarmente o conteúdo e o objeto há indicativos de que podemos verificar a reincidência desses padrões, indicando: a) silenciamento; b) inclusão; c) preconceito de gênero; d) indiferença. Entendemos por “silenciamento” a invisibilidade proposital, o não-dito; a “inclusão” diz respeito à identificação de possíveis aspectos positivos, uma inserção igualitária que busca atenuar ou não compactua com desigualdades recorrentes relacionadas ao futebol feminino; o “preconceito de gênero” está relacionado à exclusão proposital de sujeitos devido à questão de gênero; e entendemos por “indiferença” as características de impassibilidade e apatia nas mensagens, diante de cenários hegemônicos já pré-estabelecidos. Partiremos

destas perspectivas, porém o percurso e andamento da prática analítica detalhada podem apontar para outros caminhos valorosos que nos indiquem uma reconfiguração destes agrupamentos. Não excluímos a possibilidade de que uma matéria analisada contenha características de mais de uma subcategoria, e tampouco deixaremos de observar nosso objeto descolado do viés da mediação, para que sempre lembremos o quanto a mensagem das notícias sofre influência e influencia a vida social, numa relação dinâmica e repleta de tensionamentos que não dizem respeito apenas a parte jornalística.

4.3.1 Futebol feminino no website

Johnson (2010b) afirma que os espaços sociais na Internet precisam ser estudados como ambientes dinâmicos e vivos, e não como entidades fixas e estáveis. Estes locais devem ser marcados por ciclos de trocas comunicacionais particulares, situadas dentro de um dado contexto interacional.

O site globoesporte.com é a maior referência no Brasil em termos de informação e conteúdo esportivo gerado para Internet. O site é relativamente completo, conferindo ao menos um pequeno espaço ou página à praticamente todos os esportes praticados no país. Sem dúvidas, o futebol, esporte mais popular no país e no mundo, é o que recebe maior atenção e o que possui detalhes mais completos no site: todos os principais clubes europeus e os das séries A e B do campeonato brasileiro possuem suas próprias páginas dinâmicas, onde o público tem a possibilidade de acessar noticiais e informações diretamente sobre o clube que quiser, com conteúdo sendo gerado e atualizado diariamente. As tabelas e horários de jogos de praticamente todos os campeonatos de futebol mais acompanhados no mundo também estão disponíveis e organizadas para o público obter as informações com relativa facilidade. Até mesmo um link de atalho para o site oficial do jogador Neymar Júnior existe na aba principal do site. Entretanto, todas essas

informações dizem respeito ao futebol masculino, o futebol feminino não está incluído nesta plataforma, como se pode observar na Figura 3.

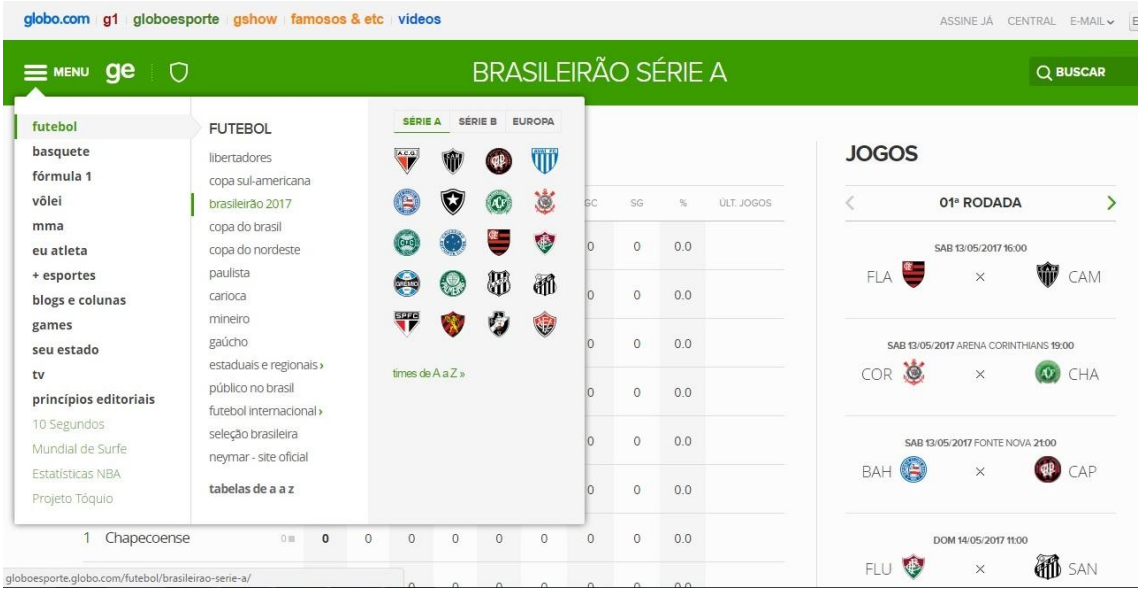

Figura 3: Atalhos do futebol no sitegloboesporte.com

Fonte: globoesporte.com

Nem mesmo utilizando as ferramentas de acesso rápido é possível acessar notícias e informações sobre o futebol feminino no site. Para tanto, é preciso fazer uma pesquisa em sites de busca para ser direcionado à página “Futebol Feminino” do globoesporte.com. Mesmo assim, a página traz apenas de um acervo de notícias, que não são atualizadas com frequência lógica, e muitas vezes com temáticas misturadas e notícias que não possuem relação com o futebol feminino. Figura 4.

Figura 4: Página do Futebol Feminino no globoesporte.com

Fonte: globoesporte.com

Existem outros locais do site com notícias relacionadas ao futebol feminino, que não a página “Futebol Feminino”. Contudo, a desorganização e aleatoriedade dos espaços onde estão veiculadas e relacionadas demonstra uma falta de cuidado com a temática que nos impossibilitou reuni-las na análise individualizada de notícias. A seguir, a apreciação detalhada das 14 notícias selecionadas para esta análise cultural documental.

4.3.2 Notícias

- Notícia 01

globo.com | g1 | globoesporte | gshow | famosos & etc | vídeos

MENU ge FUTEBOL FEMININO

24/08/2016 18h39 - Atualizado em 26/08/2016 09h19

Cunha anuncia manutenção de Vadão e da seleção feminina permanente

Após conversa com Del Nero, dirigente diz que técnico continua e que projeto do time fixo segue igual até final de 2016. Reunião com treinador definirá formato para 2017

Por Cíntia Barlem
Rio de Janeiro

FACEBOOK TWITTER

O trabalho continua. O coordenador de futebol feminino da CBF, Marco Aurélio Cunha, conversou nesta quarta-feira com o presidente Marco Polo del Nero e recebeu a garantia da permanência do técnico Vadão e da manutenção do projeto da seleção permanente até o final do ano após o quarto lugar na Rio 2016.

Figura 5: Notícia 01

Fonte: Globoesporte.com

Data: 24/08/2016

Por: Cíntia Barlém

Manchete: “Cunha anuncia manutenção de Vadão e da seleção feminina permanente (Após conversa com Del Nero, dirigente diz que técnico continua e que projeto do time fixo segue igual até final de 2016. Reunião com treinador definirá formato para 2017)”.

Link: http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/2016/08/cunha-anuncia-manutencao-de-vadao-e-da-selecao-feminina-permanente.html

Classificação: Preconceito de Gênero

Observações: Esta análise, que não desconsidera os contextos sociais e históricos por trás de uma notícia e seu posicionamento, enquadra esta notícia na categoria de preconceito de gênero. Embora relate fatos que dizem respeito à organização para o futuro da seleção brasileira feminina de futebol, demonstrando a importância de uma estruturação em longo prazo para um trabalho bem desenvolvido no esporte, das quatro pessoas referidas na matéria, três são homens. São eles: Marco Aurélio Cunha (coordenador de futebol feminino da CBF), Marco Polo Delnero (presidente da CBF) e Vadão (treinador da seleção brasileira feminina de futebol). A única mulher presente na notícia é a atleta Formiga, por se tratar de uma atleta do futebol feminino. O texto discorre sobre como três homens em posição de poder relacionam-se hierarquicamente, pensam e tomam decisões de extrema relevância para o futuro do futebol feminino, deixando as mulheres ausentes deste contexto crucial.

- Notícia 02

20/09/2016 15h29 - Atualizado em 20/09/2016 15h29

"Passou a Olimpíada e já esqueceram da gente", lamenta campeã do mundo

Aos 34, Rosana tem no currículo o único Mundial de Clubes conquistado por um time brasileiro, além de quatro Olimpíadas com a seleção brasileira de futebol feminino

Por Danilo Sardinha e Silas Pereira
São José dos Campos, SP

FACEBOOK TWITTER

Após a eliminação do Brasil na Olimpíada, há um mês, Marta fez um apelo ao povo brasileiro: "Não deixem de apoiar o futebol feminino". Pois após a medalha de ouro do Brasil no Pan de 2007, com o Maracanã lotado, o pedido da meia Rosana era semelhante.

– Foi histórico ver o Maracanã daquele jeito, apoiando o futebol feminino. Parecia um sonho

TUDO SOBRE

TV Vanguarda

Futebol Feminino

Brasil

Lyon

Paris Saint-Germain

Lucas

Figura 6: Notícia 02

Fonte: Globoesporte.com

Data: 20/09/2016

Por: Danilo Sardinha e Silas Pereira

Manchete: "Passou a Olimpíada e já esqueceram da gente", lamenta campeã do mundo. (Aos 34, Rosana tem no currículo o único Mundial de Clubes conquistado por um time brasileiro, além de quatro Olimpíadas com a seleção brasileira de futebol feminino)".

Link: http://globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/futebol/noticia/2016/09/passou-olimpiada-e-ja-esqueceram-da-gente-lamenta-campea-do-mundo.html

Classificação: Inclusão

Observações: A notícia 2 foi enquadrada na categoria de inclusão. A reportagem traz uma entrevista com a atleta Rosana dos Santos Augusto, que participou de quatro Olimpíadas como jogadora de futebol feminino. Rosana conta sobre sua carreira e relata a frustração por ter ficado de fora da lista final dos Jogos do Rio em 2016. A notícia aborda também a temática polêmica do futebol masculino x feminino e as diferenças de tratamento por parte das entidades de comando do futebol. A atleta reclama da falta de fomento ao futebol feminino brasileiro desde as categorias de base, numa comparação com a Europa Rosana cita a experiência de trabalhar como profissional na França e observar os treinamentos de uma categoria sub-7 de futebol feminino do seu clube. A reportagem é longa e bastante detalhada, levantando a polêmica da falta de estrutura para as mulheres no esporte e a necessidade de maior investimento em marketing no futebol feminino brasileiro.

- Notícia 03

Figura 7: Notícia 03

Fonte: Globoesporte.com

Data: 01/10/2016

Por: Globoesporte.com

Manchete: Com belo gol, Brasil vence a Nigéria em estreia no Mundial feminino sub-17(Micaelly brilha com chute por cobertura e dá vitória à seleção por 1 a 0, em competição disputada na Jordânia. Próximo jogo é diante da Coreia do Norte.)

Link: http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/2016/10/com-belo-gol-brasil-vence-nigeria-em-estreia-no-mundial-feminino-sub-17.html

Classificação: Indiferença

Observações: A terceira notícia dessa análise documental se enquadra na categoria que representa a indiferença com o futebol feminino. A notícia relata a vitória da seleção brasileira na estreia do mundial feminino sub-17 e chama

atenção para o fato de o gol da vitória por 1x0 ter sido muito bonito, inclusive trazendo o vídeo do tento. Entretanto, a notícia não contém nenhum aprofundamento e é extremamente curta, contendo apenas dois parágrafos breves de texto, com um conteúdo estritamente básico. A indiferença se dá pelo fato de não ser exposta nem mesmo a tabela de jogos da competição, por exemplo, nenhuma entrevista com atletas ou dirigentes, sem informações sobre transmissões ou que pudessem chamar a atenção do leitor para assistir alguma partida seguinte da competição, é uma notícia para “cumprir tabela”. Seria possível ao menos aludir quais seriam as seleções favoritas a vencer o torneio, ou mencionar as expectativas brasileiras e dados sobre a preparação da equipe.

- Notícia 04

Figura 8: Notícia 04

Fonte: Globoesporte.com

Data: 30/11/2016

Por: Guilherme Costa

Manchete: Futebol feminino: quando a campanha é melhor que o futebol apresentado

Link: http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/brasil-em-toquio/post/futebol-feminino-quando-campanha-e-melhor-que-o-futebol-apresentado.html

Classificação: Inclusão e Preconceito de Gênero

Observações: A notícia 04 é a primeira a se encaixar em mais de uma categoria de representação nesta análise, demonstrando inclusão, mas ao mesmo tempo, preconceito de gênero. A inclusão se dá por se tratar de uma crônica de um blog esportivo do website que realiza uma análise crítica sobre a temática, algo que é pouco usual em termos de futebol feminino, promovendo um espaço e debates raros e que necessitam ser realizados com maior frequência. Entretanto, a crítica é descabida e exagerada. O jornalista destaca que a participação brasileira no Mundial sub-20 feminino de 2016 rendeu a melhor colocação dos últimos oito anos, com uma eliminação nas quartas de final diante da seleção japonesa, porém coloca que o desempenho esteve muito abaixo do resultado aparente, desvalorizando o feito. O blogueiro chega a dizer inclusive que “nunca se investiu tanto em futebol feminino”, para então criticar também a performance da seleção brasileira feminina nos jogos Olímpicos de 2016, gratuitamente, pois este nem era o assunto da crônica. É de se surpreender negativamente que se condene o investimento em futebol feminino devido a não conquista de uma medalha de ouro Olímpica, uma vez que o blogueiro não detalha qual foi esse investimento numericamente e tampouco traça um contraponto com o investimento feito no futebol masculino ao longo dos anos, muito menos chama a atenção para o fato de que os investimentos atuais são fundamentais para o fortalecimento de um trabalho em longo prazo na modalidade, que ingressou no cenário Olímpico apenas em 1996 e já apresenta resultados expressivos por parte da seleção brasileira. Vale lembrar que o futebol masculino demorou 108 anos para conquistar o ouro Olímpico, fato que não foi lembrado pela matéria.

- Notícia 05

MENU ge VILA NOVA-ES BUSCAR

19/12/2016 19h04 - Atualizado em 19/12/2016 19h13

Vila Nova-ES faz 14 a 0 e garante o título do Cariaciquense Feminino 2016

Alvirrubro não teve dificuldades em golear a jovem e inexperiente equipe do Furação

Por GloboEsporte.com
Vila Velha, ES

FACEBOOK TWITTER

Se em 2015, o Vila Nova-ES venceu Selc, com a vantagem mínima na final, este ano a história foi completamente diferente. Na tarde deste domingo, jogando contra uma jovem e inexperiente equipe do Furação Independente, o Alvirrubro de Vila Velha não teve nenhuma dificuldade para fazer incríveis 14 a 0, no Engenheiro Araripe, resultado que garantiu o título do Campeonato Cariaciquense de futebol feminino 2016.

A atacante Thais foi a destaque da partida ao marcar cinco gols. Além da taça de campeão, o Vila

TUDO SOBRE

TV Gazeta (ES)

"O futebol vive de resultados", dispara Antônio Perovano, diretor
em 20/04/2017

Wagner Nascimento segue como o técnico do Vitória para a Copa ES
em 19/04/2017

Capixaba sub-17 começa com W.O. do Rio Branco e vitórias de Aracruz e Vila
em 19/04/2017

Figura 9: Notícia 05

Fonte: Globoesporte.com

Data: 19/12/2016

Por: Globoesporte.com

Manchete: Vila Nova-ES faz 14 a 0 e garante o título do Cariaciquense Feminino 2016 (Alvirrubro não teve dificuldades em golear a jovem e inexperiente equipe do Furação).

Link: http://globoesporte.globo.com/es/futebol/times/vila-nova-es/noticia/2016/12/vila-nova-es-faz-14-0-e-garante-o-titulo-do-cariaciquense-feminino-2016.html

Classificação: Indiferença

Observações: A notícia 05 foi classificada dentro da categoria da indiferença desta análise. Essa matéria é mais uma que é muito reduzida, não chegando a trazer nenhuma curiosidade ao leitor ou algo que possa despertar um interesse para fidelizar um público ou mesmo um assunto para ser comentado de modo informal no ambiente social. O relato aborda a vitória da equipe do Vila Nova-

ES na final do campeonato Cariaciquense por 14 a 0, ressaltando que a equipe adversária era inexperiente, mesmo chegando a uma final, passando certa impressão de que o nível de competitividade do campeonato é muito baixo e que não há muita graça em acompanhá-lo. Nem mesmo um tom de surpresa ou de certa forma humorístico foi adotado devido à tamanha diferença de gols no placar, apenas uma descrição insossa e indiferente.

- Notícia 06

Figura 10: Notícia 06

Fonte: Globoesporte.com

Data: 09/01/2017

Por: Marin Fernandez e Ivan Raupp

Manchete: Em novo prêmio, Fifa deve coroar ano perfeito de Cristiano Ronaldo (Português concorre ao "The Best" com Messi e Griezmann nesta segunda, a partir das 15h30. Brasil tem volta de Marta ao pódio feminino e Marlone na briga pelo Puskás)

Link: http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2017/01/em-novo-premio-fifa-deve-coroar-ano-perfeito-de-cristiano-ronaldo.html

Classificação: Silenciamento

Observações: A notícia 06 demonstra um viés claro de silenciamento em seu conteúdo. Como já é perceptível na manchete da reportagem, o texto dá prioridade total à premiação de Cristiano Ronaldo e demais curiosidades do futebol masculino, colocando as mulheres em segundo plano, com uma curta referência a uma premiação feminina que envolve uma brasileira. A reportagem é longa e detalhada, contém inclusive uma retrospectiva especificando todos os homens ganhadores do prêmio de melhor do mundo desde 1991 um a um, além planear o rendimento anual de Cristiano Ronaldo, Griezzman e Messi, os concorrentes ao prêmio de melhor jogador do mundo. Também há uma deliberação a respeito dos três homens indicados a melhores treinadores do mundo e suas probabilidades de vencer. É válido ressaltar que existe a mesma premiação para as treinadoras mulheres e isso não é colocado em nenhum momento. As mulheres são mencionadas apenas em um pequeno parágrafo que ressalta o fato da brasileira Marta voltar a estar entre as três finalistas da premiação anual da FIFA de melhor jogadora do mundo, invisibilisando a modalidade feminina de modo proposital e evidente.

- Notícia 07

MENU ge TUNA LUSO BUSCAR

09/02/2017 17h06 - Atualizado em 09/02/2017 17h06

Tuna realiza peneira para o futebol feminino nos próximos dias 17 e 18

Diretoria planeja encontrar talentos para a disputa da Copa do Brasil da categoria, competição ainda sem calendário definido pela Confederação Brasileira de Futebol

Por GloboEsporte.com
Belém

FACEBOOK TWITTER

A equipe da Tuna Luso vai realizar uma seletiva para o futebol feminino nos próximos dias 17 e 18 de fevereiro. A iniciativa do clube visa escolher jogadores para o time que vai disputar a Copa do Brasil da categoria, que ainda não teve calendário divulgado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

TUDO SOBRE

TV Liberal

Danilinho exalta estre contra o Fortaleza, e Labarthe quer virar íd
em 02/05/2017

Folha do Remo na Série C vai dobrar maior salário será de até R$ 25 mil
em 01/05/2017

Confira a íntegra do GE na Rede dest segunda-feira, feriado do trabalhador
em 01/05/2017

Titulares participam d

Figura 11: Notícia 07

Fonte: Globoesporte.com

Data: 09/02/2017

Por: Globoesporte.com

Manchete: Tuna realiza peneira para o futebol feminino nos próximos dias 17 e 18 (Diretoria planeja encontrar talentos para a disputa da Copa do Brasil da categoria, competição ainda sem calendário definido pela Confederação Brasileira de Futebol)

Link: http://globoesporte.globo.com/pa/futebol/times/tuna-luso/noticia/2017/02/tuna-realiza-peneira-para-o-futebol-feminino-nos-proximos-dias-17-e-18.html

Classificação: Inclusão

Observações: A notícia 07 foi categorizada com o viés de inclusão por se tratar de uma notícia que informa e incentiva as oportunidades para atletas do futebol feminino. O texto é bastante curto e possui apenas dois parágrafos, mas comunica a quem possa se interessar que o clube de futebol feminino Tuna Luso realizara uma “peneira”, gíria futebolística para “avaliação” ou “teste”, para encontrar novos talentos que possam compor o seu elenco que participará da Copa do Brasil feminina. Uma pequena nota ao final da matéria ainda avisa horário, data, local do acontecimento, além do contato dos organizadores do evento.

- Notícia 08

MENU ge GRÊMIO BUSCAR

26/03/2017 17h47 - Atualizado em 26/03/2017 17h56

Grêmio é goleado pelo Corinthians e sofre o 1º revés no Brasileirão feminino

Time que reúne a Seleção Gaúcha perdeu por 5 a 0 neste domingo, em Eldorado

Por GloboEsporte.com
Porto Alegre

FACEBOOK TWITTER

A AGFF/Grêmio recebeu o líder Corinthians na tarde deste domingo, em Eldorado do Sul, e foi goleado por 5 a 0 pelo Grupo 1 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. Os gols foram marcados por Gabi Nunes, Carol, Grazi, Byanca Brasil e Amanda. É a primeira derrota do time gaúcho na competição, que segue na quarta posição da chave com quatro pontos. Já os paulistas seguem com 100% de aproveitamento em três jogos.

TUDO SOBRE

RBS RS

BLOG: A plenitude do futebol
em 16/12/2017

BLOG: Aquele que é imortal
em 15/12/2017

BLOG: Está acontecendo
em 12/12/2017

Figura 12: Notícia 08

Fonte: Globoesporte.com

Data: 26 /03/2017

Por: Globoesporte.com

Manchete: Grêmio é goleado pelo Corinthians e sofre o 1º revés no Brasileirão feminino (Time que reúne a Seleção Gaúcha perdeu por 5 a 0 neste domingo, em Eldorado).

Link:
http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2017/03/gremio-e-goleado-pelo-corinthians-e-sofre-o-1-reves-no-brasileirao-feminino.html

Classificação: Silenciamento

Observações: A notícia 08 foi categorizada como uma representação de silenciamento do futebol feminino. Sem entrevistas ou maiores explicações, a concisa matéria simplesmente relata o resultado de uma partida entre Grêmio e Corinthians e as autoras dos gols, com breves informações sobre o campeonato, sem dar voz a nenhuma atleta ou integrantes das comissões

técnicas das equipes. A notícia não aborda o contexto ou história do jogo, não traz nenhuma curiosidade sobre confrontos anteriores entre os times e não cria e divulga nenhum atrativo ao público leitor, como se as pessoas realmente não se interessassem pelo ocorrido e nem pela competição, ainda por cima focando na equipe que foi “goleada” e não na que “goleou”, priorizando um viés negativo.

- Notícia 09

Figura 13: Notícia 09

Fonte: Globoesporte.com

Data: 13/04/2017

Por: Globoesporte.com

Manchete: Com sequência de jogos, Márcio deve poupar jogadoras contra Corinthians (Técnico do São José comemora triunfo sobre Vitória no Brasileiro e diz que o time está chegando "devagar" na parte de cima; Águia encara Corinthians pelo estadual).

Link: http://globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2017/04/com-sequencia-de-jogos-marcio-deve-poupar-jogadoras-contra-corinthians.html

Classificação: Inclusão e Preconceito de Gênero

Observações: A notícia 09, assim como a notícia 08 também está relacionada com a equipe de futebol feminino do Corinthians, e foi enquadrada nas categorias de inclusão e preconceito de gênero. Diferentemente da notícia anterior, esta reportagem é mais longa e traz vários componentes interessantes sobre o campeonato paulista feminino e sobre o histórico de duelos entre as duas equipes envolvidas, São José e Corinthians, contendo até mesmo uma entrevista com o treinador do São José que comenta a sua expectativa para a partida e a evolução de sua equipe ao longo do torneio. Entretanto é interessante ressaltar que o técnico da equipe, Márcio Oliveira, é um homem, e é o único a receber voz na reportagem. Nenhuma mulher tem sequer o nome mencionado na matéria.

- Notícia 10

Figura 14: Notícia 10

Fonte: Globoesporte.com

Data: 30/05/2017

Por: Sportv.com

Manchete: Copa do Brasil, surfe em Fiji e meninas do futebol são atrações nesta quarta (Canal Campeão vai transmitir quatro jogos de volta do mata-mata das oitavas da segunda maior competição nacional. Copa do Mundo Sub-20 também é destaque).

Link: http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2017/05/copa-do-brasil-surfe-em-fiji-e-meninas-do-futebol-sao-atracoes-nesta-quarta.html

Classificação: Indiferença

Observações: A décima notícia analisada representa indiferença com o futebol feminino. A reportagem é uma chamada para uma quarta-feira de muita transmissão esportiva nos canais Sportv, as veias do esporte do Grupo Globo na televisão por assinatura. A chamada anuncia a transmissão de uma etapa do campeonato mundial feminino de surfe, do mundial de tênis de mesa, além de quatro jogos da Copa do Brasil masculina de futebol, um jogo da Copa Sulamericana de futebol masculino e uma partida do Mundial Sub-20 de futebol masculino. Os jogos da Copa do Brasil masculina são os grandes destaques do texto e recebem atenção especial, com um parágrafo para cada partida que delineia o ambiente de cada enfrentamento e as perspectivas e resultados necessários para que as equipes avancem de fase, acrescentando ainda algumas curiosidades sobre o comando técnico dos clubes. Sobre o jogo do futebol feminino, algumas linhas descrevem o horário da partida e a equipe que fará a transmissão do evento.

- Notícia 11

Figura 15: Notícia 11

Fonte: Globoesporte.com

Data: 13/06/2017

Por: Globoesporte.com

Manchete: Iranduba usa semana 'relax' para estudar o Flamengo e corrigir falhas (Time usou pausa no Brasileirão feminino para se preparar para o jogo de ida contra o Rubro Negro, que será nesta quinta, no Rio de Janeiro. Hulk decide vaga no dia 21, em Manaus).

Link:

https://globoesporte.globo.com/am/futebol/times/iranduba/noticia/iranduba-usa-semana-relax-para-estudar-o-flamengo-e-corrigir-falhas.ghtml

Classificação: Inclusão

Observações: A notícia 11 da análise desta pesquisa se encaixa numa representação que inclui o futebol feminino no contexto social e esportivo

brasileiro. A matéria envolve a partida do jogo de ida das quartas de final da Copa do Brasil feminina entre a equipe amazonense do Iranduba contra o Flamengo, do Rio de Janeiro. A reportagem situa o leitor ao contexto do campeonato, de uma forma que atrai o público a acompanhar a partida e o restante da competição. O texto contém ainda depoimentos da goleira Rubi e da volante Cris, da equipe do Amazonas. As atletas discorrem inclusive sobre a conjunção tática necessária para enfrentar as adversárias e ressaltam a dificuldade de mesmo atuando em casa, duelar contra o Flamengo, clube considerado o de maior torcida do mundo, e que conta com milhões de fãs também em Manaus.

- Notícia 12

MENU ge CORINTHIANS BUSCAR

Destaque do Corinthians feminino aprendeu a jogar com garrafas pet

Pai de Byanca Brasil queria que ela fizesse atletismo. Hoje, atacante é principal jogadora do Timão e vice-artilheira do Brasileiro feminino às vésperas de final contra o Santos

Por Camila Silva e Mauricio Oliveira, São Paulo
20/07/2017 09h00 - Atualizado 20/07/2017 15h09

Se dependesse do pai, a principal atacante do time feminino do Corinthians, que disputa nesta quinta-feira a final do Campeonato Brasileiro, às 18h (horário de Brasília) contra o Santos, seria hoje uma

Figura 16: Notícia 12

Fonte: Globoesporte.com

Data: 27/07/2017

Por: Camila Silva e Mauricio Oliveira

Manchete: Destaque do Corinthians feminino aprendeu a jogar com garrafas pet (Pai de Byanca Brasil queria que ela fizesse atletismo. Hoje, atacante é

principal jogadora do Timão e vice-artilheira do Brasileiro feminino às vésperas de final contra o Santos)

Link: https://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/destaque-do-corinthians-feminino-aprendeu-a-jogar-com-garrafas-pet.ghtml

Classificação: Inclusão

Observações: A reportagem de número 12 desta análise se enquadra numa representação admirável de inclusão do futebol feminino, mais do que isso, é um exemplo ideal do tipo de notícia que precisa ser veiculada nos meios de comunicação e no site analisado. A matéria trata-se de uma emocionante e bonita história de vida, que conta a trajetória de uma jogadora de futebol que passou por muitas dificuldades na carreira e no âmbito pessoal até se destacar na equipe profissional do Corinthians. O texto descreve que o pai da atleta Byanca, um ex-atleta de atletismo, queria que a filha seguisse o mesmo caminho, porém a garota descobriu uma outra paixão ao treinar ao lado de um campo de futebol, e ao arriscar alguns chutes despretensiosos se encantou com o esporte e decidiu seguir o caminho necessário para se tornar uma jogadora profissional. Byanca Brasil, então desprovida de habilidades e técnicas futebolísticas passou a ser treinada em casa diariamente pelo pai Átila, que acabou aceitando e apoiando o sonho da filha, apesar das dificuldades financeiras que a família enfrentava. Depois de ser reprovada em algumas peneiras, Byanca atingiu um alto nível técnico e físico através de seus treinamentos e se tornou profissional. A reportagem possui depoimentos inspiradores de Byanca e de seu pai e é bastante detalhada, dando o devido espaço ao futebol feminino e a carreira de uma atleta que enfrentou inúmeras barreiras para se tornar jogadora de futebol.

- Notícia 13

Figura 17: Notícia 13

Fonte: Globoesporte.com

Data: 11/08/2017

Por: Larissa Keren

Manchete: Bota-PB vai lançar projeto para incentivar meninas de 12 a 17 anos a jogar futebol (De acordo com Gleide Costa, a intenção é ensinar as meninas que queiram jogar futebol as regras e como praticar o esporte. Elas vão treinar uma vez por semana na Maravilha).

Link: https://globoesporte.globo.com/pb/noticia/bota-pb-vai-lancar-projeto-para-incentivar-meninas-de-12-a-17-anos-a-jogar-futebol.ghtml

Classificação: Inclusão e Preconceito de Gênero

Observações: A notícia 13 é mais uma que se enquadra na categoria de inclusão. Retrata um projeto social da equipe do Botafogo da Paraíba para incentivar a iniciação de meninas à prática do futebol. Apesar de reduzida, a

matéria é completa e explica detalhes sobre o funcionamento do projeto, que terá seus horários de treinamento anteriormente da equipe profissional feminina do Botafogo, permitindo uma troca de experiência que tem muito a agregar às jovens atletas e que elas se inspirem ao ter um contato tão próximo com jogadoras profissionais. É válido ressaltar, entretanto, a detecção do preconceito de gênero, devido ao nome do projeto: “Belas Meninas”, que pode ser interpretado como uma referência a um atributo físico das atletas, algo que não deveria importar, e que historicamente ocorre com frequência na mídia e na sociedade em geral, e até mesmo por parte das autoridades da modalidade.

- Notícia 14

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Emily Lima é demitida do comando da seleção feminina

Vadão é o nome preferido para assumir e assim retornar ao comando do time

Por Cintia Barlem, Rio de Janeiro
22/09/2017 12h15 - Atualizado 22/09/2017 16h10

A técnica Emily foi demitida nesta sexta-feira pelo presidente da CBF, Marco Polo del Nero, após reunião na sede da entidade. A treinadora assumiu o comando da seleção feminina em novembro de 2016 para iniciar o novo ciclo para a disputa do Mundial e também

Figura 18: Notícia 14

Fonte: Globoesporte.com

Data: 22/09/2017

Por: Cintia Barlem

Manchete: Emily Lima é demitida do comando da seleção feminina (Vadão é o nome preferido para assumir e assim retornar ao comando do time).

Link: https://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/emily-lima-e-demitida-do-comando-da-selecao-feminina.ghtml

Classificação: Preconceito de Gênero, Indiferença e Silenciamento

Observações: A última notícia desta análise foi a única a ser enquadrada em três categorias diferentes de representação do futebol feminino, apesar de ser uma matéria curta, e três eixos negativos diga-se. Também se destaca o fato de que é uma notícia assinada pela mesma jornalista da notícia 01, que também apresentou preconceito de gênero, sendo as duas únicas notícias com assinatura repetida. A reportagem relata a demissão da então treinadora da seleção brasileira de futebol feminino, Emily Lima. A indiferença se dá pelo fato de não haver nenhuma problematização ou análise de desempenho da equipe e do contexto que levaram à demissão da treinadora, é simplesmente um relato do ocorrido. O substituto mais cotado pela notícia, que posteriormente acabou realmente se confirmando no cargo é Vadão, o treinador anterior à Emily, demonstrando características de preconceito de gênero, pois as autoridades competentes não se deram ao trabalho nem ao menos de buscar outra mulher para o cargo, ou então um homem diferente, parecendo uma troca simples de gênero. O silenciamento ocorre pela ausência de entrevistas, da oportunidade de Emily colocar a sua posição sobre os acontecimentos, de esclarecimentos por parte de dirigentes da CBF, e também ao não dar voz para as atletas da seleção, apesar delas se demonstrarem favoráveis a permanência de Emily.

Contagem total por categorias:

Inclusão: 7 notícias;
Preconceito de gênero: 5 notícias;
Indiferença: 4 notícias;
Silenciamento: 3 notícias.

Notícia	Inclusão	Preconceito	Silenciamento	Indiferença	Data
01		X			Ago/16
02	X				Set/16
03				X	Out/16
04	X	X			Nov/16
05				X	Dez/16
06			X		Jan/17
07	X				Fev/17
08			X		Mar/17
09	X	X			Abr/17
10				X	Mai/17
11	X				Jun/17
12	X				Jul/17
13	X	X			Ago/17
14		X	X	X	Set/17

4.4. Mediação

De acordo com Gastaldo (2003), por vivermos em um mundo de significados, as interpretações que as pessoas fazem de suas “vidas reais” sempre serão mediadas pela cultura. Ao encarar a cultura como significados compartilhados pelos membros de um grupo, compreenderemos que “noção de realidade” dos seres humanos é social e culturalmente construída, vinculadas aos contextos de realidades que os indivíduos se inserem.

No Brasil, a participação da mediação no acesso ao esporte também cria novas configurações de realidade dentro do campo de futebol, a partir de um metadiscurso midiatizado. Segundo Gastaldo (2003) é muito frequente que os torcedores presentes em um estádio de futebol para assistirem a uma partida, façam uso de radinhos de pilha para escutarem a narração da partida em tempo real. Dessa forma buscam uma validação para o que seus olhos estão vislumbrando e “compreenderem” o que de fato está acontecendo a partir da autoridade do narrador, que tem o poder de “definir” os fatos e esclarecer os lances.

Para Butler (2015) a representação e o gênero servem como termos centrais de um processo político que busca legitimar e visibilizar o feminino como político. Por outro lado, os termos podem operacionalizar funções normativas de uma linguagem que estaria desse modo, distorcendo o que se tem como verdade sobre a categoria mulheres. A mediação faz o fechamento dessa análise, a partir da intersecção de três grandes dimensões: Institucional, Social e Documental. Pensar a mediação como um processo interativo e dinâmico que intermedia relações e transforma tendências é uma perspectiva que nos permite condenar as estruturas que legitimam desigualdades, entre os gêneros, por exemplo. Entretanto esse viés abre um leque de possibilidades de alteração de cenários negativos e avanços no que diz respeito ao combate as indiferenças sociais e ao fortalecimento de grupos minoritários e contra-hegemônicos, principalmente ao analisarmos um ambiente online, que se caracteriza por sua condição movediça e maleável.

Tendo essas premissas em vista, é neste trecho da análise que buscaremos também esclarecer que em diversos momentos, preconceito, exclusão ou silenciamento detectados nas notícias analisadas, por exemplo, não significam necessariamente manipulação ou perversidade do jornalista e da imprensa de modo geral. Essas dificuldades fazem parte de um contexto amplo, reflexos – não diretos, mas mediados – de problemas sociais históricos. Não buscamos isentar a mídia de suas falhas, e nem ignorar o compromisso social de um comunicador com seu público, apenas não acreditamos que, apontar vilões e culpabilizar uma única esfera por desigualdades sociais graves e complexas, seja o caminho adequado em uma análise cultural que procura ser coerente e justa.

Silvana Goellner (2005, p.150) traz uma reflexão primordial que está relacionada a um processo complexo e decisivo de mediação,

> [...] em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar, o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas para conquistar, mas, sobretudo, a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também seu. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdade.

A diversidade cultural necessita descobrir espaço nos meios de comunicação de massa. De fato, o ambiente público, pode deixar de ser um lugar autônomo para ser conduzida pelas normas do mercado, estabelecendo-se uma mídia comercial. Esta discussão pode ser vista como um enorme paradoxo no que diz respeito à Comunicação Social no Brasil e ao fato de um direito público ser controlado por empresas privadas. No exemplo do futebol brasileiro também, some-se o fato de a Rede Globo ser a principal financiadora e patrocinadora da modalidade no país, dessa forma inegavelmente ficando comprometida quanto à isenção de suas notícias esportivas devido a sua função de investidora econômica.

Historicamente, se no passado a mulher era preterida do esporte por ser considerada frágil, com o passar do tempo passou-se a erotizar a relação feminina com as modalidades esportivas. É visível atualmente a diminuição do apelo sexual por parte da mídia, principalmente no futebol, entretanto, é preciso ir além, necessitamos avançar. A importante influência que o conceito de mediação e que as mídias como um todo podem exercer sobre as representações sociais, possibilita que, se necessário, elas sejam utilizadas como ferramenta de poder, indicando tendências e moderando as pautas sociais de acordo com seus desejos. Por que não se pode utilizar desse poder para algo positivo? Cria-se todo o tipo de alternativa e variedade de programas, propagandas, coberturas, promoções e campanhas com relação ao futebol masculino. Não é possível deixar o futebol feminino mais atrativo para o público?

Devide (2005, p.70) coloca: “O problema é mais amplo do que a simples desigualdade a cobertura da mídia em relação aos esportes femininos, pois isso tem reflexos desastrosos no fortalecimento das barreiras para a participação das mulheres no esporte”.

O preconceito de gênero detectado na análise da Notícia 01, por exemplo, a partir de uma comunicação mediada por computadores, está intimamente conectado com aquilo que se dá na cultura vivida, um preconceito de gênero histórico e complexo, retratado em um registro documental por meio da notícia. Esse tipo de preconceito pode ser associado a uma ideologia machista que sempre se colocou como hegemônica nas sociedades. Diante disso precisamos de uma regulação própria, da esfera institucional que

proponha obrigatoriedades legais para que as mulheres ocupem estes espaços, entrelaçando assim as três dimensões de análise, articuladas aqui pela mediação e amarrando os esforços feitos pela pesquisa até então.

Silverstone (2011) aponta que é necessário que se compreenda como surgem os significados do processo de mediação para que se identifique em que momentos o processo falha ou é distorcido. Segundo Silverstone (2011,p. 43): “Precisamos compreender sua política: sua vulnerabilidade ao exercício do poder; sua dependência do trabalho de instituições e de indivíduos [...]”. Dessa forma, pode-se associar esse preconceito de gênero a um momento de falha no processo de mediação, devido, entre outros diversos fatores, a sua vulnerabilidade ao exercício do poder.

A indiferença identificada na notícia 10, em uma chamada de programação que ressalta detalhadamente os jogos de futebol masculino e cita brevemente o feminino, pode estar associada também a uma questão de audiência e da preferência do público, embora seja o papel da mídia que transmite os jogos, justamente realizar a uma mediação que aproxime o seu telespectador do seu produto, com o intuito de promover mais os jogos de futebol feminino. Até mesmo mercadologicamente seria uma estratégia mais apropriada do que ser indiferente a um produto que se tenta vender.

A notícia 08 que foi categorizada em uma representação de silenciamento apresenta uma característica muito comum de invisibilidade do futebol feminino. Trata-se de um silêncio literal, ao não dar oportunidade às atletas de falarem, de concederem uma entrevista prolongada, de clamarem por seu espaço, de exporem suas expectativas quanto os jogos e competições, quanto ao esporte de modo geral, de dizerem coisas que provavelmente confrontariam os valores patriarcais da sociedade e do conservadorismo institucional do Grupo Globo.

Da Matta (1982, p.16), afirma que:

> [...] cada sociedade tem o futebol que merece, pois ela o molda e projeta nele um conjunto de temas que lhe são básicos. No caso brasileiro, devo constatar junto com os cronistas esportivos e os jornalistas mais sensíveis, o futebol foi capaz de servir de palco para muitas preocupações e esperanças do povo brasileiro.

Dessa forma, elogiar o processo de inclusão evidenciado em algumas notícias pode ser muito delicado e precoce, pois apesar de ser uma representação a se celebrar, que passa também por um procedimento de mediação, o espaço concedido às mulheres ligadas ao futebol nos veículos de comunicação e na sociedade de modo global ainda é insuficiente para amenizar a histórica disparidade de tratamento entre homens e mulheres com relação a essa temática e na grande maioria dos hábitos sociais. Se o futebol é capaz de servir como palco de preocupações e esperanças do povo brasileiro através de significações que moldam os valores da sociedade e vice-versa, a profunda inserção e reflexão a respeito de causas minoritárias e de injustiça social nunca foram tão urgentes na modalidade esportiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental que os meios midiáticos desempenhem um papel conciliador e de aproximação para que diferentes identidades possam dialogar com tranquilidade e coexistir em suas diversidades. A falta de visibilidade do futebol feminino no site analisado é gritante. Apesar da metade das notícias analisadas apresentarem representações positivas de inclusão, foram encontradas doze representações negativas de preconceito, indiferença ou silenciamento, dentre catorze reportagens.

A resposta para o questionamento de “como são produzidas e mediadas as representações do futebol feminino no site globoesporte.com?” é extremamente complexa, e demandou o esforço de toda a composição da pesquisa, desde sua trajetória teórica e revisão bibliográfica, passando pela elaboração de uma metodologia própria que nos levasse a cumprir com os objetivos propostos, até finalmente culminar na análise final dividida em dimensões, que apontou para traços de preconceito de gênero, indiferença, silenciamento, mas também inclusão no que diz respeito as representações do futebol feminino. A mediação pela esfera institucional da elaboração do conteúdo do site analisado se caracteriza por possuir marcantes influências ideológicas hegemônicas que regulam a produção dessas representações midiáticas, comprovadas na análise documental das notícias selecionadas. Entretanto, esses padrões de representação que categorizamos em quatro eixos na análise, fazem parte também de um contexto social, que historicamente não elimina de modo definitivo estruturas residuais de ideologias hegemônicas e valores conservadores e patriarcais, embora existam exemplos de caráter positivo. Faz-se necessário que se discutam quais são as representações contempladas por esses discursos, e de que forma são trazidas à tona. É plausível ressaltar, no caso brasileiro, que os grupos culturais dominantes e hegemônicos, aqueles que frequentemente estão nas principais posições de poder nas esferas governamentais e midiáticas, recebem evidente preferência e tem seus hábitos sociais e culturais dados com mais naturalidade do que as culturas populares e minoritárias. No exemplo do futebol: existe de fato o interesse de que essas representações sejam trabalhadas de forma

igualitária? Ainda, esses grupos possuem igual poder de negociação diante as diferenças a eles impostas?

Os objetivos que nos propomos a desempenhar no princípio do estudo, ao analisar a forma como ocorrem as representações do futebol feminino no site globoesporte.com puderam ser satisfeitos ao finalizarmos esse trabalho. Verificou-se que as temáticas referentes ao futebol feminino são posicionadas de maneira desigual e pouco inclusiva no site de notícias pesquisado. Ao problematizar reflexões sobre o recorte de gênero no futebol brasileiro, foi possível perceber que a mediação das representações do futebol feminino se dá a partir do encontro de esferas institucionais, documentais e sociais, havendo um processo constante e histórico de exclusão na contramão de um emergente movimento de inclusão, que ainda necessita encontrar mais ambientes favoráveis e hospitaleiros nos meios midiáticos e na sociedade brasileira de modo geral.

É primordial que se reflita sobre o rumo e as tendências de nossas sociedades mais modernas, estendendo a crítica ao âmbito esportivo, que reflete grande parte das desigualdades sociais. Em que momento estaremos preparados para acolher de modo igualitário a pluralidade de representações sociais conviventes? O estranhamento que determinadas identidades emergentes causam nas predominantes demonstram a urgência na missão dos meios midiáticos e da Comunicação Social em trabalharem em prol da subtração de preconceitos ao invés de ressaltar estereótipos. A luta por um mundo melhor passa pela utilização dos mecanismos de Comunicação Social com responsabilidade e integridade, inclusive no campo do futebol.

Morigi (2004) diz que as representações sociais estão baseadas em valores e princípios de moralidade a partir do qual os indivíduos e grupos sociais se norteiam para edificar e reconstruírem os sentidos de suas ações. Nesse contexto, os meios de comunicação seriam responsáveis, juntamente com os movimentos sociais e a sociedade civil por uma renovada noção de política e moral pública. Dessa forma, é possível que esses meios sejam instrumentos decisivos na recriação de representações sociais, capazes de mobilizar a vontade coletiva em prol de causas de diminuição de diferenças e injustiças sociais por exemplo.

No Brasil, o esporte futebol diversas vezes é acusado de funcionar como porta de entrada para a violência e problemas sociais, porém é importante refletir: se todos os esforços das mais variadas instituições e autoridades não são capazes de acabar com a exclusão, violência, vandalismo e preconceitos, o futebol será capaz disso? É necessário que as autoridades e a mídia compreendam a dimensão cultural do que o futebol representa para o brasileiro e utilizem isso para promover a paz, a inclusão e a igualdade não apenas no esporte, mas em todas as esferas da sociedade.

A falta de organização e de zelo do website com relação ao futebol feminino foi uma constante limitação encontrada na realização deste estudo, dificultando uma análise ainda mais detalhada em alguns momentos. Os limites, inclusive do idioma português e da linguagem de forma geral, que priorizam denominações masculinas quando se busca referir à pluralidade e ao global principalmente em termos conectados ao âmbito esportivo também chamaram a atenção do pesquisador. Conduto, os obstáculos enfrentados por pesquisas com essa temática apontam para oportunidades de maior problematização e diversas abordagens de continuidade a esse trabalho e ainda para a existência de espaço para que novos pesquisadores aprofundem os estudos a partir de variados ângulos de análise e possibilidades inovadoras. A discussão sobre as mulheres no futebol e a relação de gênero no cenário esportivo precisa ampliar seus locais de debate acadêmico, são urgentes mais espaços para reflexões críticas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

COIRO-MORAES, Ana Luiza. **A análise cultural**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 24º Encontro da Compós, em Brasília, de 9 a 17 de junho de 2015. Disponível em http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-4df33669-bb03-4c83-92ab-62fbe023bb30_2825.pdf.

____. **A análise cultural**: um método de procedimentos em pesquisas. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação. Vol. 4, nº 7, 2016.

DaMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMATTA (Org.) **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (p.133-166)

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre. n. 28. 2005. Disponível em: http://revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/447/374

GASTALDO, E. L. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, ano 1, n.10, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. (p.17-38)

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,** v. 19, n. 2, p. 143–151, jun. 2005.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vols. 1, 2, 3 e 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Thompson, Kenneth (org.) Media and cultural regulation. Inglaterra, 1997a. Publicado **Educação & Realidade** com a autorização do autor. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa.

_____ (1997b). The work of representation. In: HALL, S. (org.) **Representation**: cultural representation and signifying practices. Londres: Sage/The Open University.

JODELET, D.: Représentations sociales: un domaine en expansion. *In* D. **Jodelet** (Ed.) **Les representations socials.** Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

JOHNSON, R. Estudos Culturais: Uma introdução. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: Silva, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010a. (p.07-131)

JOHNSON, T. **Pesquisa social mediada por computador**: questões, metodologia e técnicas qualitativas/ Telma Johnson. Rio de Janeiro: E-papers, 2010b.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1987.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria da comunicação:** ideias, conceitos e métodos. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MORIGI, Valdir José. Teoria Social, Comunicação: Representações Sociais, Produção de Sentidos e Construção dos Imaginários Midiáticos. In: **Revista Eletrônica E-Compós**, n.1. dez. 2004. Disponível em: < http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/9/10>.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa história. **História,** São Paulo, v.24, n.1, p 77-98, 2005.

REGUILLO, Rossana. El otro antropológico. **Poder y representación en una contemporaneidad sobresaltada**. Anàlisi, n. 29, 2002. Disponível em: < http://www.raco.cat/index.php/Analisi/article/view/15119 >

ROSARIO, Nísia Martins. A via da complementariedade: reflexões sobre a análise de sentidos e seus percursos metodológicos. **Metodologias de pesquisa e comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RUBIO, Katia. **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

SCHULMAN, Norma. O Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (p.167-229)

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2011.

VOGEL, A. O Momento Feliz, Reflexões sobre o futebol e o athos nacional. In: DaMATTA (Org.) **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (p.7-72)